

módulo

ARQUITETURA IMPRESSA E GÊNERO

AU

projeto

ACRÓPOLE

Representações e invisibilidades
das arquitetas nas revistas
especializadas brasileiras

habitat





UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE RECIFE

MARIA AFRA DANTAS BARBOSA

**ARQUITETURA IMPRESSA E GÊNERO: Representações e invisibilidades das
arquitetas nas revistas especializadas brasileiras (1950-2025)**

RECIFE

2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DE RECIFE

ARQUITETURA E URBANISMO

MARIA AFRA DANTAS BARBOSA

**ARQUITETURA IMPRESSA E GÊNERO: Representações e invisibilidades das
arquitetas nas revistas especializadas brasileiras (1950-2025)**

TCC apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Recife, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Guilah Naslavsky

RECIFE

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Dantas Barbosa, Maria Afra.

Arquitetura impressa e gênero: Representações e invisibilidades das
arquitetas nas revistas especializadas brasileiras (1950-2025) / Maria Afra
Dantas Barbosa. - Recife, 2026.

115 p. : il., tab.

Orientador(a): Guilah Naslavsky

Coorientador(a): - -

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2026.

9,00.

Inclui referências, apêndices.

1. Gênero. 2. Arquitetura Impressa. 3. Invisibilidade. I. Naslavsky, Guilah
. (Orientação). II. -, -. (Coorientação). IV. Título.

300 CDD (22.ed.)

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria de Fátima Dantas; ao meu pai, João Luís Raposo Barbosa; ao meu irmão, Pedro Augusto Dantas Barbosa e às minhas falecidas avós, Maria Afra Vilar Dantas e Erna Raposo Barbosa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, expresso minha gratidão pela vida, pela força e pela sabedoria concedidas ao longo de toda a minha trajetória, tornando possível a realização deste trabalho e a concretização de mais uma etapa da minha formação.

Aos meus pais, Maria de Fátima Dantas e João Luís Raposo Barbosa, manifesto minha gratidão por todo o apoio, amor, carinho e cuidado ao longo da minha vida. Agradeço, especialmente, pelo incentivo constante aos estudos e pela base intelectual e humana que sempre me proporcionaram, fundamentais para a construção do meu pensamento crítico e para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu irmão, Pedro Augusto Dantas Barbosa, agradeço pelo apoio, companheirismo e incentivo durante toda a minha trajetória acadêmica, contribuindo para que eu permanecesse firme até a conclusão desta etapa.

À minha professora e orientadora, Guilah Naslavsky, registro meu sincero agradecimento pela orientação, dedicação e contribuições ao longo da elaboração deste trabalho, os quais foram essenciais para a minha formação acadêmica.

Ao meu namorado, João Victor Monteiro, agradeço pelo apoio constante, pela compreensão, pelo incentivo e por estar presente tanto nos momentos desafiadores quanto nas conquistas ao longo dessa caminhada.

À minha amiga Luísa Góes, agradeço pela amizade e parceria ao longo de todos esses anos. Desde o ensino médio, compartilhamos diferentes etapas da nossa trajetória, incluindo trabalhos acadêmicos, desafios e conquistas que marcaram esse percurso. Agradeço pela companhia, pela troca de experiências e pelo apoio constante ao longo dessa caminhada.

A todos, deixo meu reconhecimento e minha gratidão por tornarem possível a realização deste trabalho e a conclusão de mais uma etapa da minha formação acadêmica.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga como as arquitetas brasileiras foram representadas e, sobretudo, silenciadas nas principais revistas especializadas em circulação entre as décadas de 1950 a 2025. Partindo da compreensão de que a produção arquitetônica moderna no Brasil foi amplamente difundida e legitimada por meio da mídia impressa, analisa-se o modo como as relações de gênero atravessaram esse processo de construção discursiva. A pesquisa examina cinco periódicos de grande relevância para a historiografia da arquitetura: Acrópole, Habitat, Módulo, Projeto e a revista Arquitetura e Urbanismo (AU), buscando identificar a presença feminina, os temas abordados por essas profissionais e os mecanismos de invisibilidade que atuaram na desvalorização ou apagamento de suas contribuições. A partir de uma abordagem quantitativa, o estudo evidencia como padrões editoriais, práticas sociais e estruturas simbólicas condicionaram o reconhecimento da autoria arquitetônica. Os resultados demonstram que a representação feminina nas revistas analisadas não reflete a real participação das mulheres na produção arquitetônica do período, revelando assim um descompasso entre prática profissional e memória disciplinar. Ao propor uma revisão crítica dessas publicações, esta pesquisa contribui para o debate contemporâneo sobre gênero na arquitetura e reforça a necessidade de ampliar e reescrever narrativas históricas que contemplem, de forma justa e plural, a atuação das arquitetas brasileiras.

Palavras-chave: gênero; arquitetura impressa; invisibilidade.

ABSTRACT

This undergraduate thesis investigates how Brazilian women architects were represented and, above all, silenced in the main specialized magazines circulating between the 1950s and 2025. Starting from the understanding that modern architectural production in Brazil was widely disseminated and legitimized through print media, it analyzes how gender relations permeated this process of discursive construction. The research examines five periodicals of great relevance to the historiography of architecture: *Acrópole*, *Habitat*, *Módulo*, *Projeto*, and the magazine *Arquitetura e Urbanismo* (AU), seeking to identify the female presence, the themes addressed by these professionals, and the mechanisms of invisibility that acted in the devaluation or erasure of their contributions. Using a quantitative approach, the study highlights how editorial patterns, social practices, and symbolic structures conditioned the recognition of architectural authorship. The results demonstrate that the representation of women in the analyzed magazines does not reflect the actual participation of women in architectural production during that period, thus revealing a mismatch between professional practice and disciplinary memory. By proposing a critical review of these publications, this research contributes to the contemporary debate on gender in architecture and reinforces the need to broaden and rewrite historical narratives that fairly and plurally contemplate the work of Brazilian women architects.

Keywords: gender; printed architecture; invisibility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	O papel das revistas na formação do pensamento arquitetônico, Revista Módulo, n.86,1985.....	22
Figura 2-	Carta de Ermínia Maricato criticando a falta de representatividade nas revista Módulo, Revista Módulo, n.61,1980.....	26
Figura 3-	Linha do tempo de recorte temporal das revistas analisadas.....	29
Figura 4-	Expediente da revista Acrópole,n.144, 1950.....	35
Figura 5-	Expediente da revista Acrópole,n.164, 1951.....	36
Figura 6-	Expediente da revista Acrópole, n.169, 1952.....	36
Figura 7-	Nova diretoria do I.A.B, Revista Acrópole, n.199,1955.....	37
Figura 8-	Nova diretoria do I.A.B, Revista Acrópole,n.219, 1957.....	37
Figura 9-	Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias, Revista Acrópole, n.339,1967.....	39
Figura 10-	Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias, Revista Acrópole, n.354,1968.....	40
Figura 11-	Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias, Revista Acrópole, n.349,1968.....	41
Figura 12-	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de uma residência de autoria de Lygia Fernandes , Revista Acrópole, n.204, 1955.....	42

Figura 13-	Projeto Arquitetônico de uma residência de autoria de Cláudia Baccaro, Revista Acrópole, n.344, 1967.....	43
Figura 14-	Projeto Arquitetônico de uma residência (Casa de Praia) de autoria Odiléia Toscano e João Toscano, Revista Acrópole, n.349, 1968...	44
Figura 15-	Expediente da revista Habitat, Revista Habitat, n. 4, 1950.....	46
Figura 16-	Expediente da revista Habitat, Revista Habitat,n.8, 1951.....	46
Figura 17-	Eleição para a nova diretoria do I.A.B, Habitat,n.28, 1956.....	47
Figura 18-	Design de mobiliário de Lina Bo Bardi, Revista Habitat, n.01, 1950.....	48
Figura 19-	Projeto Residencial de Lina Bo Bardi, Revista Habitat,n.10, 1953	49
Figura 20-	Design de mobiliário de Lina Bo Bardi, Revista Habitat,n.12, 1953.....	50
Figura 21-	Projeto Residencial de Lygia Fernandes, Revista Habitat,n.31, 1956.....	51
Figura 22-	Nova diretoria do ABEA, Revista Módulo, n.49,1978.....	53
Figura 23-	Nova diretoria do ABEA, Revista Módulo,n.61, 1980.....	54

Figura 24-	Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias , Revista Módulo,n.81,1984.....	55
Figura 25-	Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias , Revista Módulo,n.86,1985.....	56
Figura 26-	Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias , Revista Módulo,n.86,1985.....	57
Figura 27-	Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias , Revista Módulo,n.91,1986.....	58
Figura 28-	Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias , Revista Módulo,n.96,1986.....	59
Figura 29-	Projeto Arquitetônico de um hospital de Elza de Azevêdo Antunes, Revista Módulo,n.45,1977.....	60
Figura 30-	Centro Israelita de Pernambuco de Norma Lacerda e Mário Aloísio Barreto Melo , Revista Módulo, n.81, 1981.....	61
Figura 31-	Concurso Pavilhão do Brasil, Revista Projeto, 2023.....	63
Figura 32-	Concurso de ideias(1 lugar) Mercado Popular no Rio de Janeiro, Revista Projeto, 2021.....	64
Figura 33-	Concurso Projeto Passos: Estudo de reabilitação de uma área do centro no Rio de Janeiro, Revista Projeto, 2020.....	65
Figura 34-	Concurso(2º lugar) do Teatro Municipal de Londrina, Revista Projeto, 2007	66

Figura 35-	Concurso Projeto de Santa Casa, Revista Projeto, 2020.....	67
Figura 36-	Expediente da revista AU, Revista AU n.267, 2016.....	70
Figura 37-	Expediente da revista AU, Revista AU n.270, 2016.....	71
Figura 38-	Nova Diretoria da Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura, Revista AU n.256, 2015.....	72
Figura 39-	Nadia Somekh: a primeira mulher na presidência do CAU/BR , Revista AU n.306, 2021.....	73
Figura 40-	Relação de projetos finalistas e suas respectivas autorias para o prêmio do Instituto Tomie Ohtake 2015, Revista AU,n.255,2015.....	75
Figura 41-	Relação de projetos finalistas e suas respectivas autorias para o prêmio do Instituto Tomie Ohtake 2016, Revista AU n.268, 2016.....	76
Figura 42-	Matéria sobre os vencedores do Prêmio Aga Khan de Arquitetura, Revista AU n.272, 2016.....	77
Figura 43-	Matéria sobre a curadoria do Pavilhão do Brasil na 19ª Mostra Internacional de Arquitetura – Bienal de Veneza 2025, Revista AU n.276, 2017.....	78
Figura 44-	Concurso da Escola Flutuante de Artesãos e suas respectivas autorias, Revista AU n.279, 2017.....	79
Figura 45-	Representação da participação feminina na 37ª Paralela Design, Revista AU n.294, 2019.....	80

Figura 46-	Premiação de arquitetas no Prêmio Pritzker 2020 , Revista AU n.295, 2019.....	81
Figura 47-	Reconhecimento de Maria Inês Sugai como Arquiteta e Urbanista do Ano de 2020 pela FNA , Revista AU n.303, 2020.....	82
Figura 48-	Consagração de Lina Bo Bardi com o Prêmio Leão de Ouro , Revista AU n.307, 2021.....	83
Figura 49-	Equipe brasileira premiada em concurso internacional, Revista AU n.312, 2021.....	84
Figura 50-	Premiação do projeto SESC Parque Dom Pedro II na edição 2021 do AsBEA , Revista AU n.313, 2021.....	85
Figura 51-	Resultados e comparação dos dados coletados com as revistas Acrópole, Habitat e Módulo.....	87
Figura 52-	Resultados e comparação dos dados coletados com as revistas Projeto e Arquitetura e Urbanismo.....	90
Figura 53-	Nadia Somekh: a primeira mulher na presidência do CAU/BR , Revista AU n.306, 2021.....	94
Figura 54-	Panorama das desigualdades de gênero na profissão arquitetônica: entrevista com Nadia Somekh , Revista AU n.306, 2021.....	95
Figura 55-	Distribuição etária dos profissionais de Arquitetura e Urbanismo por gênero (valores absolutos).....	98
Figura 56-	Distribuição etária dos profissionais de Arquitetura e Urbanismo por gênero (valores percentuais).....	98

Figura 57- Política de Equidade de Gênero da União Internacional dos	
Arquitetos (UIA) , Revista Projeto n.453, 2021	101

LISTA DE ABREVIATÖES

AU	Revista Arquitetura e Urbanismo
IAB	Instituto de Arquitetos no Brasil
ABEA	Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura
MASP	Museu de Arte de São Paulo
CAU	Conselho de Arquitetura e Urbanismo
CAU/BR	Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil
CAU/UF	Conselho de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal
AsBEA	Associação Brasileira de Escritório de Arquitetura
UIA	União Internacional dos Arquitetos
AIA	Instituto Americano de Arquitetos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	OBJETIVOS	4
2.1	Objetivo geral	4
2.2	<i>Objetivos específicos</i>	4
3	<i>METODOLOGIA</i>	5
4	INVISIBILIDADE, GÊNERO E REPRESENTAÇÃO FEMININA	8
4.1	As origens históricas das desigualdades de gênero na profissão de arquitetura no Brasil	8
4.2	Os mecanismos de invisibilidade nas narrativas arquitetônicas e nos espaços de legitimação cultural	12
4.3	Gênero, historiografia e revisão crítica da história da arquitetura	15
5	A MÍDIA IMPRESSA E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA ARQUITETURA	20
5.1	O papel das revistas como instrumentos da difusão e legitimação de ideias	21
5.2	A influência das revistas na formação de uma historiografia hegemônica, centralizada em figuras masculinas	24
6	MULHERES NAS REVISTAS ACRÓPOLE, MÓDULO, HABITAT, PROJETO e AU	28
6.1	Levantamento quantitativo da presença feminina e suas autorias projetuais	30
6.1.1	Acrópole (1950-1971)	34
6.1.2	Habitat (1950-1965)	45
6.1.3	Módulo (1955-1965) / (1975-1986)	52
6.1.4	Projeto (2002-2025)	61
6.1.5	Revista AU (2001- 2023)	67
6.2	Mulheres nas Revistas de Arquitetura: Uma Análise Quantitativa e Comparativa	86
6.3	Permanências e transformações na visibilidade das arquitetas na contemporaneidade	97

7	CONCLUSÃO	103
8	REFERÊNCIAS	107
	 APÊNDICE A– RELAÇÃO DE PROJETOS COM PARTICIPAÇÃO FEMININA PUBLICADOS NA REVISTA ACRÓPOLE (1950-1971)	 111
	 APÊNDICE B – RELAÇÃO DE PROJETOS COM PARTICIPAÇÃO FEMININA PUBLICADOS NA REVISTA HABITAT(1950-1965)	 112
	 APÊNDICE C – RELAÇÃO DE PROJETOS COM PARTICIPAÇÃO FEMININA PUBLICADOS NA REVISTA MÓDULO (1955-1965 / 1975-1986)	 113
	 APÊNDICE D – RELAÇÃO DE PROJETOS COM PARTICIPAÇÃO FEMININA PUBLICADOS NA REVISTA PROJETO(2002-2025)	 114
	 APÊNDICE E – RELAÇÃO DE PROJETOS COM PARTICIPAÇÃO FEMININA PUBLICADOS NA REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO (AU) (2015-2025)	 115

1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre gênero têm adquirido espaço crescente nas ciências humanas nas últimas décadas; entretanto, sua incorporação ao campo da arquitetura e do urbanismo ainda ocorre de forma limitada, especialmente no contexto brasileiro. A compreensão dessa lacuna demanda o retorno a um panorama histórico mais amplo, no qual se evidenciam transformações sociais significativas ao longo do século XX e início do século XXI.

Processos como a industrialização, o reordenamento das estruturas familiares e a ampliação do acesso das mulheres à educação e ao mercado de trabalho contribuíram para redefinir sua participação na esfera pública. Paralelamente, os movimentos feministas consolidaram instrumentos críticos fundamentais para a problematização das desigualdades estruturais, evidenciando os mecanismos simbólicos que regulam a atribuição de valor, prestígio e legitimidade nas práticas profissionais.

No campo da arquitetura, tais reflexões revelam que os processos de consagração disciplinar, que envolvem publicações especializadas, exposições, premiações e discursos críticos, desempenham papel central na construção da memória da profissão. Nesse contexto, as revistas de arquitetura assumem posição estratégica, atuando como mediadoras entre a produção profissional e a construção da historiografia disciplinar. Ao selecionar projetos, destacar autores e elaborar narrativas críticas, esses periódicos não apenas registram a história da arquitetura, mas também participam ativamente da formação de seus cânones.

É nesse cenário que se insere a presente pesquisa, intitulada *Arquitetura impressa e gênero: representações e invisibilidades das arquitetas nas revistas especializadas brasileiras (1950–2025)*. Entre os principais referenciais que fundamentam este trabalho destaca-se a dissertação *Mulheres Invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista*, desenvolvida por Marina Lima de Fontes (2016), importante referência no contexto brasileiro para os estudos sobre gênero e arquitetura impressa. A autora realizou um importante levantamento quantitativo e qualitativo da presença de arquitetas nas revistas *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo*, examinando os mecanismos de invisibilidade que

atravessam o campo arquitetônico, como a divisão sexual do trabalho, a violência simbólica, o estrelismo e a marginalização das mulheres nos processos de legitimação profissional.

A presente pesquisa dialoga diretamente com essa contribuição, tomando-a como referência fundamental tanto em termos metodológicos quanto teóricos. Entretanto, propõe ampliar o escopo temporal investigado por Fontes, incorporando o início do século XXI e analisando também periódicos como *Projeto* e *Arquitetura & Urbanismo*. Busca-se, assim, compreender permanências, transformações e possíveis reconfigurações das formas de representação das arquitetas brasileiras ao longo de diferentes contextos históricos e editoriais. Além da ampliação cronológica, o trabalho pretende aprofundar a discussão sobre os mecanismos contemporâneos de visibilidade e legitimação no campo arquitetônico, observando de que maneira as dinâmicas editoriais recentes ainda reproduzem — ou tensionam — estruturas historicamente marcadas por desigualdades de gênero.

O estudo tem como objetivo compreender de que maneira as arquitetas brasileiras foram representadas ou silenciadas nas revistas arquitetônicas ao longo da segunda metade do século XX e início do século XXI. Parte-se do entendimento de que a baixa visibilidade feminina nesses espaços não constitui um fenômeno neutro, mas está relacionada a relações de poder que atravessam o campo profissional e seus mecanismos de legitimação.

Para tanto, a pesquisa toma como objeto de análise cinco revistas especializadas de grande relevância no cenário editorial brasileiro: *Acrópole* (1950-1965), *Módulo* (1955-1965 / 1975-1986), *Habitat* (1950-1965), *Projeto* (2002-2025) e *Revista Arquitetura e Urbanismo* (2001-2025). Essas publicações desempenharam papel significativo na formação do imaginário arquitetônico nacional, ao difundirem projetos, debates teóricos, críticas e trajetórias profissionais que contribuíram para consolidar determinadas interpretações sobre a arquitetura brasileira.

Ao propor a análise dessas publicações e de seus discursos editoriais, este trabalho busca não apenas evidenciar ausências históricas, mas também contribuir para a construção de uma narrativa mais ampla e plural sobre a arquitetura brasileira.

Nesse sentido, reconhecer a participação das mulheres na constituição do campo arquitetônico configura um gesto de revisão historiográfica, que visa ampliar o repertório crítico e problematizar as formas pelas quais a história da arquitetura tem sido produzida, registrada e legitimada no país.

Por fim, o trabalho estrutura-se em três capítulos principais. O primeiro discute as origens históricas das desigualdades de gênero no campo da arquitetura, abordando os processos sociais e culturais que contribuíram para a construção dessas assimetrias. O segundo examina o papel da mídia impressa na construção da história da arquitetura brasileira, com ênfase nas revistas especializadas como instrumentos de difusão e legitimação. O terceiro capítulo dedica-se à análise das revistas selecionadas, apresentando os resultados do levantamento realizado e a interpretação dos dados à luz dos referenciais teóricos adotados.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral:

Investigar a presença, representação e autoria feminina nas revistas arquitetônicas brasileiras entre 1950 e 2025 (*Acrópole*, *Habitat*, *Módulo*, *Projeto* e *AU*), analisando como esses periódicos contribuíram para a construção ou silenciamento da narrativa de gênero na historiografia da arquitetura brasileira.

2.2 Objetivos específicos:

- Mapear a presença de arquitetas nas revistas especializadas brasileiras *Acrópole* (1950-1965), *Módulo* (1955-1965 / 1975-1986), *Habitat* (1950-1965), *Projeto* (2002-2025) e *AU* (2001-2025), a partir da identificação de suas autorias em projetos publicados.
- Investigar de que maneira a produção das arquitetas foi representada nos discursos editoriais, identificando possíveis processos de visibilidade, invisibilização ou marginalização.
- Interpretar os dados à luz dos estudos de gênero e da historiografia da arquitetura, buscando compreender os mecanismos simbólicos e estruturais que contribuíram para o apagamento ou a sub-representação das mulheres no campo arquitetônico.

3 METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como de natureza básica, com abordagem quantitativa, ao articular procedimentos de levantamento de dados e análise interpretativa. Quanto aos objetivos, configura-se como descritiva e exploratória, uma vez que busca identificar, mapear e analisar a presença de arquitetas nas publicações selecionadas, investigando aspectos como a visibilidade feminina nos periódicos, a atribuição de autoria em projetos arquitetônicos, os padrões de reconhecimento profissional e os mecanismos de invisibilização presentes nas revistas de arquitetura brasileira.

A investigação fundamenta-se, predominantemente, em fontes primárias, uma vez que o levantamento e a identificação dos projetos publicados foram realizados diretamente pela autora a partir da consulta sistemática às revistas especializadas selecionadas : *Acrópole* (1950–1965), *Habitat* (1950–1965), *Módulo* (1955–1965 / 1975–1986), *Projeto* (2002–2025) e *Arquitetura & Urbanismo – AU* (2001–2025). Essas publicações foram escolhidas em razão de sua relevância histórica no cenário editorial da arquitetura brasileira e de sua atuação na difusão de projetos, debates e discursos críticos que contribuíram para a construção da historiografia arquitetônica nacional.

O acesso aos periódicos ocorreu por meio de acervos digitais públicos e plataformas online. As revistas *Habitat* e *Módulo* foram consultadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, que disponibiliza a digitalização integral de suas edições. O acervo da revista *Acrópole* foi acessado no site da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP), responsável pela preservação e disponibilização pública do periódico. A revista *Projeto* foi analisada a partir do acervo disponível em seu site oficial, que reúne parte significativa de suas edições e conteúdos editoriais.

No caso da revista *AU*, o acesso ocorreu por meio do acervo digital disponibilizado em seu site oficial, que possui edições acessíveis online até o ano de 2010. Entretanto, devido ao elevado quantitativo de informações e publicações disponíveis no periódico, a coleta de dados realizada diretamente no site concentrou-se no período entre 2015 a 2025. Considerando que o recorte temporal da pesquisa para a

revista compreende os anos de 2001 a 2025, utilizou-se, para complementar o levantamento referente ao período, a pesquisa desenvolvida no Trabalho de Curso em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (PR), elaborado por Carolina de Gois Laufer e Sirlei Maria Oldoni. O estudo das autoras realizou a quantificação dos projetos publicados na revista *AU*, classificando as autorias em femininas, masculinas ou mistas, contribuindo como fonte secundária de apoio para a sistematização dos dados referentes ao período de 2001 a 2014.

Em uma primeira etapa metodológica, realizou-se um levantamento sistemático das ocorrências de participação feminina nas revistas selecionadas, com o objetivo de identificar a presença de arquitetas nas autorias dos projetos publicados. Esse procedimento envolveu a leitura e análise das edições disponíveis, considerando tanto os projetos arquitetônicos quanto os créditos autorais apresentados pelas publicações.

As informações coletadas foram organizadas em uma base de dados elaborada para a pesquisa, na qual foram registrados elementos como edição da revista, ano de publicação, tipologia do projeto, localização da obra e autoria dos projetos, com destaque para a identificação de arquitetas como autoras ou coautoras. Esse procedimento possibilitou mapear quantitativamente a presença feminina ao longo do período estudado, permitindo identificar padrões de distribuição das tipologias projetuais associadas às arquitetas, recorrências editoriais e formas de reconhecimento profissional presentes nos periódicos.

Além da identificação de projetos, autorias e participações femininas nas publicações analisadas, a pesquisa também incorporou dados relativos à presença de mulheres em cargos de liderança institucional e editorial, especialmente no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), na Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA) e nas próprias estruturas organizacionais das revistas analisadas. A inclusão desses dados justifica-se pela própria natureza das revistas especializadas, que frequentemente publicavam informações institucionais relacionadas às entidades profissionais, como eleições de diretorias, composição de departamentos, nomeações e cargos de chefia.

Nesse sentido, os periódicos analisados não funcionavam apenas como espaços de divulgação de projetos e debates teóricos, mas também como registros da estrutura organizacional e política do campo arquitetônico brasileiro.

Em uma segunda etapa, os dados levantados foram analisados à luz de referenciais teóricos vinculados aos estudos de gênero, à crítica feminista e à historiografia da arquitetura. A análise interpretativa buscou compreender não apenas a frequência da presença feminina nas publicações, mas também os modos pelos quais a produção das arquitetas foi apresentada, enquadrada, legitimada ou eventualmente silenciada nos discursos editoriais.

Nesse contexto, foram mobilizados conceitos como violência simbólica, desenvolvido por Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (2002), para compreender os mecanismos de legitimação e naturalização das desigualdades no campo profissional; mística feminina, formulado por Betty Friedan em *A mística feminina* (1971), para analisar as construções sociais associadas ao papel da mulher na esfera doméstica; e gênero como categoria de análise histórica, discutido por Joan Scott (1989), cuja abordagem possibilita compreender as relações de poder presentes na construção social. Também foram incorporadas discussões sobre divisão sexual do trabalho, com base no artigo *Gênero e divisão sexual do trabalho no Brasil* (2006), de Nanci Stancki Silva e Leda Maria Caira Gitahy, contribuindo para a compreensão das desigualdades estruturais que atravessam a inserção feminina no campo profissional. A utilização desses referenciais permitiu desenvolver uma leitura crítica das dinâmicas de visibilidade e invisibilidade presentes na arquitetura impressa brasileira, evidenciando como os discursos editoriais participaram da consolidação de determinadas narrativas sobre a profissão arquitetônica ao longo do tempo.

4. INVISIBILIDADE, GÊNERO E REPRESENTAÇÃO FEMININA

A relação entre gênero e arquitetura revela-se não apenas na distribuição desigual de oportunidades profissionais, mas também nos modos pelos quais o campo constrói suas referências, reconhece trajetórias e organiza sua memória.

Neste capítulo, busca-se aprofundar essa discussão a partir da análise das estruturas históricas, simbólicas e historiográficas que sustentam a marginalização feminina no campo arquitetônico. Mais do que identificar lacunas, interessa compreender os mecanismos que produziram determinadas formas de visibilidade e apagamento, bem como seus efeitos na constituição das narrativas sobre a arquitetura. Para isso, o capítulo articula três dimensões complementares: a formação histórica das desigualdades de gênero na profissão, os mecanismos de legitimação e reconhecimento que operam no interior do campo disciplinar e, por fim, a construção historiográfica da arquitetura, problematizando os critérios que definiram quais trajetórias foram incorporadas à memória disciplinar e quais permaneceram à margem.

4.1 As origens históricas das desigualdades de gênero na profissão de arquitetura no Brasil

As desigualdades de gênero na profissão da arquitetura possuem raízes históricas profundas e não podem ser explicadas apenas por dinâmicas internas do campo do conhecimento. Elas decorrem de transformações estruturais mais amplas, especialmente da organização patriarcal da sociedade, que, por séculos, definiu quem detinha legitimidade para ocupar a esfera pública, produzir conhecimento, exercer autoridade técnica e assinar obras. Compreender essa desigualdade exige, portanto, articular três dimensões interligadas: a formação histórica da divisão entre público e privado, a divisão sexual do trabalho e o processo de consolidação da arquitetura como profissão associada ao prestígio masculino.

A constituição da modernidade reforçou a separação entre esfera pública e esfera privada. À primeira foram atribuídos o trabalho produtivo, a política, a ciência e as profissões liberais, culturalmente identificados como espaços masculinos. À segunda, vinculada ao lar e à reprodução social, associou-se o feminino. Essa divisão, frequentemente apresentada como natural, foi sustentada por discursos

morais, científicos e religiosos que legitimaram a domesticidade como destino das mulheres, restringindo seu acesso às instâncias de poder e reconhecimento social. Nesse contexto, a produção feminina foi historicamente marginalizada, tanto na prática profissional quanto nos registros que constituem a memória das diferentes áreas do conhecimento. Como aponta Chadwick (1998, p. 259), ao questionar os critérios de visibilidade e reconhecimento:

Porque haviam decidido os historiadores ignorar a obra de quase todas as artistas mulheres? Eram exceções as mulheres exitosas ou eram simplesmente a ponta de um iceberg, submerso baixo as exigências de uma cultura patriarcal, que determina que as mulheres produzam filhos e não arte e que restrinjam suas atividades ao âmbito doméstico e não público? (CHADWICK, 1998, p. 259)

A profissionalização da arquitetura ocorreu nesse contexto. Sua consolidação, especialmente entre o final do século XIX e meados do século XX, esteve articulada a instituições de formação e legitimação, como academias, escolas técnicas e universidades que, durante longo período, foram predominantemente masculinas. O acesso feminino ao ensino superior foi tardio e limitado, produzindo uma desigualdade inicial no próprio direito à formação profissional.

Mesmo após o ingresso das mulheres nesses espaços, sua atuação foi frequentemente direcionada a áreas consideradas socialmente mais adequadas, como interiores e decoração. Enquanto isso, os homens se concentravam nas obras de grande escala, nos concursos públicos e nos cargos institucionais de maior prestígio.

Essa divisão não apenas refletia expectativas sociais de gênero, mas também contribuía para a desvalorização do trabalho feminino e para a limitação de suas trajetórias profissionais. Como apontam Wright (1977 apud KOSTOF, 2000):

Na profissão de arquitetura, desde a sua gênese, as mulheres eram minoria, arquitetura era tida como uma profissão mais adequada às supostas habilidades masculinas. As que insistiam conquistavam geralmente um baixo status, tanto na escola como na profissão, decorrente do preconceito. Isso parecia provar sua limitada habilidade, reforçando as discriminações. Na vida profissional, em muitos casos, as arquitetas eram contatadas para se ocupar das tarefas que seus colegas homens desprezavam, como por exemplo, arquitetura de interiores. Isso justificava seus salários mais baixos que o dos arquitetos e contribuía para restringir seus avanços profissionais (WRIGHT, 1977 apud KOSTOF, 2000).

Nesse sentido, a desigualdade não se manifesta apenas na menor presença relativa de mulheres no campo, mas também na hierarquização interna das atividades, que define quais práticas são reconhecidas como centrais e quais são relegadas a

posições periféricas no campo arquitetônico. Tal dinâmica pode ser compreendida a partir da divisão sexual do trabalho, entendida não como resultado de diferenças naturais entre homens e mulheres, mas como uma construção social historicamente produzida. Conforme discutem Nanci Stancki Silva e Leda Maria Caira Gitahy (2006), a divisão sexual do trabalho organiza e distribui funções sociais de maneira desigual, atribuindo aos homens as atividades associadas à produção, ao comando e ao reconhecimento público, enquanto às mulheres são destinadas funções vinculadas ao cuidado, à reprodução social e a atividades consideradas secundárias ou de menor prestígio. As autoras ressaltam ainda que essas diferenças são construídas social, histórica e culturalmente, sendo atravessadas por relações de poder que contribuem para naturalizar desigualdades no mundo do trabalho.

Além das barreiras institucionais, consolidou-se no campo arquitetônico uma lógica simbólica de reconhecimento que aprofundou essas assimetrias. A historiografia da arquitetura, especialmente ao longo do século XX, privilegiou a figura do arquiteto como autor individual e excepcional, frequentemente representado como um “gênio” criador, imagem historicamente associada ao masculino. Essa forma de construção narrativa está diretamente relacionada à consolidação de um cânone disciplinar centrado em protagonistas singulares e obras monumentais, que passam a ser tomadas como referências legítimas da produção arquitetônica.

Nesse contexto, o cânone não se configura apenas como um conjunto de obras consagradas, mas como um dispositivo de poder que organiza a memória da disciplina e define quais trajetórias serão reconhecidas. Ao privilegiar a autoria individual e a excepcionalidade, esse modelo contribui para invisibilizar práticas colaborativas e desvalorizar a participação feminina, frequentemente registrada como secundária, associada a parceiros homens ou simplesmente omitida. Assim, a desigualdade de gênero não se limita ao acesso à profissão, mas se reproduz nos próprios critérios de consagração e nas formas pelas quais a história da arquitetura é narrada.

No Brasil, essas dinâmicas assumiram contornos específicos ao se articularem com a formação histórica de uma sociedade patriarcal marcada por heranças coloniais e escravocratas. Durante os períodos colonial e imperial, a educação feminina foi amplamente restrita e orientada à vida doméstica e religiosa, enquanto a

escolarização formal e o ingresso nas profissões permaneciam concentrados nos homens. No início do século XX, o acesso de algumas mulheres ao ensino superior ocorreu de maneira excepcional e sob forte resistência cultural, o que retardou sua inserção nas profissões liberais, incluindo a arquitetura.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a formação acadêmica foi amplamente desencorajada para as mulheres, em razão, entre outros fatores, das normas sociais associadas às profissões. O ambiente universitário mostrava-se pouco acessível, assim como o campo de atuação profissional. As barreiras que impediam ou limitavam sua inserção não se manifestavam de forma explícita, mas operavam de maneira sutil e silenciosa, configurando uma forma de violência imperceptível, porém efetiva. Essa violência manifesta-se de forma recorrente, camuflada nas relações sociais, contribuindo para a invisibilidade e para o escasso reconhecimento do talento feminino.

Essas dinâmicas podem ser compreendidas a partir do conceito de violência simbólica, formulado por Pierre Bourdieu, que se refere a formas de dominação que se exercem de maneira invisível e naturalizada nas relações sociais. Conforme aponta Bourdieu:

Segundo Bourdieu (1989), a violência simbólica surge como resultado do poder simbólico, uma forma de influência invisível que orienta comportamentos e práticas dentro de uma sociedade, exercendo uma força capaz de moldar a identidade dos seus membros. Esse tipo de poder se apoia na constante construção de valores, regras e normas de conduta, que orientam as pessoas a agir conforme seus critérios. Para o autor, é através do poder simbólico que se exerce uma função política, servindo como instrumento de imposição de uma classe ou grupo sobre outro, configurando-se como uma autoridade invisível que carrega consigo uma forma de violência também invisível. Essa violência simbólica busca justificar preconceitos, estereótipos e práticas de dominação.(BOURDIEU, 1989 apud GODINHO LIMA, 2020, p. 11).

A institucionalização do ensino de arquitetura no país, ao longo do século XX, ampliou gradualmente a presença feminina, sobretudo a partir das décadas de 1960 e 1970, em meio à expansão universitária e às intensas transformações urbanas e sociais. No entanto, o aumento quantitativo da participação das mulheres não resultou automaticamente em igualdade de reconhecimento ou poder. Persistiram obstáculos relacionados à divisão sexual do trabalho, expressos tanto na concentração feminina em áreas menos valorizadas quanto na dificuldade de acesso a cargos de liderança, grandes projetos, concursos e instâncias decisórias. Soma-se a isso a permanência de expectativas sociais que atribuem às mulheres a

responsabilidade prioritária pelo cuidado e pelo trabalho doméstico, gerando uma sobrecarga estrutural que impacta suas trajetórias profissionais, sua ascensão e sua visibilidade.

Em meados dos anos de 1960, mesmo que superadas em parte as oposições explícitas à inserção da mulher na profissão, ainda era forte a resistência aos seus esforços de integração, que se estendia, para além da oposição individual e das condutas frequentemente discriminatórias, às políticas educacionais, admissões escolares e associações profissionais. Apesar do razoável número de trajetórias profissionais femininas já naquele momento bem sucedidas, o estereótipo de desajuste das mulheres à profissão, relegadas ao projeto de interiores, sobretudo domésticos, permanecia e enraizava-se na disciplina (DEDECCA, 2018, p. 419).

As desigualdades de gênero na arquitetura, portanto, resultam da convergência entre a divisão sexual do trabalho, a associação cultural entre técnica e masculinidade, a restrição histórica ao acesso feminino à educação superior e a construção simbólica da autoria como atributo masculino. A profissionalização da arquitetura, não foi neutra em termos de gênero; ao contrário, estruturou-se em um contexto que já hierarquizava papéis sociais e espaços de atuação. Compreender esse processo histórico é fundamental para analisar como tais assimetrias se perpetuam, inclusive nos mecanismos contemporâneos de visibilidade e legitimação que organizam o campo arquitetônico. Essa dinâmica pode ser compreendida pela análise de Bourdieu (1998), que evidencia como a dominação masculina se naturaliza e se reproduz por meio das estruturas sociais e simbólicas:

A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificativa : a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual se funda: é a divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos ... Neste sentido, a própria dominação constitui, por si só, uma violência. (BOURDIEU, 1998 p.15).

4.2 Os mecanismo de invisibilidade nas narrativas arquitetônicas e nos espaços de legitimação cultural

A arquitetura não se restringe a uma prática técnica voltada à concepção de edifícios, mas pode ser compreendida como um campo disciplinar constituído por relações de poder, mecanismos de legitimação e disputas simbólicas. Nessa perspectiva, o campo arquitetônico configura-se como um espaço social

relativamente autônomo, no qual diferentes agentes e instituições disputam a definição dos conhecimentos considerados legítimos, dos critérios de excelência estética e das formas de reconhecimento e autoridade profissional.

Nesse sentido, a arquitetura produz saber, mas também produz hierarquias, e essas hierarquias são atravessadas por marcadores de gênero. A noção de campo, conforme elaborada por Pierre Bourdieu, contribui para compreender que nenhuma disciplina é neutra ou puramente técnica. Cada campo organiza-se a partir de capitais específicos — cultural, simbólico e social — e estabelece critérios internos de consagração. No campo arquitetônico, esses critérios incluem a formação acadêmica em instituições reconhecidas, a participação em concursos, premiações, publicações em revistas especializadas, inserção em redes profissionais e reconhecimento crítico. Assim, aquilo que é legitimado como “boa arquitetura” não decorre apenas de qualidades intrínsecas às obras, mas de processos sociais de validação que definem quem pode falar, projetar, ensinar e ser reconhecido.

Garry Stevens, ao analisar a profissão de arquiteto, evidencia que a arquitetura opera como um sistema de distinção social, no qual o reconhecimento e a consagração profissional estão associados à inserção em redes institucionais, à formação em escolas prestigiadas e à acumulação de capital cultural e simbólico (STEVENS, 1998). Nesse sentido, o campo arquitetônico não apenas seleciona projetos, mas também estrutura mecanismos de seleção dos próprios agentes que nele alcançam legitimidade.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender que a autoridade técnica e estética não é atribuída de forma neutra, mas construída socialmente. Quando articulada aos estudos de gênero, essa lógica permite observar que os perfis historicamente reconhecidos como legítimos no campo arquitetônico tendem a corresponder a trajetórias masculinas, evidenciando a dimensão excludente desses mecanismos de consagração.

Nesse contexto, a própria construção da modernidade arquitetônica também se relaciona a uma lógica de gênero. Hilde Heynen (1999) observa que, no discurso cultural da modernidade, estabeleceu-se uma associação entre modernidade, racionalidade e esfera pública, elementos historicamente vinculados ao masculino,

em contraste com a domesticidade, frequentemente atribuída ao feminino. Essa relação teve impactos diretos na consolidação do modernismo enquanto movimento artístico e arquitetônico, cujos protagonistas arquitetos, artistas e teóricos foram majoritariamente homens. Como consequência, os cânones formados nesses diferentes campos acabaram incorporando apenas um número reduzido de mulheres, mesmo que, nas últimas décadas, pesquisas feministas tenham buscado reinserir arquitetas na história da arquitetura.

A ideia de neutralidade técnica desempenha papel central nesse processo. A arquitetura moderna frequentemente se apresentou como racional, objetiva e universal, apoiada em princípios funcionais e construtivos supostamente desvinculados de valores sociais. No entanto, essa neutralidade constitui, em grande medida, uma construção ideológica. Ao afirmar-se como técnica e universal, a arquitetura ocultou as condições sociais que moldaram seu desenvolvimento e naturalizou a predominância masculina no campo. A associação entre técnica, racionalidade e masculinidade consolidou a percepção de que determinadas competências seriam intrinsecamente masculinas, enquanto outras, frequentemente vinculadas ao cuidado, ao detalhe ou ao espaço doméstico, seriam associadas ao feminino e, portanto, menos valorizadas.

Enquanto o homem deve esforçar-se por aprofundar seus conhecimentos em todos os campos do conhecimento, a mulher deve limitar-se a adquirir algumas noções gerais de literatura, arte, música ou natureza. Isto lhe servirá para que ela se dê conta da imensa pequenez de seu horizonte e da sua nulidade ante o Criador (...) O homem é sobretudo um criador, um defensor. Seu intelecto lhe predestina para a especulação e a invenção; sua energia para a aventura, a guerra e a conquista. As tendências da mulher se desenvolvem, em contrapartida, na manutenção da ordem e não na batalha; seu lugar está na casa, onde ela é a rainha. (John Ruskin apud Espiegel, 2007, 79)

A desigualdade de gênero, nesse contexto, se expressa como um processo de sub-representação e desvalorização de suas trajetórias no interior do campo arquitetônico. Ainda que presentes, as arquitetas tiveram sua produção frequentemente marginalizada ou secundarizada nos mecanismos de consagração disciplinar. Se os critérios de excelência são definidos por instituições e redes predominantemente masculinas, se o reconhecimento depende da circulação em espaços públicos historicamente restritos às mulheres e se a memória disciplinar privilegia determinados perfis de autoria, então a desigualdade configura-se como elemento estrutural do funcionamento do campo.

Além disso, a formação acadêmica desempenha papel fundamental na reprodução dessas hierarquias. O currículo, as referências bibliográficas, os exemplos consagrados e os autores estudados constituem um repertório que orienta a percepção dos estudantes sobre o que é arquitetura relevante. Quando esse repertório é predominantemente masculino, consolida-se a ideia de que o protagonismo histórico pertence aos homens. Assim, o próprio ensino contribui para naturalizar a desigualdade ao apresentar como universal uma narrativa que, na realidade, é parcial.

Portanto, compreender a arquitetura como campo de produção de saber e poder implica reconhecer que ela opera por meio de critérios sociais de legitimação e que esses critérios não são neutros. A definição do que é considerado “boa arquitetura” e a afirmação de uma suposta neutralidade técnica constituem processos que historicamente favoreceram determinados sujeitos em detrimento de outros. Nesse sentido, as desigualdades de gênero não devem ser entendidas como lacunas ocasionais na história da arquitetura, mas como efeitos estruturais das formas pelas quais o campo organiza o reconhecimento, a autoria e a memória disciplinar.

4.3 Gênero, historiografia e revisão crítica da história da arquitetura

A incorporação das perspectivas de gênero nas ciências humanas produziu transformações na forma de compreender os processos históricos e a própria produção do conhecimento. Vale ressaltar que essas discussões desenvolveram-se inicialmente no âmbito das ciências humanas e sociais, especialmente em áreas como História, Sociologia e Antropologia, sendo incorporadas posteriormente aos campos das ciências sociais aplicadas, como a arquitetura e o urbanismo. Sendo assim, durante muito tempo, a escrita da história esteve estruturada a partir de narrativas que privilegiavam determinados sujeitos e experiências, geralmente associados às elites políticas, econômicas e intelectuais. Nesse contexto, as práticas e trajetórias masculinas foram frequentemente tomadas como referência universal para a interpretação da vida social, enquanto outras experiências permaneceram à margem da produção historiográfica.

A partir da segunda metade do século XX, sobretudo com o avanço das teorias feministas, esse modelo passou a ser progressivamente questionado. O feminismo,

além de se constituir como movimento político, consolidou-se também como um campo teórico que problematiza os modos pelos quais o conhecimento é produzido, legitimado e difundido. Nesse sentido, as reflexões feministas evidenciaram que a produção historiográfica não é neutra, mas resulta de escolhas metodológicas, recortes temáticos e perspectivas interpretativas que definem quais sujeitos e experiências são considerados relevantes para a narrativa histórica.

A definição de gênero proposta por Joan Scott (1989) como categoria de análise tornou-se fundamental nesse processo de revisão historiográfica. Sua formulação surge no contexto das críticas feministas às interpretações que explicavam as diferenças entre homens e mulheres a partir de um determinismo biológico, naturalizando desigualdades sociais. Em oposição a essa perspectiva, Scott propõe compreender o gênero como uma construção histórica e social, afirmando que “precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual” (SCOTT, 1989, p. 18).

Para a autora, o gênero deve ser entendido como um elemento constitutivo das relações sociais e das formas de organização do poder, permitindo analisar como as diferenças entre homens e mulheres são historicamente produzidas e como essas construções influenciam a organização das instituições, das práticas culturais e da produção do conhecimento.

Nesse contexto, a produção acadêmica feminista passou a desempenhar papel central na construção de novas abordagens historiográficas. Ao questionar os pressupostos que sustentavam a ideia de neutralidade científica, o feminismo revelou que os saberes produzidos ao longo da história foram frequentemente elaborados a partir de perspectivas limitadas, nas quais predominavam visões masculinas sobre a sociedade. Como aponta Scott (1989), a crítica feminista não apenas expõe os limites dessas formas de produção do conhecimento, mas também propõe novas maneiras de compreender as relações entre sujeito, objeto e narrativa histórica.

Essa revisão epistemológica também foi enfatizada por Margareth Rago (2019), ao destacar que as teorias feministas colocam em questão a própria concepção de

sujeito que orientou grande parte da historiografia tradicional. Para a autora, o sujeito histórico não deve ser entendido como um indivíduo excepcional ou isolado, mas como resultado de relações sociais, culturais e institucionais que moldam as experiências humanas. Dessa forma, a crítica feminista desloca o foco da narrativa histórica do indivíduo heróico para a análise das relações sociais, das práticas culturais e das múltiplas experiências que compõem a vida social.

A partir dessas reflexões, o feminismo contribuiu para ampliar significativamente os temas e objetos da investigação histórica. Questões relacionadas ao cotidiano, à vida privada, às relações familiares, à sexualidade, às emoções e às experiências culturais passaram a integrar o campo da historiografia, anteriormente concentrado em eventos políticos, econômicos e institucionais. Esse movimento aproximou a história de outras áreas do conhecimento, como a antropologia, a sociologia e a psicologia, estimulando o desenvolvimento de abordagens interdisciplinares na análise dos fenômenos sociais.

Nesse sentido, a historiografia passou a incorporar novas perguntas sobre os processos de construção das narrativas históricas. Como propõe Rago (2019), a análise historiográfica pode ser compreendida a partir de quatro dimensões fundamentais: quem escreve a história, sobre quem se escreve, como essa história é escrita e para quem ela se dirige. Essas questões evidenciam que a produção historiográfica envolve diferentes agentes, perspectivas e públicos, configurando-se como um campo dinâmico de disputas simbólicas e interpretações.

As contribuições feministas para a historiografia podem ser sintetizadas em alguns aspectos centrais. Em primeiro lugar, observa-se a valorização da dimensão subjetiva na produção do conhecimento histórico, reconhecendo que o historiador também está inserido em contextos sociais e culturais que influenciam sua interpretação do passado. Em segundo lugar, destaca-se a ampliação dos temas considerados dignos de investigação histórica, incluindo experiências cotidianas, práticas culturais e relações sociais anteriormente negligenciadas. Em terceiro lugar, ressalta-se o caráter interdisciplinar das abordagens historiográficas contemporâneas, que passaram a dialogar com diferentes campos do conhecimento na construção de interpretações mais complexas da realidade social.

Essas transformações também tiveram impactos significativos na historiografia da arquitetura. Tradicionalmente, a história da arquitetura foi estruturada a partir de narrativas centradas na análise de grandes obras e na trajetória de arquitetos considerados responsáveis pela evolução da disciplina. Esse modelo historiográfico, amplamente difundido ao longo do século XX, privilegiou a apresentação de projetos emblemáticos e a interpretação da arquitetura como expressão de autores individuais.

No caso brasileiro, essa lógica também marcou a construção da historiografia da arquitetura moderna. Como observa Lira (2016), as primeiras gerações de historiadores da arquitetura no país reproduziram, em grande medida, esse modelo narrativo, centrado na valorização de grandes projetos e na análise de obras consideradas representativas do desenvolvimento da arquitetura moderna. Esse tipo de abordagem contribuiu para consolidar uma memória disciplinar baseada em exemplos considerados paradigmáticos, frequentemente associados a edifícios de grande escala e forte impacto urbano.

A partir da década de 1960, entretanto, novas abordagens passaram a questionar os limites dessas narrativas tradicionais. Segundo Lira (2016), a historiografia arquitetônica começou a incorporar reflexões sobre a experiência espacial e os usos sociais da arquitetura, ampliando o campo de análise para além das obras e de seus autores. Esse deslocamento teórico permitiu compreender a arquitetura também a partir de suas dimensões culturais, sociais e existenciais, considerando não apenas os arquitetos, mas também os diferentes sujeitos que produzem, utilizam e interpretam os espaços construídos.

Apesar dessas transformações, observa-se que a historiografia da arquitetura permaneceu, por muito tempo, fortemente marcada pela predominância masculina. A produção bibliográfica da disciplina, assim como grande parte das narrativas sobre a arquitetura moderna, foi elaborada majoritariamente por homens e centrada na atuação de arquitetos masculinos. Como consequência, a participação das mulheres na arquitetura permaneceu pouco registrada nas principais publicações da área.

A partir da década de 1970, essa questão passou a ser objeto de investigação por parte de pesquisadoras interessadas em compreender os mecanismos que

contribuíram para a invisibilidade das arquitetas na historiografia da arquitetura. Estudos passaram a questionar por que mulheres raramente apareciam nos livros e revistas dedicados à arquitetura moderna, tanto como autoras quanto como protagonistas das narrativas disciplinares.

A historiadora da arquitetura Gwendolyn Wright (2007), por exemplo, observa que os mecanismos de avaliação e reconhecimento presentes no campo arquitetônico foram historicamente construídos de forma a privilegiar determinados tipos de atuação profissional. Nesse contexto, a valorização de obras monumentais, edifícios públicos e projetos de grande visibilidade urbana acabou por favorecer trajetórias profissionais que tinham maior acesso a esse tipo de produção.

Ao mesmo tempo, fatores sociais e culturais contribuíram para direcionar a atuação das mulheres para áreas específicas da arquitetura, muitas vezes associadas a atividades consideradas menos prestigiosas dentro da disciplina. Como destacam McKellar e Sparke (2004), a divisão histórica entre os espaços público e privado influenciou significativamente as oportunidades profissionais disponíveis para homens e mulheres. Enquanto aos homens era atribuído o domínio do espaço público, às mulheres foi historicamente reservado o âmbito doméstico.

Essa divisão teve repercussões diretas na atuação profissional das arquitetas, que frequentemente se concentraram em áreas relacionadas ao interior dos edifícios, ao design de interiores, ao paisagismo e a outras atividades consideradas periféricas em relação à produção de grandes obras arquitetônicas.

Nesse sentido, a sub-representação das arquitetas nos livros de história da arquitetura não pode ser compreendida apenas como resultado de uma menor participação feminina na disciplina, mas deve ser analisada a partir dos critérios que orientaram a construção da historiografia arquitetônica, que tradicionalmente privilegiaram a associação entre arquiteto e obra monumental.

Dessa forma, a revisão historiográfica proposta pelos estudos de gênero busca não apenas identificar trajetórias femininas marginalizadas das narrativas tradicionais, mas também compreender os processos históricos que estruturaram a produção da memória da arquitetura. Ao examinar os critérios de seleção, reconhecimento e registro das produções arquitetônicas, essa abordagem permite problematizar as

formas pelas quais determinadas trajetórias foram consagradas enquanto outras permaneceram invisíveis.

Assim, a incorporação da perspectiva de gênero na historiografia da arquitetura contribui para ampliar o entendimento sobre a produção arquitetônica e sobre os diferentes sujeitos que participam desse processo. Ao considerar as relações sociais, culturais e institucionais que moldam a disciplina, torna-se possível construir narrativas históricas mais complexas e abrangentes, capazes de reconhecer a diversidade de experiências e trajetórias que compõem a história da arquitetura.

5. A MÍDIA IMPRESSA E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA ARQUITETURA BRASILEIRA

A compreensão da arquitetura enquanto campo de produção de conhecimento implica reconhecer os meios pelos quais suas ideias, práticas e narrativas são formuladas, registradas e difundidas. Nesse contexto, a mídia impressa ocupa posição central, não apenas como suporte de comunicação, mas como instância ativa na constituição do pensamento arquitetônico e na organização de sua memória.

Ao longo do século XX e XXI, as publicações especializadas assumiram papel decisivo na circulação de conceitos, na articulação de debates e na construção de referenciais que passaram a orientar tanto a prática profissional quanto a reflexão teórica. Mais do que registrar a produção arquitetônica, esses meios participaram da definição de critérios de valor, da formação de repertórios e da legitimação de determinados discursos no interior do campo.

Diante disso, este capítulo propõe analisar a mídia impressa como um elemento estruturante na construção da história da arquitetura brasileira, atentando para os modos pelos quais as revistas especializadas atuam na difusão de ideias e, simultaneamente, na produção de narrativas historiográficas. Inicialmente, discute-se o papel dos periódicos como instrumentos de circulação e legitimação do pensamento arquitetônico. Em seguida, investiga-se como esses mesmos meios contribuem para a consolidação de uma historiografia marcada por recortes seletivos, evidenciando seus impactos na definição de protagonismos e na organização da memória do conhecimento arquitetônico.

5.1 O papel das revistas como instrumentos de difusão e legitimação de ideias

A produção impressa desempenhou papel fundamental na circulação de ideias, na formação de debates e na consolidação de interpretações no campo da arquitetura. Entende-se por arquitetura impressa toda a produção escrita e visual dedicada à arquitetura, não se restringindo apenas aos textos, mas incluindo também fotografias, desenhos, diagramas e projetos publicados, independentemente de terem sido ou não efetivamente construídos. Nesse sentido, o impresso constitui um importante meio de registro e comunicação disciplinar, por meio do qual conceitos, propostas projetuais e reflexões críticas passam a integrar o debate arquitetônico. Como destaca Medeiros (2015):

No âmbito da razão, a arquitetura requer formulação e inteligibilidade. E é por meio da escrita que se torna parte integrante da vida profissional, como verificação da materialização da obra arquitetônica ou como meio de circulação livre do saber, do conhecimento, do projeto enquanto ideia, independente do mecenato, ainda que dependente dos editores e livreiros. (MEDEIROS, 2015 p.5)

Entre os diferentes suportes da arquitetura impressa, as revistas especializadas ocupam posição particularmente relevante. Comprovada a influência da literatura especializada como meio de comunicação entre profissionais, a revista destaca-se pela sua periodicidade e pela capacidade de alcançar um público amplo de arquitetos, estudantes e pesquisadores. Essa regularidade faz com que os periódicos funcionem como espaços contínuos de atualização e acompanhamento da produção arquitetônica, reunindo projetos, textos críticos, debates teóricos e posicionamentos profissionais que refletem as transformações do campo ao longo do tempo.

As revistas apresentaram ao “público” as propostas de uma nova forma de conceber e de fazer arquitetura. Esse “público”, alvo das publicações de vanguarda, não se restringe necessariamente aos arquitetos. As publicações são dirigidas por artistas, literatos e intelectuais de vários setores da produção cultural da época, e estão dirigidas às camadas mais amplas possíveis, eram vendidas na rua e nas academias, nos bares e nas estações de trem. Ainda que com tiragem reduzida, as informações veiculadas por elas passavam de mão em mão, criando verdadeiras correntes de dados que se espalhavam pelas cidades mais importantes da Europa continental. (RAMOS, 2011, p. 62)

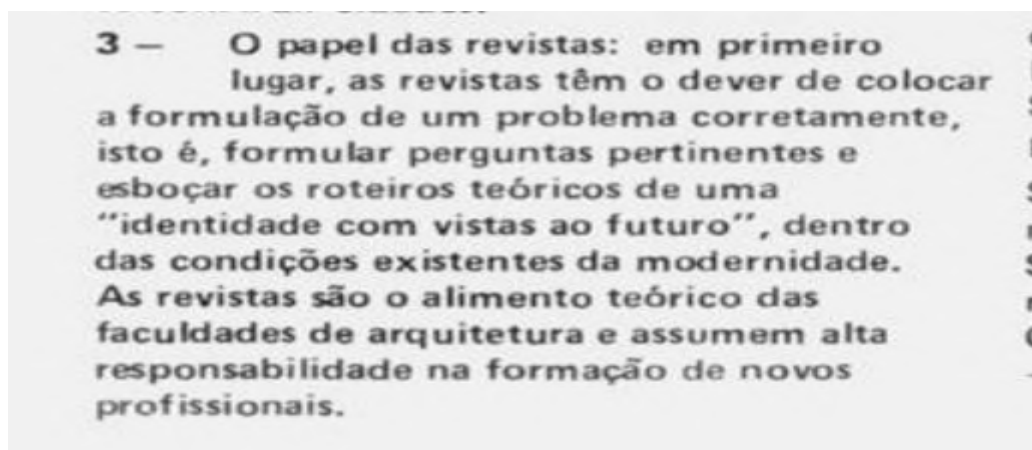
A importância do material impresso torna-se ainda mais evidente quando se observa o desenvolvimento da arquitetura moderna. Como observa Medeiros (2015), existe uma verdade que permeia todo o movimento moderno: ele se constituiu também e em muitos casos primeiramente, por meio da escrita. Manifestos, artigos, periódicos e jornais que começaram a circular no início do século XX desempenharam papel

decisivo na formulação dos fundamentos teóricos de uma nova arquitetura, antes mesmo que muitas de suas propostas se materializassem em edifícios construídos.

Nesse contexto, o impresso permitiu que ideias arquitetônicas circulassem com rapidez entre diferentes países e contextos culturais. Diferentemente da arquitetura construída, cuja experiência depende da presença física no local, publicações impressas possuem a capacidade de serem reproduzidas e transportadas, tornando possível que projetos, conceitos e debates ultrapassem limites geográficos. Dessa forma, revistas e livros tornaram-se instrumentos centrais na disseminação internacional das ideias modernas (MEDEIROS, 2015).

A relevância das revistas como instrumentos ativos na formulação do pensamento arquitetônico também pode ser observada em declarações presentes nos próprios periódicos da época. Um exemplo disso encontra-se na revista *Módulo*, que explicita o papel dessas publicações na estruturação do debate disciplinar e na formação profissional:

Figura 1 –O papel das revistas na formação do pensamento arquitetônico, Revista *Módulo*, n.86, 1985



Fonte: Hemeroteca Digital - Fundação Biblioteca Nacional (1985).

Outro aspecto relevante refere-se à função mediadora que essas publicações exerceram entre o conhecimento especializado e o público mais amplo. Ao traduzirem conceitos técnicos e apresentarem projetos arquitetônicos em linguagem acessível, as revistas contribuíram para ampliar a compreensão social sobre a arquitetura e suas transformações. Nesse sentido, esses periódicos também

desempenhavam um papel pedagógico, participando da formação do olhar público sobre a cidade e o ambiente construído.

Nesse sentido, as revistas de arquitetura encontram-se vinculadas à construção e à circulação de ideias que estruturam o pensamento arquitetônico. Manifestos, projetos publicados, artigos críticos e debates teóricos constituem registros fundamentais para compreender a formação das narrativas que orientam a interpretação da arquitetura ao longo do tempo.

Mais do que simples veículos de informação, as revistas especializadas participam ativamente na construção dessas narrativas. Ao selecionar quais projetos serão publicados, quais autores receberão destaque e quais temas serão discutidos, os periódicos contribuem para estabelecer critérios de reconhecimento e legitimidade dentro do campo arquitetônico. Dessa forma, as revistas não apenas registram a produção arquitetônica, mas também influenciam os modos pelos quais essa produção será interpretada e incorporada à história da disciplina.

Assim, a análise das revistas de arquitetura permite compreender não apenas a circulação de projetos e ideias, mas também os processos por meio dos quais determinadas interpretações sobre a arquitetura são formuladas, disputadas e legitimadas no interior do campo profissional.

Nas últimas décadas, contudo, esse cenário passou por transformações significativas em decorrência da expansão das plataformas digitais, que são ambientes online que conectam pessoas, empresas e serviços por meio da internet. Se anteriormente as revistas impressas constituíam os principais meios de circulação e legitimação do pensamento arquitetônico, atualmente grande parte dessa difusão ocorre em ambientes online, por meio de revistas digitais, portais especializados e plataformas de compartilhamento de projetos. Essa mudança ampliou a velocidade de circulação das informações e o alcance das publicações, permitindo acesso mais imediato e contínuo ao conteúdo arquitetônico.

Sobre esse processo, Fabiano Sobreira (2020) observa que o encerramento das edições periódicas impressas da revista *Projeto*, em 2020, simboliza uma transformação mais ampla no campo editorial da arquitetura brasileira. Segundo o autor, as revistas impressas dedicadas à difusão e à crítica arquitetônica vêm sendo

gradualmente substituídas por plataformas digitais caracterizadas por fluxos contínuos de atualização e circulação de conteúdo.

Apesar das transformações nos suportes e nas dinâmicas de publicação, os meios digitais continuam desempenhando funções historicamente associadas às revistas impressas, como a divulgação de projetos, a formulação de debates críticos e a construção de legitimidade no campo profissional.

Desse modo, as revistas de arquitetura constituem fontes fundamentais para compreender as dinâmicas de produção, circulação e consolidação do pensamento arquitetônico ao longo do tempo. Além de espaços de divulgação, esses periódicos atuam na definição de referências disciplinares, na atribuição de prestígio profissional e na construção de narrativas historiográficas. A transição contemporânea do suporte impresso para o digital não altera essa função estruturadora, mas redefine os meios pelos quais projetos, discursos e agentes passam a alcançar visibilidade no campo arquitetônico.

5.2 A influência das revistas na formação de uma historiografia hegemônica, centralizada em figuras masculinas

A atuação das revistas especializadas no campo da arquitetura ultrapassa a função de difusão de projetos e ideias, configurando-se como um dos principais dispositivos de construção da memória disciplinar. Se a arquitetura, enquanto produção cultural, está inserida em um sistema mais amplo de relações ideológicas, conforme discutido anteriormente, os periódicos podem ser compreendidos como instrumentos privilegiados de materialização dessas ideologias, operando na seleção, organização e legitimação de determinados discursos em detrimento de outros.

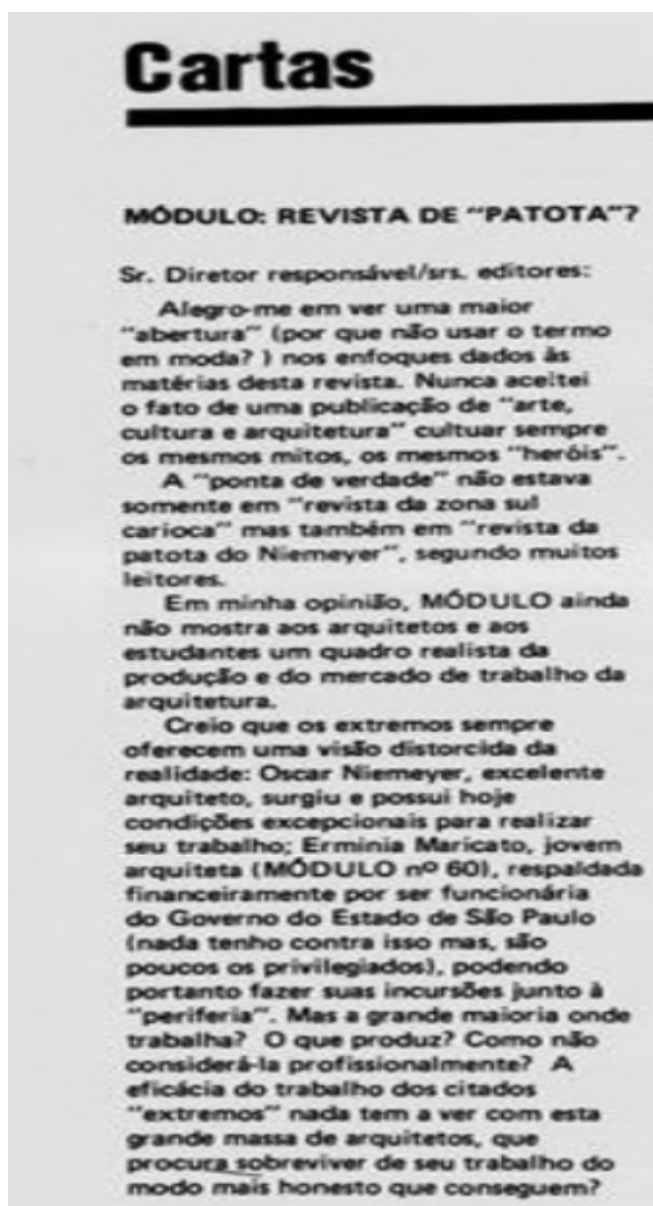
Nesse sentido, as revistas não apenas registram a produção arquitetônica, mas participam ativamente da definição do que será reconhecido como arquitetura relevante. Ao operarem dentro de um sistema cultural marcado pela hegemonia de determinados grupos sociais, essas publicações tendem a reproduzir e reforçar valores já consolidados, contribuindo para a naturalização de hierarquias existentes. Como produto de uma cultura dominante, historicamente associada a homens brancos e pertencentes a determinados círculos de poder, as revistas de arquitetura torna-se um espaço de reprodução simbólica dessas mesmas estruturas.

A influência das revistas na formação de uma historiografia hegemônica manifesta-se, portanto, não apenas pelo que é publicado, mas sobretudo pelos critérios implícitos de seleção e enquadramento editorial. Esses critérios determinam quais projetos merecem visibilidade, quais profissionais são apresentados como protagonistas e quais narrativas são construídas em torno da produção arquitetônica. Ao privilegiar obras emblemáticas, trajetórias excepcionais e autores amplamente reconhecidos, os periódicos contribuem para a consolidação de um repertório restrito, no qual determinadas experiências passam a representar a totalidade da produção arquitetônica.

Essa dinâmica é criticamente evidenciada por Ermínia Maricato em carta publicada na revista *Módulo*, na qual questiona a incapacidade do periódico de apresentar um “quadro realista da produção e do mercado de trabalho da arquitetura”. Ao afirmar que “os extremos sempre oferecem uma visão distorcida da realidade”, Maricato denuncia o caráter seletivo das narrativas veiculadas, centradas em figuras de grande visibilidade, como Oscar Niemeyer, ou em trajetórias igualmente excepcionais, mas que não representam as condições concretas de atuação da maioria dos profissionais. Sua crítica desloca o foco da análise ao evidenciar que a ênfase recorrente nesses casos paradigmáticos obscurece a produção cotidiana, marcada por limitações materiais, inserção periférica e menor reconhecimento institucional.

Embora a crítica de Maricato não esteja voltada especificamente às questões de gênero, sua reflexão evidencia o papel dos periódicos na construção seletiva das narrativas arquitetônicas. Ao privilegiar determinados agentes, obras e trajetórias em detrimento de outras formas de atuação profissional, as revistas participam ativamente dos processos de legitimação simbólica no campo da arquitetura, funcionando como instrumentos de visibilidade para certos grupos e, simultaneamente, de apagamento ou marginalização de outros

Figura 2 –Carta de Ermínia Maricato criticando a falta de representatividade na revista Módulo, Revista Módulo, n. 61,1980



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025.

Ao problematizar essa dissociação entre representação e realidade, Maricato explicita um dos mecanismos centrais de construção da historiografia arquitetônica: a transformação de experiências particulares em modelos universais. Esse processo não apenas reduz a complexidade do campo, mas também estabelece parâmetros de valor que orientam o reconhecimento profissional e a produção do conhecimento. Nesse contexto, a recorrência de determinados nomes e obras não deve ser compreendida como reflexo neutro de sua relevância, mas como resultado de um

processo contínuo de validação simbólica operado pelos meios de divulgação especializados.

A crítica de Maricato adquire ainda maior densidade quando articulada à perspectiva de gênero. Se os critérios de visibilidade já operam por meio de recortes seletivos, a inserção desigual das mulheres no campo arquitetônico tende a intensificar sua marginalização desses circuitos de reconhecimento. A ênfase em trajetórias excepcionais, historicamente associadas a homens, reforça a ideia de que a produção arquitetônica relevante se concentra em figuras individuais de destaque, dificultando a incorporação de outras experiências e modos de atuação. Assim, a presença marginal das arquitetas nas publicações não pode ser dissociada das estruturas que definem o que é digno de registro, análise e memória.

Outro aspecto relevante diz respeito à relação entre visibilidade e permanência histórica. A recorrência de determinados projetos e autores nas revistas não apenas garante sua difusão no presente, mas influencia diretamente sua incorporação futura à historiografia. Aquilo que é amplamente publicado tende a ser posteriormente reconhecido como referência, integrando livros, currículos acadêmicos e narrativas históricas. Desse modo, as revistas operam como um filtro temporal, antecipando e condicionando os processos de canonização.

Dessa forma, a influência das revistas na formação de uma historiografia hegemônica não pode ser compreendida apenas como resultado de exclusões explícitas, mas como efeito de um conjunto articulado de práticas editoriais e discursivas. A seleção de conteúdos, a valorização de determinadas trajetórias e a construção de narrativas centradas em protagonistas singulares constituem mecanismos que, ao longo do tempo, consolidam uma memória disciplinar marcada por assimetrias. Nesse processo, a centralidade masculina não emerge como dado natural, mas como produto histórico de dispositivos de legitimação que definem quem será reconhecido como protagonista da arquitetura e, conseqüentemente, quem será lembrado por sua história.

6. MULHERES NAS REVISTAS ACRÓPOLE, MÓDULO, HABITAT, PROJETO e AU

A análise das revistas especializadas *Acrópole*, *Habitat*, *Módulo*, *Projeto* e *AU* permite compreender como se estruturam os processos de visibilidade e invisibilidade feminina no campo arquitetônico brasileiro. Se, nos capítulos anteriores, foram discutidos os fundamentos teóricos e históricos das desigualdades de gênero, neste capítulo desloca-se o foco para a dimensão empírica da pesquisa, articulando dados quantitativos obtidos a partir do levantamento documental realizado.

Mais do que identificar a presença de arquitetas nesses periódicos, interessa compreender de que forma essa presença se manifesta, quais espaços são ocupados, quais tipos de produção são atribuídos às mulheres e como seus trabalhos são apresentados no interior das narrativas editoriais. Nesse sentido, as revistas são analisadas não apenas como repositórios de projetos, mas como dispositivos ativos de mediação cultural, capazes de selecionar, enquadrar e hierarquizar produções e trajetórias profissionais.

O capítulo estrutura-se em três momentos complementares. Inicialmente, apresenta-se um levantamento quantitativo da presença feminina nas revistas analisadas, evidenciando padrões de participação, autoria e distribuição de projetos. Em seguida, desenvolve-se uma análise desses dados, interpretando criticamente os modos de inserção das arquitetas nos periódicos por meio de um comparativo entre revistas analisadas em seus recortes do século XX, como *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo*, e as revistas *Projeto* e *AU*, cuja origem editorial remonta ainda ao século XX, mas que, nesta pesquisa, são investigadas a partir de suas edições do século XXI. Tal delimitação considera os distintos contextos políticos e sociais de circulação dessas publicações, possibilitando estabelecer correlações mais claras entre as transformações históricas e as dinâmicas de representatividade.

A definição desse recorte temporal também busca evidenciar as permanências e transformações nas formas de circulação, legitimação e visibilidade da produção arquitetônica ao longo de diferentes contextos históricos. A linha do tempo apresentada a seguir sintetiza os períodos de circulação das revistas analisadas,

bem como os principais marcos históricos considerados na pesquisa, permitindo visualizar as simultaneidades, continuidades e rupturas entre os periódicos estudados.

Figura 3 – Linha do tempo do recorte temporal das revistas analisadas



Fonte: Autora, 2026.

A partir da linha do tempo, é possível observar que as revistas analisadas se inserem em diferentes conjunturas políticas e culturais, acompanhando transformações no campo arquitetônico brasileiro ao longo do século XX e início do século XXI. Enquanto periódicos como *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo* estiveram diretamente relacionados ao processo de consolidação da arquitetura moderna brasileira e à intensificação dos debates sobre urbanização e modernização no país, revistas como *Projeto* e *AU* desenvolvem-se em um contexto posterior, marcado pela redemocratização, pela ampliação dos meios de comunicação e pelas transformações nas formas de circulação da informação arquitetônica.

A linha do tempo também evidencia como determinados acontecimentos históricos impactaram a trajetória editorial dessas publicações. O surgimento da *Acrópole*, em 1938, ocorre às vésperas da Segunda Guerra Mundial, período marcado por intensas transformações econômicas e urbanas que influenciaram diretamente os

debates sobre modernização e arquitetura no Brasil. Nesse contexto, o crescimento das cidades e a busca por novas linguagens arquitetônicas favoreceram a expansão do discurso moderno no campo profissional e editorial. Já as décadas de 1950 e 1960 — período correspondente ao recorte de análise das revistas *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo* — coincidem com a consolidação da arquitetura moderna brasileira, impulsionada por processos como a industrialização, a verticalização urbana e a construção de Brasília. Tais transformações ampliaram a circulação dos debates arquitetônicos e fortaleceram o papel das revistas especializadas como importantes espaços de difusão crítica e cultural.

Outrossim, a linha do tempo também permite observar como as transformações políticas do período impactaram diretamente o campo cultural e editorial brasileiro. O golpe militar de 1964, nesse sentido, provocou restrições à liberdade de expressão e afetou a circulação de periódicos especializados, como ocorreu com a revista *Módulo*, cuja publicação foi interrompida em 1965 e retomada apenas em 1975. Desse modo, o recorte adotado nesta pesquisa permite estabelecer um diálogo entre diferentes momentos da cultura arquitetônica nacional, possibilitando compreender como as formas de representação e visibilidade das arquitetas se articulam a contextos históricos distintos.

Por fim, discute-se a permanência e as mudanças dessas dinâmicas na contemporaneidade, relacionando os resultados ao cenário atual da profissão e aos debates recentes sobre gênero e representatividade.

6.1 Levantamento quantitativo das presenças femininas e suas autorias projetuais

A análise quantitativa da presença feminina nas revistas especializadas constitui uma etapa fundamental desta pesquisa, na medida em que permite dimensionar a participação das arquitetas nas revistas arquitetônicas no Brasil ao longo do século XX e início do século XXI. Mais do que identificar ocorrências pontuais, trata-se de compreender padrões de presença, frequência e formas de inserção das mulheres nesses veículos, evidenciando como se configuram suas participações no interior do campo arquitetônico.

Nesse sentido, parte-se da compreensão de que a quantificação não se limita a um levantamento numérico descritivo, mas se configura como um instrumento analítico essencial para a avaliação da diversidade e da pluralidade nos meios de comunicação especializados. Assim, ao quantificar a presença de mulheres nas revistas de arquitetura, torna-se possível avaliar em que medida esses meios incorporam ou não diferentes sujeitos e se contribuem para a construção de um campo mais representativo e plural.

A partir dessa perspectiva, a análise das revistas *Acrópole* (1950–1971), *Habitat* (1950–1965), *Módulo* (1950–1965; 1975–1986), *Projeto* (2002–2025) e *AU* (2001–2025) orientou-se por quatro objetivos principais: (1) identificar a presença de projetos de mulheres arquitetas publicados em periódicos brasileiros de relevância ao longo dos séculos XX e XXI; (2) relacionar os mecanismos de invisibilidade discutidos nos capítulos anteriores com os dados empíricos sobre a atuação feminina nas revistas; (3) sistematizar informações quantitativas relativas à participação das arquitetas, considerando aspectos como frequência de aparição, tipos de produção e formas de autoria; e (4) articular os dados coletados de modo a produzir indicadores que contribuam para a compreensão das condições de inserção e reconhecimento das mulheres nas revistas de arquitetura brasileira.

Para atender a esses objetivos, a metodologia adotada estruturou-se a partir de um levantamento sistemático das edições das revistas selecionadas. Inicialmente, realizou-se uma exploração preliminar do material, com o intuito de identificar características editoriais, autoria das publicações, presença feminina nos projetos, tipologias de atuação e participação em concursos e premiações. Essa etapa foi fundamental para a elaboração dos instrumentos de coleta de dados.

No caso das revistas *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo*, esta pesquisa adotou a mesma amostragem utilizada por Marina Lima de Fontes na dissertação *Mulheres Invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista* (2016). Entretanto, ainda que Fontes (2016) já tenha realizado um mapeamento quantitativo da presença feminina nessas publicações, a retomada direta das edições mostrou-se necessária, pois o objetivo desta pesquisa não se restringe à contagem de projetos de autoria feminina. Busca-se, aqui, aprofundar a análise sobre os modos de inserção das arquitetas nos periódicos, considerando

aspectos como as tipologias projetuais atribuídas às mulheres, a presença feminina em premiações e os espaços editoriais ocupados por essas profissionais. Dessa forma, a consulta às edições originais possibilitou ampliar a leitura quantitativa previamente realizada, articulando-a a uma interpretação qualitativa das formas de visibilidade feminina no campo arquitetônico.

Fontes (2016) emprega o método de amostragem sistemática, procedimento estatístico utilizado para selecionar exemplares de forma organizada e representativa em universos documentais extensos. A adoção dessa metodologia teve como objetivo evitar uma seleção arbitrária das edições, garantindo maior equilíbrio e consistência ao levantamento documental. O método consiste na definição de um intervalo fixo entre os exemplares selecionados. Nesse caso, foi adotado o intervalo de cinco edições, de modo que, após a definição de um ponto inicial, os exemplares passaram a ser selecionados sequencialmente a cada cinco números da revista.

O universo analisado pela autora compreendia 429 edições no total, distribuídas entre as revistas *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo*. Desse conjunto, foram selecionadas 87 edições para análise, correspondendo a 50 exemplares da revista *Acrópole*, 17 da revista *Habitat* e 20 da revista *Módulo*. A presente pesquisa utilizou exatamente a mesma amostra estabelecida por Fontes (2016), mantendo continuidade metodológica em relação ao levantamento previamente realizado.

Dessa forma, na revista ***Acrópole*** foram analisadas 50 edições distribuídas entre 1950 e 1971, conforme o intervalo metodológico estabelecido por Fontes (2016). As edições selecionadas correspondem aos seguintes anos e edições: **1950** (144 e 149); **1951** (154, 159 e 164); **1952** (169 e 174); **1953** (179 e 184); **1954** (189 e 194); **1955** (199 e 204); **1956** (209 e 214); **1957** (219, 224 e 229); **1958** (234 e 239); **1959** (244, 249 e 254); **1960** (259 e 264); **1961** (269 e 274); **1962** (279, 284 e 289); **1963** (294 e 299); **1964** (304 e 309); **1965** (314, 319 e 324); **1966** (329 e 334); **1967** (339 e 344); **1968** (349 e 354); **1969** (359 e 364); **1970** (369 e 374) e **1971** (379, 384 e 389).

Na revista ***Habitat*** foram analisadas 17 edições distribuídas entre 1950 e 1965, conforme o intervalo metodológico estabelecido por Fontes (2016). As edições selecionadas correspondem aos seguintes anos e edições: **1950** (4); **1951** (8); **1953**

(13); **1954** (18); **1955** (23); **1956** (28 e 33); **1957** (38 e 43); **1958** (48); **1959** (53); **1960** (58); **1961** (63); **1962** (68); **1963** (73); **1964** (78) e **1965** (83).

Já na revista **Módulo** foram analisadas 20 edições distribuídas entre 1955 e 1986, seguindo como referência a organização metodológica utilizada por Fontes (2016). As edições selecionadas correspondem aos seguintes anos e edições: **1955** (1); **1956** (6); **1958** (11); **1959** (16); **1960** (21); **1961** (26); **1962** (31); **1963** (36); **1975** (41); **1977** (46); **1978** (51); **1979** (56); **1980** (61); **1981** (66); **1982** (71); **1983** (76); **1984** (81); **1985** (86) e **1986** (91 e 96).

Para as revistas *Projeto* e *AU*, optou-se por uma metodologia distinta, diretamente relacionada aos objetivos analíticos desta pesquisa. Diferentemente das revistas *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo*, nas quais foi adotada a amostragem estabelecida por Fontes (2016), nas revistas *Projeto* e *AU* buscou-se realizar um levantamento mais abrangente da presença feminina, considerando que a análise da representatividade das arquitetas na produção recente constitui um dos eixos centrais desta investigação.

No caso da revista *Projeto*, foram analisadas todas as edições disponíveis no acervo digital “Acervo Projeto”, compreendidas entre os anos de 2002 e 2025, totalizando 580 publicações. A escolha pela análise integral desse conjunto documental permitiu construir um panorama mais amplo e detalhado da presença feminina na arquitetura contemporânea, possibilitando identificar permanências, transformações e novas dinâmicas de inserção profissional no século XXI.

Na revista *AU – Arquitetura e Urbanismo*, a pesquisa contemplou, em um primeiro momento, a análise direta das edições compreendidas entre janeiro de 2015 e dezembro de 2025, correspondentes às edições 250 a 358. Entretanto, devido à extensa quantidade de edições e páginas do periódico, incorporou-se também à pesquisa o levantamento desenvolvido por Carolina de Gois Laufer e Sirlei Maria Oldoni, utilizado como base complementar para as edições compreendidas entre 2001 e 2014, totalizando 122 edições analisadas pelas autoras. Dessa forma, foi possível ampliar o recorte temporal investigado da revista *AU*, aproximando-o do período analisado na revista *Projeto* e favorecendo a realização de análises comparativas entre os periódicos contemporâneos.

Assim, a utilização de diferentes estratégias metodológicas permitiu estruturar o levantamento documental de maneira mais coerente com os objetivos da pesquisa, respeitando as especificidades de cada periódico e a dimensão do material analisado. Além de conferir maior rigor metodológico ao trabalho, esse procedimento possibilitou desenvolver uma análise quantitativa mais ampla da representatividade feminina na arquitetura publicada em revistas especializadas brasileiras ao longo de diferentes contextos históricos.

6.1.1 Acrópole (1950-1971)

Fundada em 1938 por Roberto A. Corrêa de Brito, a revista *Acrópole* constitui uma das publicações mais influentes do cenário arquitetônico brasileiro ao longo do século XX, desempenhando papel fundamental na difusão de referências arquitetônicas, técnicas construtivas e debates profissionais. Com periodicidade mensal, a revista permaneceu em circulação até 1971, totalizando 391 edições publicadas, o que evidencia sua relevância e permanência no contexto editorial especializado brasileiro.

Inicialmente orientada por referências clássicas e historicistas, a publicação passou, ao longo das décadas, a incorporar progressivamente os princípios da arquitetura moderna, sobretudo a partir dos anos 1950, acompanhando as transformações estéticas, técnicas e culturais do campo arquitetônico nacional. Nesse contexto, *Acrópole* consolidou-se como um importante espaço de divulgação da arquitetura moderna brasileira, reunindo projetos, concursos, artigos técnicos e discussões relacionadas à modernização das cidades e das práticas construtivas.

Esse panorama justifica a delimitação temporal adotada nesta pesquisa, que concentra sua análise a partir da década de 1950, período em que a revista se insere de maneira mais direta nos debates da modernidade arquitetônica brasileira.

Além da publicação de obras nacionais e internacionais, *Acrópole* exerceu importante função documental e informativa, contribuindo para a circulação de repertórios arquitetônicos e para a atualização profissional de arquitetos, engenheiros e estudantes. Suas páginas abrangiam temas relacionados à arquitetura, urbanismo, paisagismo, design de interiores e tecnologia construtiva, refletindo as transformações urbanas e sociais vivenciadas pelo Brasil ao longo do

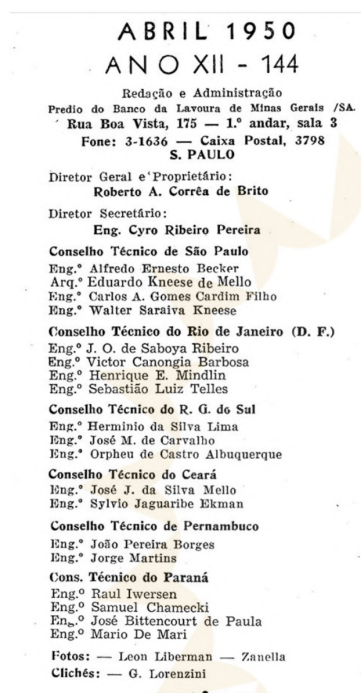
século XX. A revista destacou-se ainda pela ampla divulgação de projetos residenciais, edifícios públicos e equipamentos urbanos, consolidando-se como referência para profissionais e pesquisadores da área.

A partir da análise das 50 edições selecionadas, observa-se:

Análise Editorial

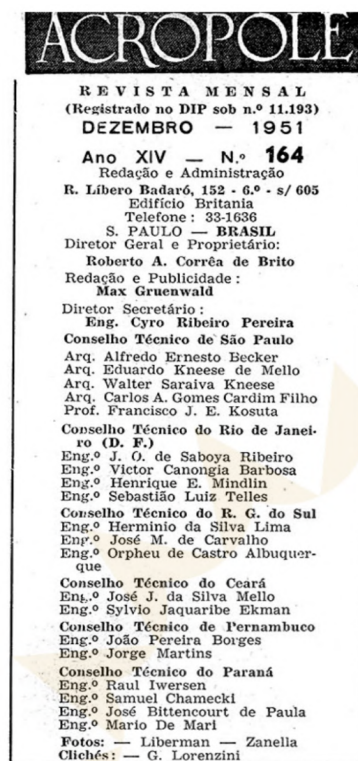
- Nenhuma mulher como fundadora, editora, diretora na revista
- Nenhuma presença feminina em cargos de liderança no Instituto de Arquitetos no Brasil (I.A.B)

Figura 4 –Expediente da revista Acrópole, Revista Acrópole, n. 144, 1950



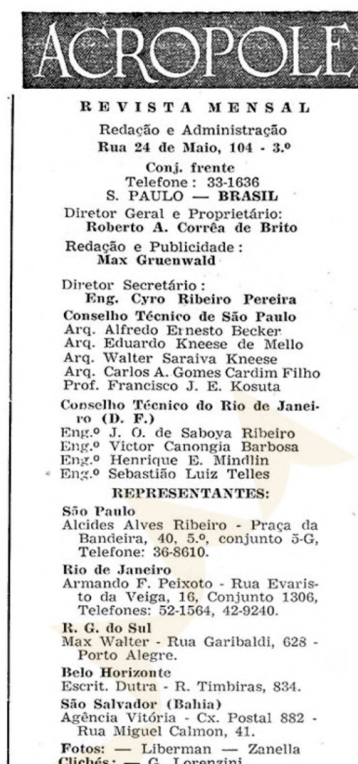
Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.

Figura 5 – Expediente da revista Acrópole, Revista Acrópole, n.164, 1951



Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.

Figura 6 –Expediente da revista Acrópole, Revista Acrópole, n.169, 1952



Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.

Figura 7 –Nova diretoria do I.A.B, Revista Acrópole, n.199, 1955

Notícias da Secretaria

NOVA DIRETORIA

Realizaram-se em S. Paulo, as eleições para o Conselho Diretor e Fiscal do I. A. B. departamento de S. Paulo, tendo sido eleito os colegas

ICARO DE CASTRO MELLO
WALTER SARAIVA KNESEE
RUI GAMA
RODOLPHO ORTENBLAD FILHO
LAURO DA COSTA LIMA
e
PLINIO CROCE
JOSÉ AUGUSTO BELLUCI
FRANCISCO BECK.

Fato auspicioso para nossa entidade foi a maneira como foram conduzidos os trabalhos preliminares que precederam a eleição. A exemplo da eleição passada, também nesta os arquitetos reuniram-se em acalorados debates num clima de absoluta cordialidade para discutir as principais diretrizes da nova diretoria e compor um conselho Diretor e Fiscal de unidade.

Desses debates surgiram a indicação dos nomes que posteriormente foram eleitos, constituindo assim uma grande conquista para a tão almejada união da classe.

Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.

Figura 8 –Nova diretoria do I.A.B, Revista Acrópole, n.219, 1957

Campinas, 27 de maio de 1957.

O Comissão Executiva do Paço :

Ruyrillo de Magalhães — Presidente
Egberto Ferreira de Arruda Camargo — Consultor Técnico
Rodolpho Vitali — Sec. Administrativo
Helio Moraes de Siqueira — Diretor do D. L.
Ruy Hellmeister Moraes — Prefeito Municipal de Campinas

NOVOS CONSELHO DIRETOR E CONSELHO FISCAL DO DEPARTAMENTO DA BAHIA DO I.A.B.

Foram eleitos recentemente para integrarem os Conselho dêsse nosso Departamento baiano os seguintes colegas :

Conselho Diretor : Affonso Baqueiro - Presidente;
Antonio Carlos Guimarães - Vice-Presidente; Newton Oliveira - 1.º Secretário; Isclair Pessoa - 2.º Secretário;
Arthur Napoleão M. Rêgo - Tesoureiro.

Conselho Fiscal : Diógenes de Almeida Rebouças;
Fernando Machado Leal; Evano Gualberto.

Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.

Análise de projetos

• Distribuição das autorias dos projetos analisados

Foram analisados 340 projetos na revista *Acrópole*, dos quais 7 apresentam presença feminina e 333 são de autoria exclusivamente masculina.

• Tipologias dos projetos com presença feminina

Entre os projetos com participação de mulheres, identificam-se as seguintes tipologias: 1 projeto de design de mobiliário; 1 projeto de design de interiores; 3 projetos residenciais (casas); 1 cooperativa e 1 projeto arquitetônico de igreja.

• Parcerias nos projetos com participação feminina

Dos 7 projetos que incluem mulheres, 3 foram desenvolvidos exclusivamente por autoras femininas, enquanto 4 correspondem a projetos realizados em coautoria entre mulheres e homens.

• Participação feminina em premiações

Entre os 44 nomes mencionados em premiações na revista no período analisado, não foi identificada a presença feminina entre os profissionais premiados.

Figura 9 –Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias , Revista Acrópole, n.339,1967

acrópole	maio 1967	ano XXIX	número 339
Arquitetura: ensino e pesquisa	Eduardo Corona, arquiteto	18	
Concurso para o Dep. Federal de Segurança Pública 1.º prêmio	J. Lerner, D. Bougestabs e M. Prado, arquitetos	19	
Concurso para o Dep. Federal de Segurança Pública 2.º prêmio	F. Petracco, J. Ramalho e L. Villavecchia, arquitetos	22	
Concurso para o Dep. Federal de Segurança Pública 3.º prêmio	M. Pereira e I. Mizoguchi, arquitetos	25	
Concurso para o Dep. Federal de Segurança Pública 4.º prêmio	P. M. Liberman, G. Zolko e R. Kohn, arquitetos	27	
Mercado municipal de Pedreira	A. Rubinstein, T. L. Frascino, arquitetos	28	
Residência na Vila Romana	R. Ohtake, arquiteto	31	
Concurso para mercado público 1.º prêmio	M. Focchi, J. Magalhães Jr. e A. C. Macedo, arquitetos	34	
Concurso para mercado público 2.º prêmio	L. Forte Netto, J. Gandolfi, R. Gandolfi, V. de Castro, O. Mueller e J. Sanhotene, arquitetos	37	
Concurso para mercado público 3.º prêmio	M. J. Figueredo e N. Silveira F., arquitetos	39	
Concurso para mercado público 4.º prêmio	M. Konder Netto, arquiteto	40	
Concurso para mercado público 5.º prêmio	U. Ribeiro e W. Maffei, arquitetos	41	
Edifício de escritórios	H. Duarte e L. Grinover, arquitetos	42	
Conjunto industrial	Edibras Constr. Gerais	44	
Planos diretores municipais para a zona rural	R. Grise e A. Sabgesse, engenheiros	46	
Bibliografia		48	

Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.

Figura 10 –Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias, Revista Acrópole,n. 354, 1968

SEP 1968 - ANO 30 - N° 354		Home	Pesquise...	Buscar
CONGRESSO — “As responsabilidades da classe dos arquitetos perante a sociedade brasileira devem ser definidas a partir de uma interpretação global da situação do país, no tocante à organização do espaço físico”. Assim se iniciam as conclusões do VII Congresso Brasileiro de Arquitetos, reunido em Belo Horizonte e que teve em seu temário dois assuntos particularmente importantes para a classe: a) O exercício da profissão do Arquiteto e b) O desenvolvimento urbano. Várias críticas fizeram os convencionais ao não-aproveitamento do “know-how” da arquitetura no processo de desenvolvimento que as autoridades pensam em dar à nação. Crítica especial mereceu o Banco Nacional da Habitação, “constituído como órgão essencialmente financeiro em que pese ao vulto dos recursos a ele canalizados e a realização de um certo número de experiências”, mas que “não atua em termos de planejamento efetivo habitacional ou urbano”. Para solucionar o caso, preconizou o congresso “a criação de um órgão nacional de desenvolvimento urbano, não subordinado a critérios bancários, destinado a financiar não apenas planos, mas também a sua implementação e as desapropriações necessárias”, o que “seria avanço considerável sempre que sua constituição fosse acompanhada da reformulação efetiva da orientação dos órgãos oficiais”.				
acrópole		setembro 1968	ano XXX	número 354
IAB - Dep. de São Paulo: 25 anos	Eduardo Corona, arquiteto	12		
Painel: arte de consumo	Ubirajara Ribeiro e Walter Maffei, arquitetos	13		
Concurso para a Biblioteca de Salvador 1.º prêmio	E. Alvarez, R. Pontual e U. Zurcher, arquitetos	16		
Concurso para a Biblioteca de Salvador 2.º prêmio	Joaquim Guedes, arquiteto	18		
Concurso para a Biblioteca de Salvador 3.º prêmio	R. Gandolfi, J. Sanhotene e A. Assad, arquitetos	22		
Concurso para a Biblioteca de Salvador 4.º prêmio	M. Pereira e I. Mizoguchi, arquitetos	24		
Concurso para a Biblioteca de Salvador 5.º prêmio	José R. de Faria, arquiteto	26		

Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.

Figura 11 –Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias , Revista Acrópole, n. 349,1968

PREMIAÇÃO — Reunido em Belo Horizonte, durante o VII Congresso Brasileiro de Arquitetos, o júri da I Premiação Bienal do Instituto Brasileiro de Arquitetos deliberou sobre os vários prêmios a serem concedidos a profissionais associados da entidade. É a seguinte a relação de premiados e de suas respectivas obras:

Na categoria de Arquitetura, obra construída:

1. Habitação unifamiliar, "Duas Residências", de Siegbert Zanettini, Cândido M. Campos Filho e Manoel K. Correa, de São Paulo.
2. Habitação coletiva, "Conjunto Residencial Mateus Lema", de Jayme Lerner e Raphael Daly, do Paraná.
3. Edifício para fins esportivos e recreativos, "Estádio Mineirão", de Eduardo Mendes Guimarães e Gaspar Garreto, de Minas Gerais.
4. Edifício para fins religiosos, "Centro Paroquial São Bonifácio", de Hans Broos, de São Paulo.
5. Edifício para fins diversos, "Monumento ao Operário do Paraná", de Wit Olaf Prochnik.

Na categoria de Arquitetura de Interior, obra construída, foi laureado "Loja L'Atelier", de Roberto Bastos Cruz, na Guanabara e na de Trabalhos Escritos, "Metrópole", de Jorge Wilhelm, de São Paulo.

Concedeu ainda o júri diversas menções honoríficas, a saber:

"Habitação unifamiliar", de Aristides Salgado dos Santos, de Minas Gerais; "Condomínio Porto do Sino", de Paulo Casé, da Guanabara; "Ginásio São José de Sorocaba", de Joaquim Guedes, de São Paulo; "Estação Rodoviária de Belo Horizonte", de Fernando de Oliveira Garga, Francisco José do Espírito Santo, Luciano Pacini, Mardônio Guimarães, Marina Vasner, Mário Berti, Raul Cunha, Ronaldo Massoti, Suzy de Melo e Walter Machado, de Minas Gerais e "Praça 24 de Março", de Jayme Lerner, D. H. Bongetapis e O. P. Oliveira, do Paraná.

Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.



Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.

Figura 13 –Projeto Arquitetônico de uma residência de autoria de Cláudia Baccaro,
Revista Acrópole, n.344, 1967

acrópole outubro 1967 ano XXIX número 344

OCT 1967 - ANO 29 - Nº 344

Home Pesquisar... Buscar

Reivindicações 18

Capela de N. S. da Ajuda Eideval Bolanho, arquiteto 19

Centro paroquial Hans Broos, arquiteto 25

Edifício sede Flávia Pastore e Luigi Villavacchia, arquitetos 32

A propósito de uma adaptação Majer Botkowski, arquiteto 36

Residência na Granja Julieta Augusto Baccaro e M. Cláudia Repetto de Baccaro, arquitetos 40

Colônia de Férias Flávio Mindlin Guimarães e Luiz Américo Gaudenzi, arquitetos 43

40 **Residência na Granja Julieta**

projeto: Augusto Baccaro, M. Cláudia Repetto de Baccaro, arquitetos
construção: Projetos e Construções Ediplan Ltda.
local: Chácara São Luiz, SP

1 3 1 Fachada para o rio
2 4 2 Fachada posterior
3 Fachada lateral NO
4 Fachada lateral SE

OCT 1967 - ANO 29 - Nº 344

Home Pesquisar... Buscar

41

1 Pavimento térreo
2 Pavimento superior
3 Atalho

4 Albergio do carro
5 Entrada
6 Sala-jantar
7 Hall
8 Área
9 Cozinha
10 Quarto empregada
11 Banheiro
12 Dormitório principal
13 Banheiro
14 Quarto restr.
15 Dormitório
16 Atalho
17 Área verde

A residência, concebida para um casal de jovens arquitetos, será construída em um ambiente de alta mata natural e respeitando a topografia existente. O projeto prevê dois níveis: o superior, destinado ao local de trabalho (escultura, pintura, fotografia, aos quais são adicionados, seja em espaço coberto ou aberto, e o inferior, agrupando as demais funções de habitação. A privacidade necessária foi criada mediante a sobre-elevação desse nível e a vedação lateral, fortemente acentuada. Fica portanto dispensada qualquer fechamento no nível do jardim.

42

Planta da chácara Corte transversal

Corte longitudinal

Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.

Figura 14 – Projeto Arquitetônico de uma residência (Casa de Praia) de autoria Odiléia Toscano e João Toscano, Revista Acrópole, n.349, 1968

acrópole

abril 1968 ano XXX número 349 APR 1968 - ANO 30 - Nº 349

Home

Pesquise... Buscar

26

Casa de praia

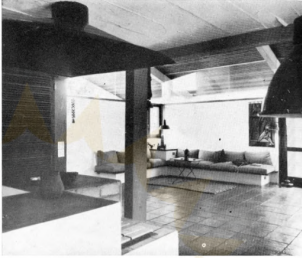


projeto: João Walter Toscano
Odiléia S. Toscano, arquitetos
proprietário: Nicola Petroni
local: Jardim Virginia, Guarujá

28

Casa de praia

Este projeto procura atender às solicitações básicas que envolvem a habitação de "fim de semana", resolvendo, dentro de um programa relativamente simples, um espaço agradável de habitar. Do ponto de vista dos materiais empregados e das técnicas de construção, procurou-se adequar o projeto às condições existentes no local. Assim, sem utilização de detalhes mais elaborados e de difícil execução, com o emprego apenas do tijolo, da telha, da madeira, definiram-se os volumes habitáveis. No espaço formado pela inclinação da cobertura foi utilizado um andar intermediário onde se colocaram as funções mais obrigadas do caso, como escritório, banheiro e quarto de dormir. Na parte de baixo, uma grande sala resolve as demais funções, inclusive a cozinha. Desta sala, o piso se prolonga para





1 4

2

3 5

1

2

3

4

5

Detalhe do terraço

Portas de correr, ligando o sala com o varanda

Detalhe da andar intermediária visto do sala

Corte transversal

Escada de acesso ao andar intermediário

1

2

3

4

5

6

7

Pavimento térreo

1 Sala de estar

2 Cozinha

3 Terraço

4 Dormitório

5

6

7

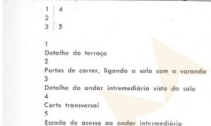
Pavimento intermediário

5 Escritório

6 Dormitório

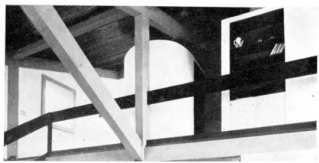
7 Terraço











Fonte: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.

6.1.2 Habitat (1950-1965)

A revista *Habitat*, criada em 1950 sob a direção de Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi, constitui um marco fundamental na difusão e consolidação da cultura moderna no Brasil. Surgida em um contexto de intensas transformações urbanas, culturais e industriais, especialmente na cidade de São Paulo em processo de metropolização, a revista articulava-se diretamente ao Museu de Arte de São Paulo (MASP), integrando um projeto mais amplo de ação cultural e educativa voltado à formação artística e intelectual do público.

Publicada entre 1950 e 1965, a *Habitat* totalizou 84 edições, embora sem periodicidade regular, alternando em edições mensais, bimestrais e trimestrais. Em sua fase inicial, entre 1950 e 1954, esteve sob direção de Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi, passando posteriormente pelas direções de Abelardo de Souza e Geraldo Ferraz. Desde sua concepção, a revista não se restringia à arquitetura, abrangendo também design, artes plásticas, fotografia, cinema, teatro, dança e cultura popular, refletindo uma compreensão ampliada e interdisciplinar da cultura.

Nesse sentido, a *Habitat* atuava como um importante veículo de difusão de ideias modernas, contribuindo para a formação de um pensamento crítico alinhado às transformações sociais, estéticas e tecnológicas do período. Além de divulgar projetos, exposições e debates, a revista desempenhava papel ativo na construção de um discurso de modernidade no Brasil, articulando referências das vanguardas internacionais às especificidades culturais nacionais.

Outro aspecto relevante da revista foi sua valorização da diversidade cultural. A *Habitat* buscava evidenciar múltiplas manifestações artísticas e sociais, compreendendo a cultura como um campo plural e heterogêneo. Essa perspectiva é sintetizada por Miranda (1998), ao afirmar que “A *Habitat* evidencia e valoriza a alteridade e a diversidade de manifestações, que compõem a unidade de cultura” (MIRANDA, 1998, p. 10).

A partir da análise das 17 edições selecionadas, observa-se:

Análise Editorial

- Uma mulher como fundadora, diretora e editora (Lina Bo Bardi)

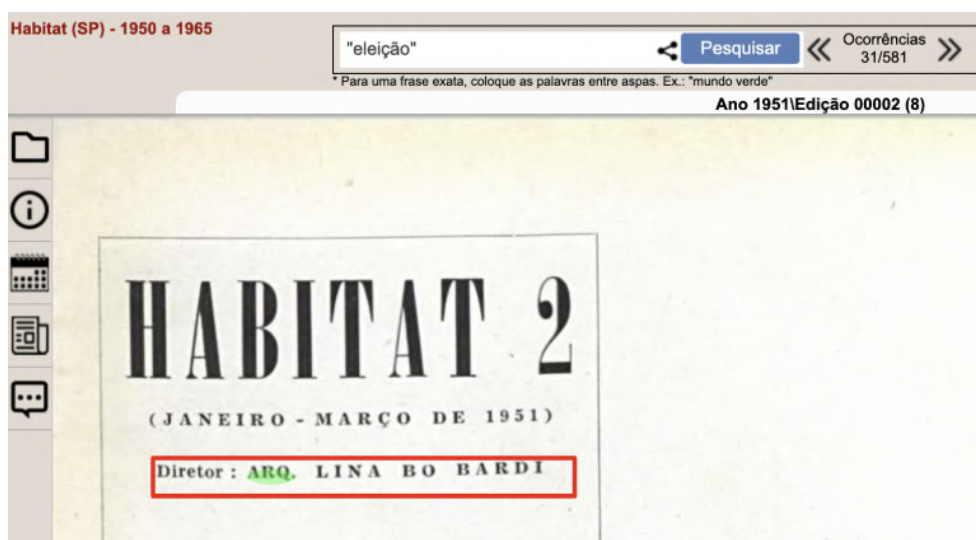
- No âmbito do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), identifica-se a presença de apenas uma mulher em cargo de liderança: Mênia Giske, integrante do conselho fiscal.

Figura 15 –Expediente da revista Habitat, Revista Habitat, n. 4, 1950



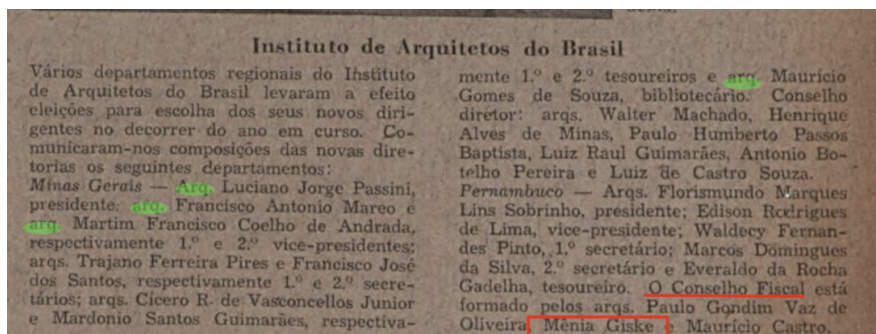
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025. Destaque realizado pela autora.

Figura 16 –Expediente da revista Habitat, Revista Habitat,n.8, 1951



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025. Destaque realizado pela autora.

Figura 17 –Eleição para a nova diretoria do I.A.B, Habitat,n.28, 1956



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2025. Destaques realizados pela autora.

Análise de projetos

• Distribuição das autorias dos projetos analisados

Foram analisados 92 projetos na revista Habitat, dos quais 15 apresentam presença feminina e 77 são de autoria exclusivamente masculina.

• Tipologias dos projetos com presença feminina

Entre os 15 projetos com participação feminina, identificam-se as seguintes tipologias: 4 projetos de design de mobiliário; 6 de paisagismo; 1 de design de interiores; 2 residências; 1 projeto arquitetônico de playground e 1 projeto de museu.

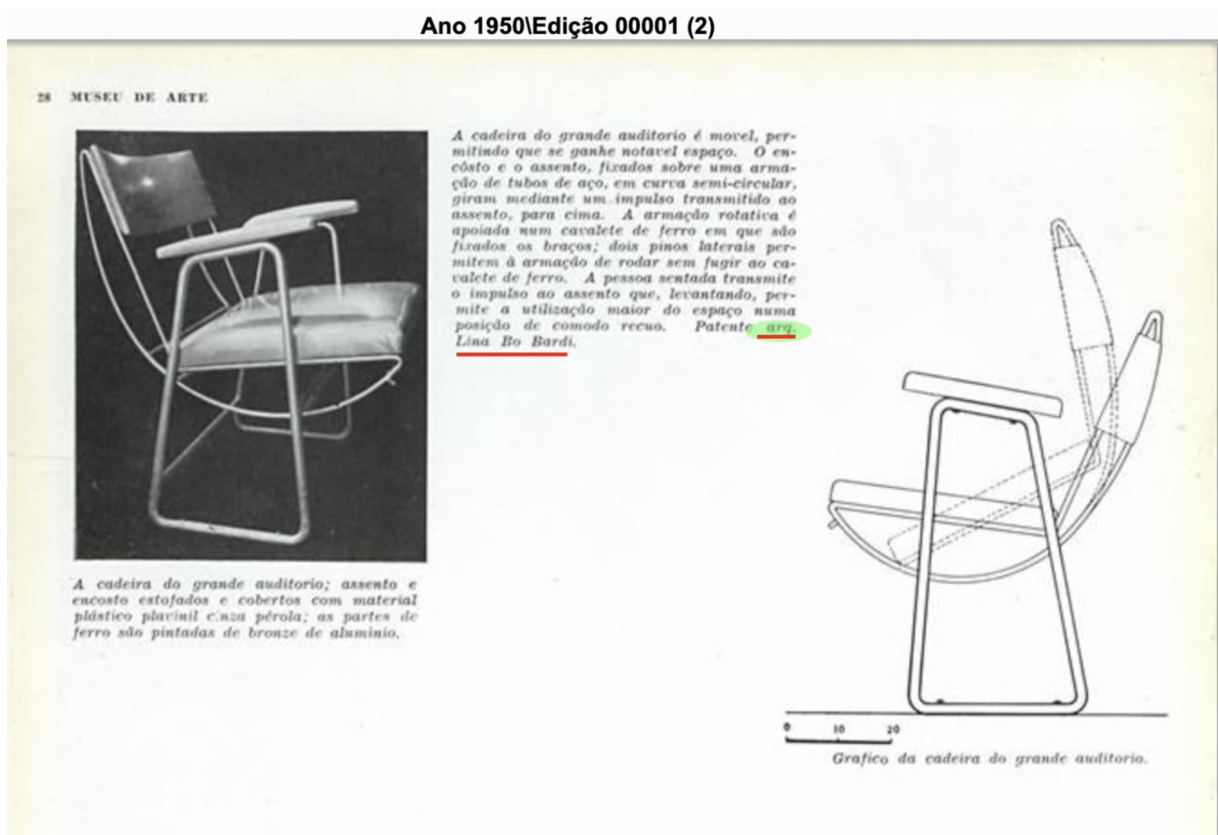
• Parcerias nos projetos com participação feminina

Dos 15 projetos que incluem mulheres, todos os 15 foram desenvolvidos exclusivamente por autoras femininas

• Participação em premiações

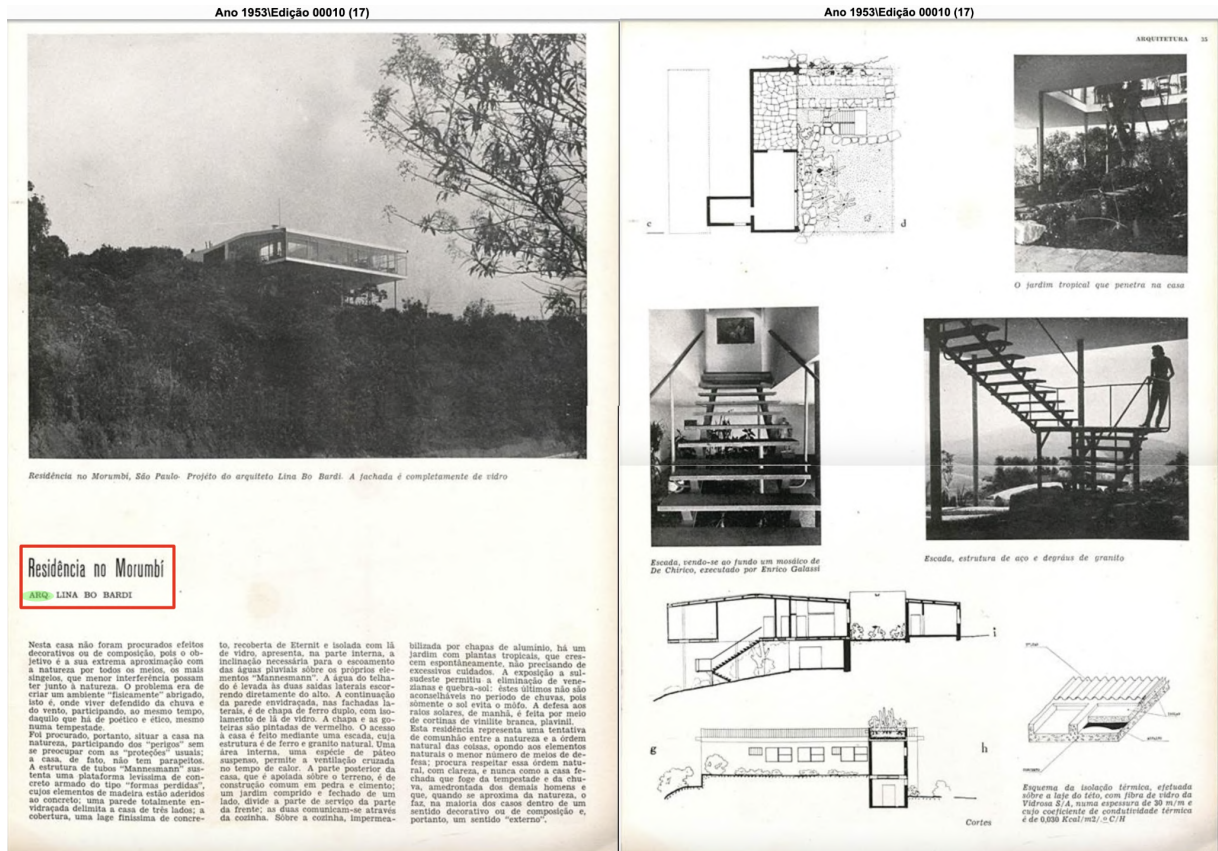
Não foram identificadas premiações em concursos nas páginas analisadas da revista *Habitat*.

Figura 18 –Design de mobiliário de Lina Bo Bardi, Revista Habitat, n.01, 1950



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025. Destaque realizados pela autora.

Figura 19 –Projeto Residencial de Lina Bo Bardi, Revista Habitat,n.10, 1953



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025. Destaque realizado pela autora.

Figura 20 –Design de mobiliário de Lina Bo Bardi, Revista Habitat,n.12, 1953

Ano 1953\Edição 00012 (15)

34 ARQUITETURA

Arg. Lina Bo. Poltrona em duas partes com assento móvel



Nova poltrona

A arquiteto Lina Bo tirou a patente duma poltrona que não tem similar na longa história da cadeira: uma poltrona em duas partes, cujo assento, em forma de meia esfera, pode ser colocado a gosto, em todas as posições, tornando mais confortável o descanso. A forma esférica do assento é a que melhor se adapta ao corpo humano: o primeiro a afirmar isto foi o padre Carlo Lodoli (vide *Habitat* n.º 1) e pode-se dizer que essa poltrona é a última consequência da famosa idéia de Sócrates, na arquitetura contemporânea.

Lá do alto de seu limbo, há dois séculos de distância, o padre Lodoli deve estar sorrindo de satisfação por essa homenagem à seu espírito de precursor. A parte técnica da nova poltrona não pode ser ainda explicada, mas os primeiros exemplares podem ser encontrados nas Lojas "Ambiente", em São Paulo.




Ler



Pensar



Deitar

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025. Destaque realizado pela autora.

Figura 21 –Projeto Residencial de Lygia Fernandes, Revista Habitat,n.31, 1956



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025. Destaque realizados pela autora.

6.1.3 Módulo (1955-1965) / (1975-1986)

Fundada em 1955 por Oscar Niemeyer, em colaboração com o engenheiro Joaquim Cardozo, a revista *Módulo* insere-se no contexto de consolidação da arquitetura moderna brasileira, desempenhando papel relevante na difusão de seus princípios conceituais, estéticos e políticos. Publicada no Rio de Janeiro, a revista surgiu em um momento de intensa projeção internacional da arquitetura brasileira, especialmente após o reconhecimento obtido por obras como o Conjunto da Pampulha e os projetos de Brasília. Nesse contexto, *Módulo* tornou-se um importante espaço de divulgação e defesa da arquitetura moderna nacional, articulando arquitetura, urbanismo, artes plásticas, design, literatura e cultura de maneira ampla e interdisciplinar.

A revista apresentava forte perfil autoral e ideológico, funcionando como espaço de expressão das concepções arquitetônicas de Oscar Niemeyer. Por meio de artigos, projetos, entrevistas e ensaios críticos, defendia uma arquitetura marcada pela liberdade formal, pelas potencialidades plásticas do concreto armado e pela valorização da criatividade como elemento central do projeto arquitetônico.

Ao longo de sua trajetória, *Módulo* publicou 100 edições, distribuídas em duas fases principais. A primeira ocorreu entre 1955 e 1965, período em que a publicação circulou inicialmente com periodicidade quadrimestral, embora sem rigor editorial contínuo ao longo de toda sua existência. Em 1965, em decorrência da repressão instaurada pela ditadura militar, a sede da revista foi saqueada e parcialmente destruída, levando à interrupção de sua circulação.

A revista retomou suas atividades apenas em 1975, durante o processo de abertura política, permanecendo em circulação até 1989, quando foi publicada sua centésima e última edição. Na segunda fase, *Módulo* retomou discussões sobre arquitetura moderna brasileira, patrimônio cultural e urbanismo, além de dedicar números especiais à trajetória de Oscar Niemeyer e ao Memorial da América Latina.

Dessa forma, *Módulo* consolidou-se como um importante espaço de formulação crítica e construção historiográfica da arquitetura moderna brasileira, contribuindo para a legitimação de projetos, arquitetos e concepções estéticas, além de registrar

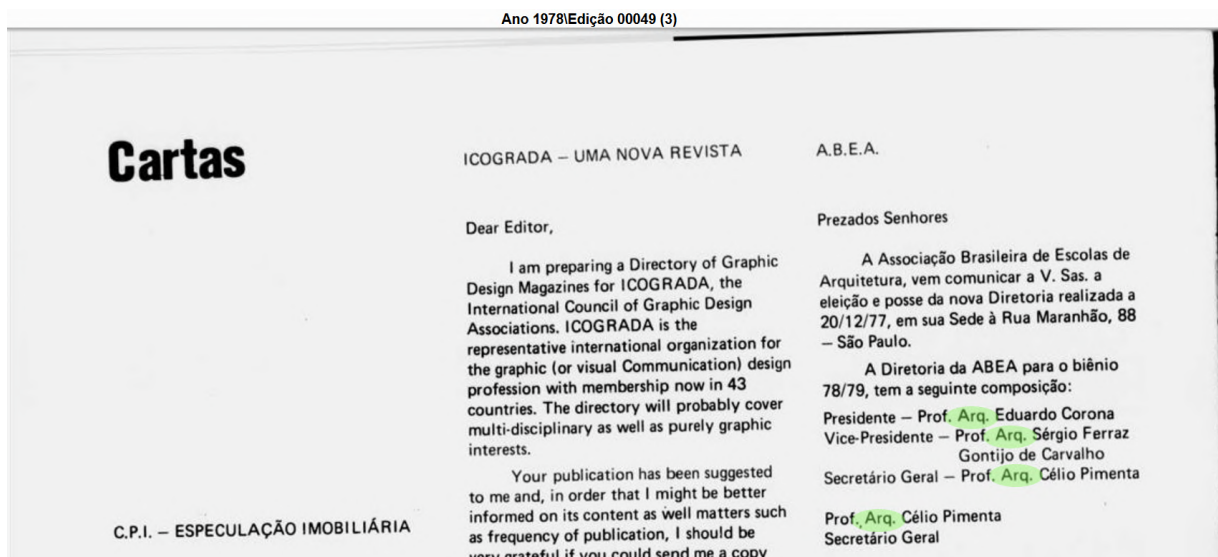
debates fundamentais sobre modernidade, identidade nacional e função social da arquitetura no Brasil.

A partir da análise das 20 edições selecionadas, observa-se:

Análise Editorial

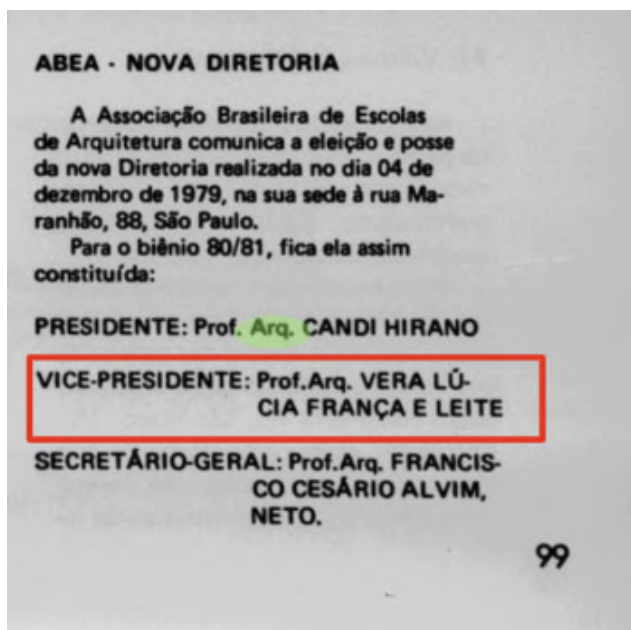
- Nenhuma mulher como fundadora, editora, diretora na revista
- No âmbito do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e da Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura (ABEA), identifica-se a presença de apenas uma mulher em cargo de liderança: Vera Lúcia França e Leite, que exerceu o cargo de vice-presidente da ABEA no ano de 1980.

Figura 22 –Nova diretoria do ABEA, Revista Módulo, n.49,1978



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2025.

Figura 23 –Nova diretoria do ABEA, Revista Módulo,n.61, 1980



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025. Destaque realizado pela autora.

Análise de projetos

• Distribuição das autorias dos projetos analisados

Foram analisados 43 projetos na revista Módulo, dos quais 3 apresentam presença feminina e 40 são de autoria exclusivamente masculina.

• Tipologias dos projetos com presença feminina

Entre os projetos com participação de mulheres, identificam-se as seguintes tipologias: 1 arquitetônico de um hospital; 1 Centro Israelita e 1 Centro Internacional.

• Parcerias nos projetos com participação feminina

Dos 3 projetos que incluem participação feminina, 2 foram desenvolvidos exclusivamente por autoras mulheres, enquanto 1 foi realizado em coautoria entre mulheres e homens

• Participação feminina em premiações

Entre os 58 nomes mencionados em premiações e menções honrosas na revista *Módulo* durante o período analisado, 18 correspondem a mulheres e 40 a homens.

Figura 25 –Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias , Revista Módulo,n.86,1985



IAB - RJ

PRÊMIO "RESTAURAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO ACERVO ARQUITETÔNICO E RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA NACIONAL"

Paralelamente às categorias tradicionais de projetos, obras construídas e trabalhos escritos, foram também instituídos prêmios especiais para as empresas que tenham promovido trabalhos em prol da valorização do acervo arquitetônico e da preservação da memória das cidades brasileiras.

O júri formado pelos arquitetos Augusto Carlos da Silva Telles, Augusto Ivan de Freitas Pinheiro e José Ricardo Abreu, conclui dessa forma propondo a concessão de:

Restauração e Valorização do Acervo Arquitetônico – Prêmio

Empresa Citibank, pela obra de restauração do Convento Santo Antônio, do Arquiteto Hermano Montenegro.

Recuperação da Memória Nacional - Prêmio

Empresa João Fortes Engenharia, pela publicação do "Álbum da Avenida Central" de Marc Ferrez e "Álbum do Rio Antigo", de Gilberto Ferrez.

Menção Honrosa

Companhia Souza Cruz, pelas obras de restauração da Floresta da Tijuca, do arquiteto Alvino Costa.

Empresa João Fortes Engenharia, pela restauração da sala Bernardelle do Museu de Belas Artes, dos arquitetos Ivan Ferreira

PRÊMIO ARQUITETO DE AMANHÃ

O estreito contato que o IAB/RJ manteve este ano com as faculdades de arquitetura do estado, levou-o a criar uma premiação paralela, voltada para estudantes de último período.

O júri integrado pelos arquitetos Olga Verjovsky (indicação do IAB/RJ), Antônio Pedro Alcântara (indicação das Escolas de Arquitetura) e João Ricardo Serran (sorteio entre as indicações dos concorrentes), após o exame dos 9 projetos (5 na categoria de urbanismo e 4 na de arquitetura), deliberou o seguinte resultado:

Urbanismo – Prêmio

Projeto de Reestruturação Urbana da Usina da Tijuca
Faculdades Integradas Bennett
Disciplina Planejamento Integrado
Ana Maria Lemos de Araújo
André Felipe Meira Bonena
Denise Bertoni
Mariza Leitão da Cunha
Sérgio Duprat

Menção Honrosa

Conjunto de Habitação Popular em Jacarepaguá
Universidade Santa Úrsula
Disciplina Planejamento de Arquitetura VIII
Ghislaine de Vico, Lea Carvalho, Marta Bolognani e Paula Ferguson.

Arquitetura – Menção Honrosa

Conjunto de Casas Geminadas em Alcântara, São Gonçalo
Universidade Federal Fluminense
Disciplina Estágio Supervisionado

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025. Destaques realizados pela autora.

Figura 26 –Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias , Revista
Módulo,n.86,1985

Ano 1985 Edição 00086 (3)



IAB - RJ

NOTÍCIAS

RICARDO FERREIRA

CONCURSO SESC – RESULTADO

O IAB-RJ acaba de divulgar o resultado do Concurso Nacional de Anteprojetos para o Centro de Cultura e Lazer a ser construído pelo SESC no município de Nova Iguaçu, RJ, um dos maiores aglomerados do país, com a maioria da sua população situada na faixa de 2,5 salários mínimos, segundo pesquisa recente da FUNDREM.

O anteprojeto classificado em primeiro lugar foi o do arquiteto paulista Bruno Roberto Padovani; em segundo, o do paranaense Leonardo Tosiaki Oba e em terceiro o do carioca Luiz Eduardo Índio da Costa. Foram também conferidas Menções Honrosas aos arquitetos Luiz Carlos Batista, Luiz Saldanha Marinho Filho e Mário Ceniuel, todos do Rio de Janeiro.

O júri, constituído pelos arquitetos Jorge Wilhelm, Paulo Casé, Walmir Lima Amaral, Severiano Mário Porto e pelo sociólogo do SESC, Dirceu Nogueira Magalhães, destacou no projeto vencedor "a liberação do terreno para paisagismo e lazer em grande parte do solo, respeito pelo casario próximo, separação das áreas barulhentas das demais, boa sucessão de praças e surpresas espaciais, caráter festivo e modesto, adequado ao lazer, e escala própria para as funções mais cotidianas."

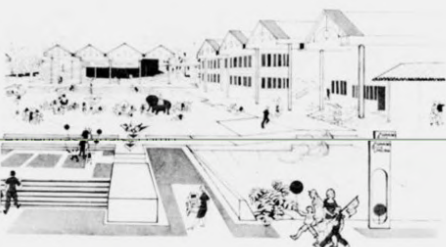
Os prêmios somam 22,5 milhões de cruzeiros e foram entregues em solenidade realizada no dia 9 de julho corrente, pelo Presidente do SESC/RJ, Mozart Amaral, na sede do SESC/Tijuca, onde os sessenta e dois trabalhos concorrentes permanecem expostos.

O vencedor será contratado pelo SESC para a elaboração do projeto definitivo, sendo remunerado com base na tabela de honorários do IAB.

Nesta ocasião, o IAB, representando o pensamento dos arquitetos brasileiros, manifesta o seu reconhecimento ao SESC por, mais uma vez, prestigiar a instituição de concurso público de arquitetura, assim como às sessenta e duas equipes de arquitetos concorrentes que, pela qualidade dos trabalhos apresentados, prestigiaram, de forma inequívoca, a nossa entidade.



3º lugar – Arq. Luiz Eduardo Índio da Costa – Rio de Janeiro



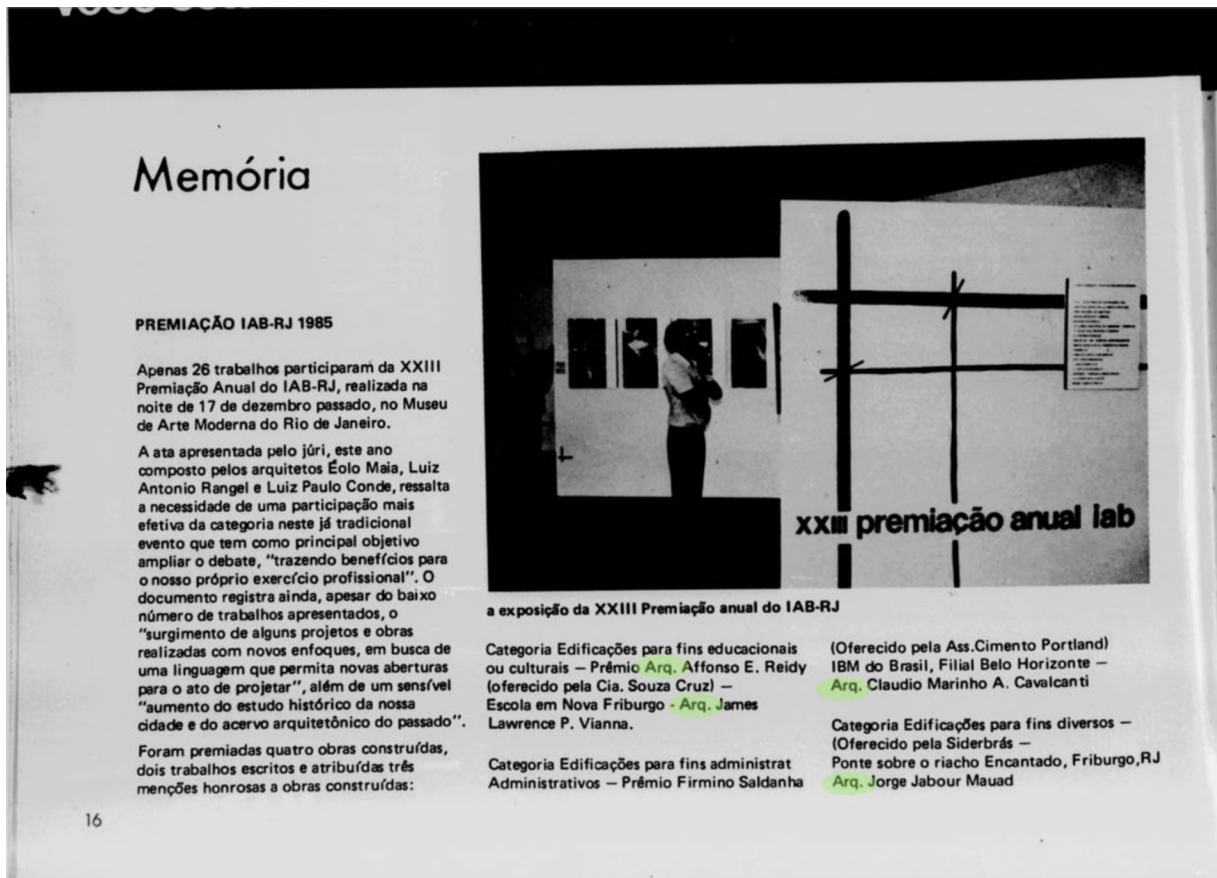
Menção Honrosa – Arq. Luiz Saldanha Marinho Fº – Rio de Janeiro



1º Prêmio – Arq. Bruno Roberto Padovani - São Paulo

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025.

Figura 27 –Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias , Revista
Módulo,n.91,1986



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025.

Figura 28 –Relação de projetos premiados e suas respectivas autorias , Revista
Módulo,n.96,1986

Esta ideia só podia ser da Philips.



A Mesa da XXIII Premiação anual do IAB-RJ no auditório do MAM-Rio

outras – Arquitetos Alder Catunda Timbó, Bruno Fernandes, Octavio Henrique Reis, Pedro da Luz Moreira e Roberto de Almeida Nascimento.

Categoria Edificações para fins turísticos – menção honrosa – Pousada em Ponta do Leste, Angra dos Reis – Arq. James Lawrence P. Vianna

Categoria Arquitetura de Interior - menção honrosa – IBM, filial Belo Horizonte Arq. Claudio Marinho A. Cavalcanti

A festa de entrega dos prêmios e inauguração da mostra dos trabalhos inscritos foi também marcada pela posse da nova diretoria do IAB-RJ, eleita para o biênio 86/87. Naquela ocasião, o presidente eleito, Arquiteto Adir ben Kauss, conclamou todos os arquitetos, “sem discriminação”, a se unirem em torno do Instituto, “nossa entidade máxima, portadora de uma tradição de lutas e conquistas para a categoria, instrumento amplificador de nossa voz junto à sociedade”.

O título de Personalidade do Ano desta vez ficou com Vicente Wissenbach, editor da revista Projeto, incansável divulgador da arquitetura brasileira nos últimos quinze anos.

A equipe de MÓDULO se congratula com esta premiação merecida e agradece a Vicente a referência aos esforços que vem também desenvolvendo na difusão da nossa melhor arquitetura. (MLCarvalho)

Categoria Arquitetura de Interior para fins comerciais (Oferecido pela Bernini)
Loja Michel - RIO Sul, RJ
Arquitetos Anibal Paranhos Gismondi Coutinho, Antonio Paulo Martinez Cordeiro e Lourenço Diegues Filho

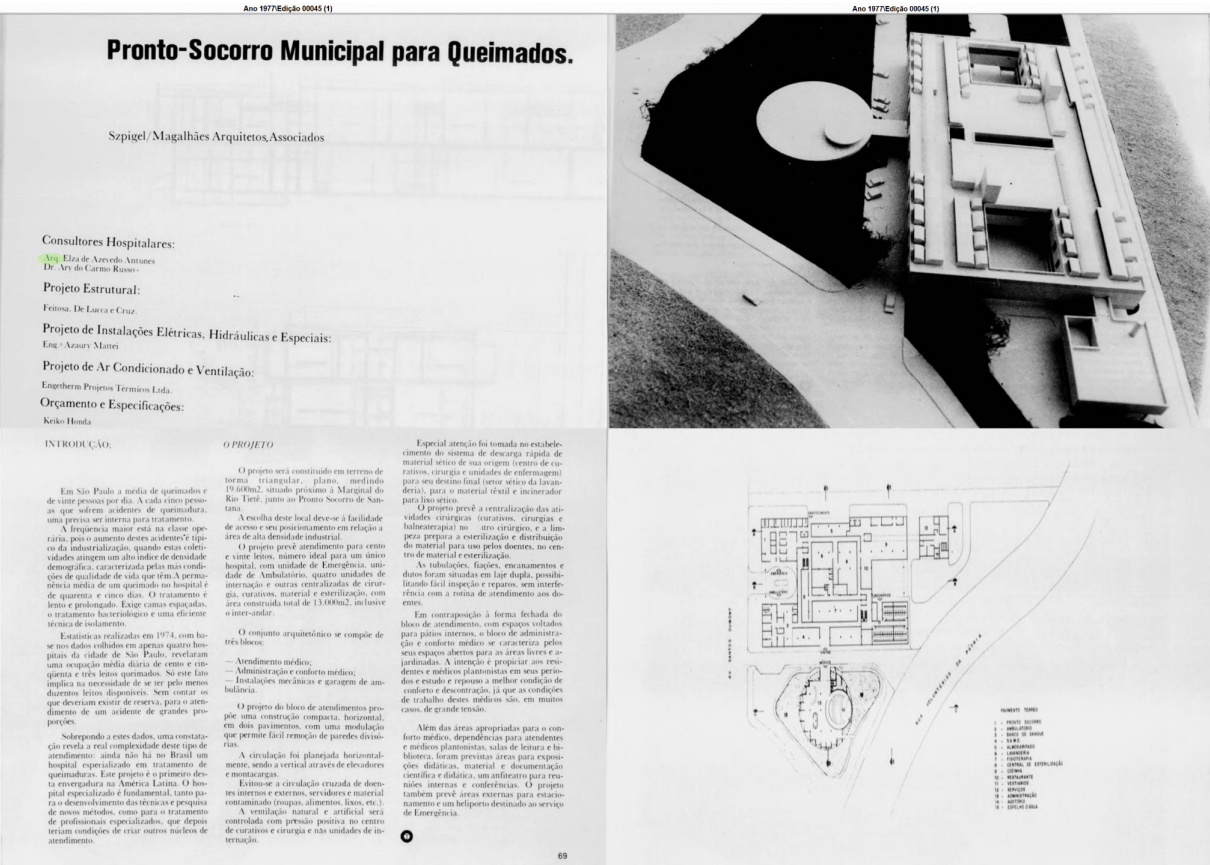
Categoria Trabalhos escritos – Prêmio Rodrigo de Mello Franco (Oferecido pela

João Fortes)
Tipologia e centralidade dos marcos religiosos do Rio de Janeiro colonial – Arq. Rachel Esther Figner Sisson
História dos Bairros – Tijuca – Arquitetas Lilian Fessler Vaz e Maria Paula Albernaz
Categoria Habitação unifamiliar - menção honrosa – Três Casas, Arraial do Cabo e

17

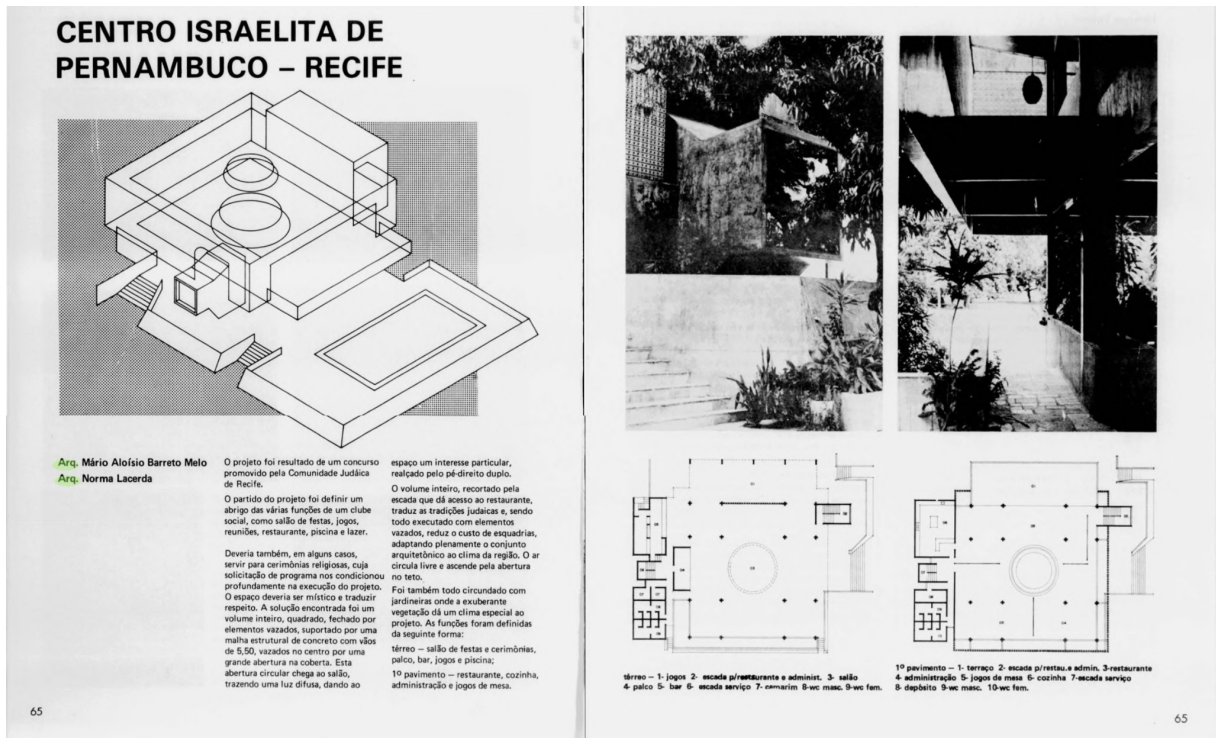
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025. Destaques realizados pela autora.

Figura 29 –Projeto Arquitetônico de um hospital de Elza de Azevêdo Antunes, Revista Módulo,n.45,1977



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025.

Figura 30 –Centro Israelita de Pernambuco de Norma Lacerda e Mário Aloísio Barreto Melo , Revista Módulo, n.81, 1981



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira,2025.

6.1.4 Projeto (2002-2025)

Criada a partir do jornal *Arquiteto*, lançado em 1972, a revista *Projeto* teve sua edição nº 1 publicada em 1977, sob coordenação editorial do jornalista Vicente Wissenbach e vinculada ao Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de São Paulo (IAB-SP). Ao longo de sua trajetória, consolidou-se como um dos principais espaços de debate, crítica e divulgação da produção arquitetônica brasileira. Com periodicidade inicialmente bimestral, embora em determinados períodos tenha sofrido alterações editoriais, a publicação alcançou cerca de 450 edições impressas, tornando-se uma referência fundamental para arquitetos, pesquisadores e estudantes da área. Em 2020, a revista encerrou sua versão impressa, passando a atuar exclusivamente em formato digital.

A relevância da *Projeto* está diretamente associada ao papel que desempenhou na construção de uma cultura crítica em arquitetura no Brasil. Ao longo de sua trajetória, a revista não se restringiu à apresentação de obras e projetos,

incorporando também análises, ensaios e discussões teóricas que contribuíram para o desenvolvimento de um pensamento arquitetônico mais reflexivo e plural. Inserida em um contexto de intensas transformações políticas, sociais e culturais, marcado pela consolidação de Brasília, pela modernização urbana e, posteriormente, pelo processo de redemocratização do país, a revista *Projeto* tornou-se um importante espaço de circulação de ideias e de revisão crítica dos rumos da arquitetura brasileira.

Após análises feitas tem-se então os seguintes dados:

Análise Editorial

- Duas mulheres como editoras da revista *Projeto*; Evelise Grunow como editora executiva e Daniela Bueno Elston como editora adjunta.

Análise de projetos

• Distribuição das autorias dos projetos analisados

Foram analisados 580 projetos na revista *Projeto*, dos quais 62 apresentam presença feminina e 518 são de autoria exclusivamente masculina.

• Tipologias dos projetos com presença feminina

Entre os 62 projetos com participação feminina, identificam-se as seguintes tipologias: 11 projetos arquitetônicos residenciais; 9 projetos arquitetônicos de comércio e serviços; 9 projetos arquitetônicos Institucionais; 15 projetos arquitetônicos de lazer/cultura; 4 projetos arquitetônicos educacionais; 6 projetos urbanísticos; 3 projetos de parques e praças; 1 projeto Hospitalar e 4 projetos arquitetônicos de uso misto.

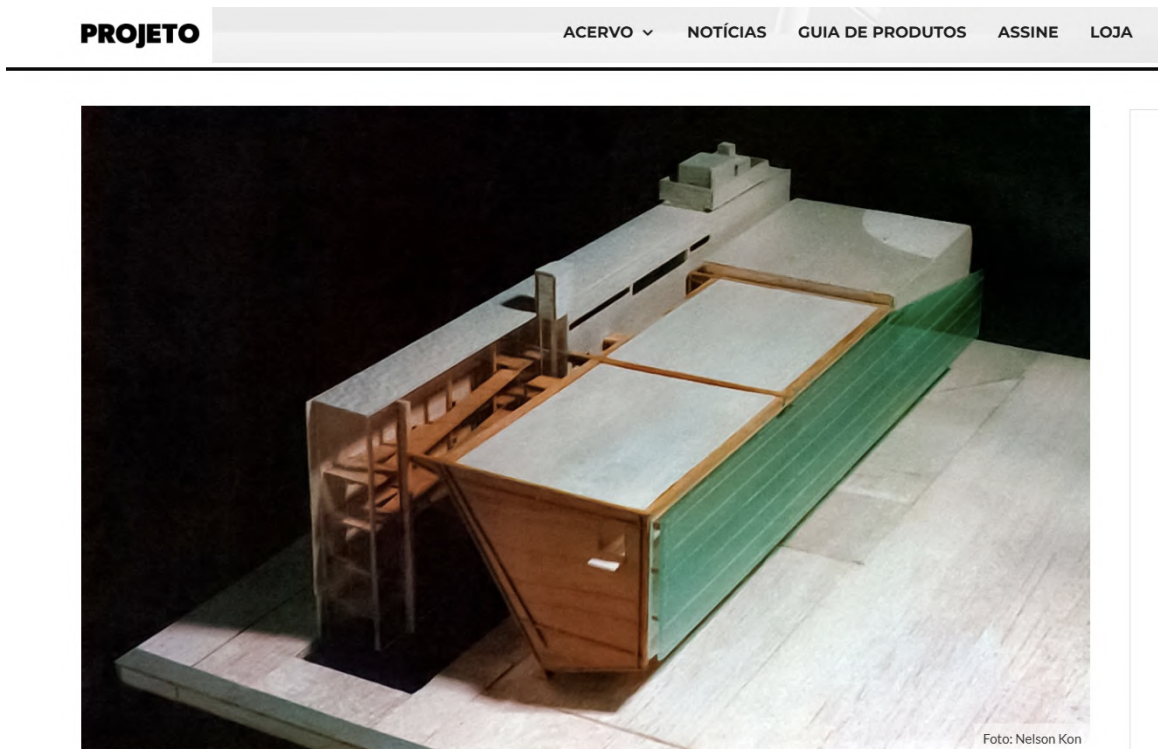
• Parcerias nos projetos com participação feminina

Dos 62 projetos que incluem mulheres, 8 foram desenvolvidos exclusivamente por autoras femininas, enquanto 54 correspondem a projetos realizados em parceria com colaboradores homens ou em equipes de escritório.

• Participação feminina em premiações

Dos 94 projetos de concursos publicados na revista *Projeto*, apenas 18 contam com participação feminina

Figura 31 –Concurso Pavilhão do Brasil, Revista Projeto, 2023



Acervo • Projetos • 09/09/2021 • 1 minuto de leitura

Fernando de Mello Franco, Marta Moreira, Milton Braga, Vinícius Gorgati: Concurso – Pavilhão do Brasil na Expo Sevilha '92 (anteprojeto premiado)

Fonte: Imagem retirada do site da revista PROJETO. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/> . Acesso em: 27 março 2026.

Figura 32 – Concurso de ideias(1 lugar) Mercado Popular no Rio de Janeiro, Revista Projeto, 2021



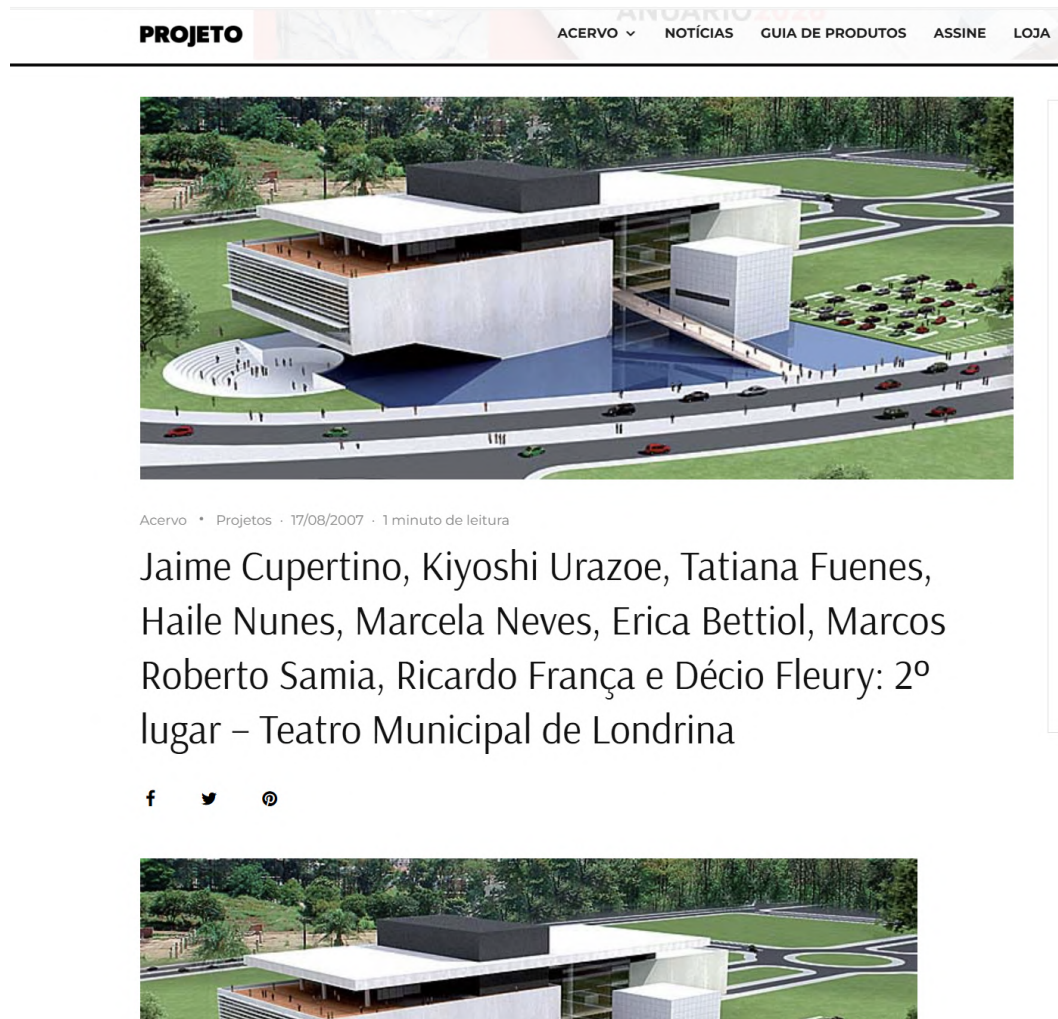
Fonte: Imagem retirada do site da revista PROJETO. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/> . Acesso em: 27 março 2026.

Figura 33 – Concurso Projeto Passos: Estudo de reabilitação de uma área do centro no Rio de Janeiro, Revista Projeto, 2020



Fonte: Imagem retirada do site da revista PROJETO. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/> . Acesso em: 27 março 2026.

Figura 34 – Concurso(2º lugar) do Teatro Municipal de Londrina, Revista Projeto, 2007



Fonte: Imagem retirada do site da revista PROJETO. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/> . Acesso em: 27 março 2026.

Figura 35 –Concurso Projeto de Santa Casa, Revista Projeto, 2020



Fonte: Imagem retirada do site da revista PROJETO. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/> . Acesso em: 27 março 2026.

6.1.5 AU(2001-2025)

Criada em 1985 pela Editora Pini, a revista *AU – Arquitetura e Urbanismo* surgiu em um contexto de reabertura política e retomada dos debates arquitetônicos no Brasil, consolidando-se como um dos principais periódicos especializados do país. Sua fundação ocorreu em um momento marcado pela crise do modelo modernista hegemônico, pelo enfraquecimento do regime militar e pela intensificação das discussões sobre os novos rumos da arquitetura brasileira. Inserida nesse cenário de redemocratização e renovação intelectual, a revista tornou-se um importante

espaço de circulação crítica, divulgação de projetos e reflexão sobre arquitetura, urbanismo e cidade.

Ao longo de quatro décadas de circulação, a revista *AU* publicou mais de 340 edições, reunindo projetos, entrevistas, ensaios teóricos e debates que acompanharam as transformações da arquitetura contemporânea brasileira e internacional. A publicação possuía periodicidade bimestral desde 1987 e passou a circular mensalmente a partir de janeiro de 2003. Em abril de 2018, foi lançada sua última edição impressa e, no ano seguinte, a revista retornou em formato exclusivamente digital, acompanhando as transformações do mercado editorial especializado e das novas formas de acesso e difusão da informação. A periodicidade mensal foi mantida até 2024 e, atualmente, a revista possui publicações bimestrais.

A relevância da *AU* está diretamente associada ao papel que desempenhou na difusão e problematização da produção arquitetônica brasileira contemporânea. Diferentemente de revistas voltadas apenas à apresentação de obras, a publicação articulava crítica, teoria e prática profissional, contribuindo para a construção de um pensamento arquitetônico crítico. Ao longo de sua trajetória, debateu temas como patrimônio histórico, urbanismo contemporâneo, novas tecnologias construtivas, pós-modernismo, requalificação urbana e as tensões entre tradição e inovação na arquitetura brasileira.

Durante as décadas de 1980 e 1990, os debates arquitetônicos brasileiros foram influenciados pela crise da arquitetura moderna e pela assimilação das discussões internacionais sobre pós-modernismo. Nesse contexto, a *AU* desempenhou papel importante na circulação dessas discussões, acompanhando tanto as críticas ao modernismo quanto a busca por novas linguagens arquitetônicas e novas relações entre arquitetura e cidade.

Além disso, a revista contribuiu para fortalecer os debates urbanos e patrimoniais em um momento de revisão crítica das políticas modernizadoras do período militar. Suas páginas passaram a divulgar projetos voltados à recuperação de centros históricos, intervenções urbanas e requalificação de espaços públicos, refletindo mudanças no pensamento arquitetônico e urbanístico brasileiro.

Ao lado da revista *Projeto*, a *AU* consolidou-se como uma das principais referências editoriais da arquitetura brasileira. Sua trajetória contribuiu para a formação de um ambiente crítico de reflexão sobre arquitetura e urbanismo no Brasil, funcionando também como importante registro das transformações culturais, políticas e profissionais do campo arquitetônico brasileiro.

Após análises feitas tem-se então os seguintes dados:

- **Análise Editorial**

- Entre as mulheres que ocuparam a editoria da revista *AU*, destacam-se Livia Álvares Pedreira, responsável pela edição entre fevereiro/março de 1988 e junho/julho de 1989, período em que a publicação possuía periodicidade bimestral; Haifa Y. Sabbag, editora entre fevereiro/março de 1991 e abril/maio de 1996, tornando-se posteriormente editora internacional da revista; Simone Capozzi, que esteve à frente da *AU* entre abril/maio de 2001 e novembro de 2009, período em que a publicação passou a ter circulação mensal; Bianca Antunes, editora de dezembro de 2009 até julho de 2016; e Mariana Barros, responsável pela edição entre julho e novembro de 2016.

Considerando os períodos em que mulheres estiveram à frente da editoria geral da revista, verifica-se que elas ocuparam esse cargo durante aproximadamente 23 dos 40 anos de existência¹ da *AU*, o que corresponde a cerca de 57% da trajetória editorial da publicação.

- No âmbito dos cargos de chefia em instâncias institucionais, identificam-se quatro mulheres em posições de liderança: uma ocupando a presidência da Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura (AsBEA), duas exercendo o cargo de vice-presidência e uma atuando como presidente do CAU/BR (Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil). Destaca-se que as mulheres que ocuparam os cargos de presidência foram pioneiras nessas funções em suas respectivas instituições.

¹ Idade da revista até 2025, último ano analisado nesta pesquisa.

Figura 36 –Expediente da revista AU, Revista AU n.267, 2016



Vendas de assinaturas, manuais técnicos, TCPO e atendimento ao assinante
Segunda a sexta das 9h às 18h

0800-596-6400

fax (11) 2173-2446

vendas web: www.LojaPINI.com.br

Atendimento web:
www.piniweb.com.br/atendimento

Você é professor? solicite o acesso aos conteúdos digitais em
www.piniweb.com.br/professor

+Info?
suporte.portal@pini.com.br

Publicidade
fone (11) 2173-2361
fax (11) 2173-2362
publicidade@pini.com.br

Tráfego (anúncios)
fone (11) 2173-2361
trafego@pini.com.br

Redação
fone (11) 2173-2300
redacao@pini.com.br

INSTITUTO PINI cursos, palestras e seminários
fone (11) 2173-2474
institutopini@pini.com.br

PINImanuais técnicos
fone (11) 2173-2328
manuais@pini.com.br

Quer publicar um livro? submeta seu trabalho em
www.piniweb.com.br/autor

PINIserviços de engenharia
atendimento: fone (11) 2173-2368
custos e orçamentos: fone (11) 2173-2370
engenharia@pini.com.br

PINIsistemas
Suporte
fone (11) 2173-2400
suporte.software@piniweb.com.br

Vendas
fone (11) 2173-2423 (Grande São Paulo)
0800-707-6055 (demais localidades)
vendas.software@piniweb.com.br

www.piniweb.com.br
Visite
Cadastre-se
Receba newsletters
Fale conosco



Fundadores: Roberto L. Pini (1927-1966), Fausto Pini (1894-1967) e Sérgio Pini (1928-2003)

Presidente Executivo
René Agostinho



Diretor de Redação
Paulo Kiss (paulokiss@pini.com.br)

Editora: Bianca Antunes (bianca@pini.com.br)
Editora-assistente: Maryana Giribola

Repórter: Giovanna Gheller (trainee) **Revisão:** Mariza Passos e Viviane Cristina Florentino (trainee)
Coordenação de arte: Lucia Lopes **Diagramadora:** Leticia Mantovani
Ilustrador: Daniel Beneventi
Tradução: WIT Languages (wit@witlanguages.com.br) **Projeto gráfico:** Amatraca Desenho Gráfico

ENGENHARIA E CUSTOS: Bernardo Corrêa Neto **Preços e Fornecedores:** Ricardo Antônio Pequeno Junior
Auditoria de Preços: Leonardo Santos de Souza
PUBLICIDADE: **Diretor:** Fernando Sabadin . **Gerente:** Ricardo Coelho.
Executivos de conta: Andréa Barione, Adriano Mostarda, Beatriz Macret, Bernardo Lijeron, Fabiano Araújo, Fabio Pimazzoni (RJ), Fernando Roque, Marina Tasso, Regina Mallol.
Representantes Regionais de Publicidade: NS&A/Nenton Santo (Minas Gerais),
 Proposta Publicidade/Francisco Mosimann (Paraná), Prima Publicidade/Jaime Mattia (Sta. Catarina)

Atendimento de Publicidade : (11) 2173-2361

ENDEREÇO E TELEFONES
 Rua Anhaia, 964 – CEP 01130-900 – São Paulo-SP – Brasil
PINI Publicidade, Engenharia, Administração e Redação – fone: (11) 2173-2300
PINI Sistemas, suporte e portal Piniweb – fone: (11) 2173-2300 - fax: (11) 2173-2425
 Visite nosso site: www.piniweb.com

Representantes de Livros e Assinaturas:

Alagoas (82) 3338-2290 **Amazonas** (92) 3646-3113 **Bahia** (71) 3341-2610 **Ceará** (85) 3478-1611
Espírito Santo (27) 3242-3531 **Maranhão** (98) 3233-4595/3301-6167/8158-6881 **Pará** (91) 3246-5522
Paraíba (83) 3223-1105 **Piauí** (86) 3223-5336 **Rio de Janeiro** (21) 2265-7899 **Rio Grande do Norte** (84) 3613-1222
Rio Grande do Sul (51) 3470-3060 **Santa Catarina** (47) 322-6611 **São Paulo:** Marília (14) 3417-3099
 São José dos Campos (12) 3929-7739 Sorocaba (15) 9718-8337

AU: ISSN 0102-8979
 Assinatura anual R\$ 468,00 (12 exemplares)
 Assinatura bienal R\$ 936,00 (24 exemplares)

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam, necessariamente, as opiniões da revista.





PROIBIDA A REPRODUÇÃO E A TRANSCRIÇÃO PARCIAL OU TOTAL TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

REFORMA ORTOGRÁFICA: A partir de janeiro de 2009, as revistas publicadas pela Editora PINI passam a seguir as novas normas instituídas pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado no Brasil pelo Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995.

Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 37 –Expediente da revista AU, Revista AU n.270, 2016



Vendas de assinaturas, manuais técnicos, TCPO e atendimento ao assinante
Segunda a sexta das 9h às 18h

0800-596-6400

fax (11) 2173-2446

vendas web: www.LojaPINI.com.br

Atendimento web:
www.piniweb.com.br/atendimento

Você é professor? solicite o acesso aos conteúdos digitais em
www.piniweb.com.br/professor

+Info?
suporte.portal@pini.com.br

Publicidade
fone (11) 2173-2361
fax (11) 2173-2362
publicidade@pini.com.br

Tráfego (anúncios)
fone (11) 2173-2361
trafego@pini.com.br

Redação
fone (11) 2173-2300
redacao@pini.com.br

INSTITUTO PINI cursos, palestras e seminários
fone (11) 2173-2474
institutopini@pini.com.br

PINImanuais técnicos
fone (11) 2173-2328
manuais@pini.com.br

Quer publicar um livro? submeta seu trabalho em
www.piniweb.com.br/autor

PINIserviços de engenharia
atendimento: fone (11) 2173-2368
custos e orçamentos: fone (11) 2173-2370
engenharia@pini.com.br

PINIsistemas
Suporte
fone (11) 2173-2400
suporte.software@piniweb.com.br

Vendas
fone (11) 2173-2423 (Grande São Paulo)
0800-707-6055 (demais localidades)
vendas.software@piniweb.com.br

www.piniweb.com.br
Visite
Cadastre-se
Receba newsletters
Fale conosco



Fundadores: Roberto L. Pini (1927-1966), Fausto Pini (1894-1967) e Sérgio Pini (1928-2003)

Presidente-executivo
René Agostinho



Diretor de Redação
Paulo Kiss (paulokiss@pini.com.br)

Editora: Mariana Barros
Editor-assistente: Marcos Zeitone

Repórter: Giovanna Gheller (trainee) **Revisão:** Mariza Passos e Viviane Cristina Florentino (trainee)
Coordenação de arte: Lucia Lopes **Diagramadora:** Leticia Mantovani
Ilustrador: Daniel Beneventi
Tradução: WIT Languages (wit@witlanguages.com.br) **Projeto gráfico:** Amatraca Desenho Gráfico

ENGENHARIA E CUSTOS: Bernardo Corrêa Neto **Preços e Fornecedores:** Ricardo Antônio Pequeno Junior
Auditoria de Preços: Wesley da Silva

MARKETING E EVENTOS: Thiago Oliani **VENDAS:** Fernando Sabadin **ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS:** Claudio Roberto dos Santos **INFORMAÇÃO ESTRATÉGICA E NOVOS NEGÓCIOS:** Thiago Oliani
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO: Fábio Fernandes **MANUAIS TÉCNICOS:** Paulo Kiss

PUBLICIDADE: **Diretor:** Fernando Sabadin **Gerente:** Ricardo Coelho.
Executivos de conta: Adriano Mostarda, Beatriz Macret, Bernardo Lijeron, Fabiano Araújo, Fabio Pimazzoni (RJ), Regina Mallol.
Representantes Regionais de Publicidade: NS&A/Nenton Santo (Minas Gerais), Proposta Publicidade/Francisco Mosimann (Paraná), Prima Publicidade/Jaime Mattia (Sta. Catarina)

Atendimento de Publicidade: (11) 2173-2361

ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Anhaia, 964 – CEP 01130-900 – São Paulo-SP – Brasil
PINI Publicidade, Engenharia, Administração e Redação – fone: (11) 2173-2300
PINI Sistemas, suporte e portal Piniweb – fone: (11) 2173-2300 - fax: (11) 2173-2425
Visite nosso site: www.piniweb.com

Representantes de Livros e Assinaturas:
Alagoas (82) 3338-2290 **Amazonas** (92) 3646-3113 **Bahia** (71) 3341-2610 **Ceará** (85) 3478-1611
Espírito Santo (27) 3242-3531 **Maranhão** (98) 3233-4595/3301-6167/8158-6881 **Pará** (91) 3246-5522
Paraíba (83) 3223-1105 **Piauí** (86) 3223-5336 **Rio de Janeiro** (21) 2265-7899 **Rio Grande do Norte** (84) 3613-1222
Rio Grande do Sul (51) 3470-3060 **Santa Catarina** (47) 322-6611 **São Paulo:** Marília (14) 3417-3099
São José dos Campos (12) 3929-7739 Sorocaba (15) 9718-8337

AU: ISSN 0102-8979
Assinatura anual R\$ 468,00 (12 exemplares)
Assinatura bienal R\$ 936,00 (24 exemplares)

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam, necessariamente, as opiniões da revista.


www.anatec.org.br

PROIBIDA A REPRODUÇÃO E A TRANSCRIÇÃO PARCIAL OU TOTAL TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

REFORMA ORTOGRÁFICA: A partir de janeiro de 2009, as revistas publicadas pela Editora PINI passam a seguir as novas normas instituídas pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado no Brasil pelo Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995.

Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 38—Nova Diretoria da Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura, Revista AU n.256, 2015

Miriam Addor é a primeira mulher eleita presidente nacional da AsBEA

Durante a Convenção Anual no início de junho, a AsBEA elegeu, em seus 42 anos de existência, a primeira mulher presidente nacional da entidade. A arquiteta **Miriam Addor**  toma posse em julho para o mandato 2015-2017, sucedendo Eduardo Nardelli.

Os vice-presidentes eleitos foram Eduardo Nardelli, Marcelo Barbosa, Clarice Debiagi, Adriana Levisky, Eduardo Nogueira Martins Ferreira e Edison Lopes.

Entre as propostas apresentadas pela chapa eleita, batizada de Conectada, está a execução de ações estratégicas para incrementar o

relacionamento dos arquitetos com os demais atores da indústria da construção civil.

Para ocupar os oito cargos do Conselho Deliberativo foram eleitos entre ex-presidentes e ex-vice-presidentes os arquitetos Gianfranco Vanucchi, Henrique Cambiaghi, Guilherme Takeda, Guinter Parschalk, Luis Augusto Contier, Nelson Dupré, Paulo Lisboa e Roberto Aflalo Filho.◀

Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 39—Nadia Somekh: a primeira mulher na presidência do CAU/BR, Revista AU n.306, 2021

entrevista

UM NOVO OLHAR

Presidente do CAU/BR relembra conquistas e fala sobre metas da sua gestão. TEXTO PEDRO ZUCCOLOTTO

Eleita em janeiro de 2021 para a gestão 2021-2023 do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), Nadia Somekh deixou uma marca na história da instituição, sendo a primeira mulher a ocupar a presidência do Conselho. “Antes de mais nada, estamos convencidos de que deixamos nosso

CAU e a Presidência, no final do ano, com a consciência de que promovemos uma gestão democrática coletiva”, afirma. Com exclusividade para a AU, Somekh fala sobre seu período na presidência do CAU, equidade de gênero no setor da construção civil e arquitetura, novo plano diretor de São Paulo e mais.



PRIMEIRA MULHER A OCUPAR A PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL, NADIA SOMEKH É PROFESSORA EMÉRITA DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (SÃO PAULO), ONDE DIRIGIU O CURSO DE GRADUAÇÃO E ESTRUTUROU O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ARQUITETURA E URBANISMO. FOI CONSELHEIRA DO INSTITUTO DOS ARQUITETOS DO BRASIL E DA UNIÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETOS. É PROFESSORA CONVIDADA DO INSTITUTO DE URBANISMO DE PARIS/FRANÇA. NA CIDADE DE SÃO PAULO, PRESIDIU A EMPRESA MUNICIPAL DE URBANIZAÇÃO E FOI DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, RESPONSÁVEL PELA CRIAÇÃO DA “JORNADA DO PATRIMÔNIO”. NO CAU BRASIL COORDENOU A COMISSÃO DE EQUIDADE DE GÊNERO, RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO 1º DIAGNÓSTICO DE GÊNERO NA ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. EM 2020 LIBEROU A CHAPA VENCEDORA DA ELEIÇÃO PARA O CAU SÃO PAULO COMPOSTA POR 156 MULHERES. EM 2018 FOI AGRAÇADA COM A MEDALHA DE “CHEVALIER DES L'ORDRE DES PALMES ACADÉMIQUES” CONCEDIDA PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL DO ENSINO SUPERIOR E DA PESQUISA DA FRANÇA. EM 2022, NADIA SOMEKH RECEBEU EM CHICAGO, NOS ESTADOS UNIDOS, A MEDALHA PRESIDENCIAL E O TÍTULO DE MEMBRO HONORÁRIO DO AMERICAN INSTITUTE OF ARCHITECTS (AIA).

Há uma equidade de gênero no setor da arquitetura? E em cargos de gestão na construção civil?

Há desigualdade de gênero na sociedade brasileira e, portanto, seria difícil esperar outro cenário na arquitetura e na construção civil. Para confirmar nossa hipótese, realizamos em 2019 importante pesquisa, o 1º Diagnóstico de “Gênero na Arquitetura e Urbanismo”, a partir de levantamento respondido por cerca de mil profissionais.

Do total dos entrevistados, 82% das mulheres e 65% dos homens afirmaram que o CAU/BR deve promover a equidade de gênero. Apesar de não surpreenderem, pois se assemelham ao retrato da desigualdade de gênero que caracteriza a sociedade brasileira, as respostas sinalizam a urgência de se efetivar políticas e ações que primam pela igualdade em todas as instâncias da Arquitetura e Urbanismo. Demonstra, ainda, que o debate sobre a inequidade de gênero extrapola os limites da profissão e precisa ser levado para

outras instâncias da sociedade.

O levantamento realizou um recorte racial relacionado a tipos de assédio (sexual e moral); violência sexual e discriminação de gênero no trabalho, revelando a maior inequidade de todo o diagnóstico: 59% das mulheres negras entrevistadas declararam sofrer discriminação de gênero, contra 8% dos homens brancos; 47% delas foram assediadas moralmente e 21% enfrentaram o assédio sexual, que “é qualquer ato sexual ou tentativa de obtenção de ato sexual por violência ou coerção, comentários ou investidas sexuais indesejadas”.

O perfil salarial dos entrevistados foi outro dado pesquisado, mas também nesse campo as diferenças são alarmantes. Os arquitetos brancos são maioria na faixa de mais de 13 salários mínimos, ganhando pelo menos 13 vezes mais do que as arquitetas negras. Elas ainda representam o maior contingente de desempregados, entre os entrevistados.

A relação da responsabilidade da

12 **au** ENTREVISTA

Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

- **Análise de projetos**

- **Distribuição das autorias dos projetos analisados**

Ao todo, foram identificados 1.498 projetos publicados pela revista AU entre 2001 e 2025. Desse total, 483 projetos apresentam participação feminina, enquanto 1.015 correspondem a projetos de autoria exclusivamente masculina.

Cabe destacar, mais uma vez, que a análise direta realizada nesta pesquisa contempla os projetos publicados até 2015. Para a composição do recorte ampliado entre 2001 e 2025, foram incorporados os dados produzidos por Carolina de Gois Laufer e Sirlei Maria Oldoni, especialmente referentes ao período de 2001 a 2014, articulando-os aos levantamentos desenvolvidos nesta investigação.

- **Tipologias dos projetos com presença feminina**

Entre os 102 projetos com presença feminina analisados, identificam-se as seguintes tipologias: 33 projetos arquitetônicos residenciais; 31 projetos de design de interiores; 2 projetos de design de mobiliários; 12 projetos arquitetônicos de comércio e serviços; 6 projetos arquitetônicos institucionais; 7 projetos arquitetônicos de lazer e cultura; 5 projetos arquitetônicos educacionais; 1 projeto urbanístico; 2 projetos de parques e praças; 2 projetos hospitalares; e 1 projeto arquitetônico de uso misto.

- **Parcerias nos projetos com participação feminina**

Dos 483 projetos que incluem mulheres, 142 foram desenvolvidos exclusivamente por autoras femininas, enquanto 341 correspondem a projetos realizados em parceria com colaboradores homens ou em equipes de escritório.

- **Participação feminina em premiações**

Entre os 91 nomes mencionados na revista AU em contextos de premiações e seleções de finalistas durante o período analisado, 38 correspondem a mulheres e 53 a homens. Cabe destacar que, dos 38 nomes femininos identificados, 18 estão relacionados à premiação da 37ª Paralela Design, voltada ao campo do design de interiores.

Figura 40 –Relação de projetos finalistas e suas respectivas autorias para o prêmio do Instituto Tomie Ohtake 2015, Revista AU,n.255,2015



Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 41 –Relação de projetos finalistas e suas respectivas autorias para o prêmio do Instituto Tomie Ohtake 2016, Revista AU n.268, 2016

Cenário



1

Pinheiro Fook

Anunciados os finalistas do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel 2016



2

Marcello D'Amorim



4

Nelson Kohn



3

Leonardo Profili

O Instituto Tomie Ohtake e a Akzo-Nobel anunciaram os dez finalistas selecionados pelo júri do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel 2016, idealizado com o intuito de evidenciar e discutir a produção arquitetônica contemporânea. A equipe de jurados é formada pelos arquitetos Daniel Corsi, Gianfranco Vannucchi e Priscyla Gomes, além do economista Carlos Vainer. Na edição, foram recebidas inscrições de 119 projetos, com aumento na quantidade de projetos de outras áreas que não a residencial (52%), como a institucional (16,8%) e a comercial (14,3%).

Os projetos selecionados participarão da exposição na sede do Instituto Tomie Ohtake, que acontece até o dia 7 de agosto. Na ocasião da abertura, serão anunciados os três vencedores, que serão premiados com viagens para Dubai, nos Emirados Árabes Unidos (1º lugar), para Varsóvia, na Polónia (2º lugar), e para Santiago, no Chile (3º lugar). Os projetos selecionados também serão reunidos em uma publicação.

O prêmio é voltado a arquitetos brasileiros ou estrangeiros, que vivam no Brasil há pelo menos dois anos, com até 45 anos de idade e com projetos arquitetônicos construídos nos últimos

oito anos. É valorizada a diversidade na expressão da arquitetura, e uma identidade na produção atual dos espaços construídos em âmbito nacional. Confira os projetos selecionados:

- Box House, em São Paulo (SP), de Yuri Vital Arquiteto;
- Casa de Meia Encosta **1**, em São Francisco Xavier (SP), de Denis Joelsons;
- Casa Vila Matilde (AU 259), em São Paulo (SP), de Terra e Tuma Arquitetos Associados;
- Edifício Península **2**, em Porto Alegre (RS), de Cantergiani+Kunze Arquitetos;
- Galeria Maxita Yano – Claudia Andujar (AU 263), em Brumadinho (MG), de Arquitetos Associados;
- Ginásio do Colégio São Luís **3**, em São Paulo (SP), de URDI Arquitetura;
- Parklets sp, em São Paulo (SP), de Guilherme Gambier Ortemblad;
- RB12 **4**, no Rio de Janeiro (RJ), de Triptyque Architecture;
- Restauo do edifício sede do IAB-SP, em São Paulo (SP), de Oksman Arquitetos Associados;
- Tuju Restaurante, em São Paulo (SP), de Vapor 324. ◀

Isay Weinfeld é escolhido para projetar novo restaurante Four Seasons, em Nova York

Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 42 –Matéria sobre os vencedores do Prêmio Aga Khan de Arquitetura, Revista AU n.272, 2016

Cenário



Zaha Hadid e BIG estão entre os vencedores do Prêmio Aga Khan de Arquitetura

Foram divulgados em outubro os vencedores do ciclo 2014-2016 do Prêmio Aga Khan de Arquitetura, que reconhece a importância cultural e arquitetônica do mundo islâmico. Entre os ganhadores estão Bjarke Ingels Group (BIG) e Zaha Hadid Architects.

Criada em 1977, a premiação tem como objetivo identificar edifícios que representam com sucesso as necessidades e as aspirações das comunidades onde os muçulmanos têm presença significativa. Neste triênio, foram 348 trabalhos inscritos de 69 países.

O grupo de jurados é formado pelos profissionais Suad Amiry (Ramallah), Emre Arolat (Istambul), Akeel Bilgrami (Nova York), Luis Fernández-Galiano (Madri), Hameed Haroon (Carachi), Lesley Lokko (Joanesburgo), Mohsen Mostafavi (Cambridge), Dominique Perrault (Paris), e Hossein Rezai (Singapura).

Confira todos os vencedores do prêmio:

Bangladesh

- Mesquita Bait Ur Rouf, Dhaka (Marina Tabassum)
- Centro da Amizade, Gaibandha (Kashef Chowdhury/URBANA)

China

- Biblioteca e Centro de Artes Infantil Hutong, Pequim (ZAO/standardarchitecture/Zhang Ke)

Dinamarca

- Superkilen, Copenhagen (BIG – Bjarke Ingels Group, Topotek 1 e Superflex)

Irã

- Ponte de pedestres Tabiat, Teerã (Diba Tensile Architecture/Leila Araghian, Alireza Behzadi)

Libano

- Instituto Issam Fares, Beirute (Zaha Hadid Architects)

Philippe Starck apresenta o projeto das suítes Rosewood, empreendimento de luxo em São Paulo

O arquiteto e designer Philippe Starck veio ao Brasil no final de outubro para lançar o showroom das suítes do **Rosewood Hotel & Resorts**, empreendimento de luxo localizado na antiga Cidade Matarazzo, em São Paulo.

Ao lado de Alexandre Allard, responsável pelo grupo que agora administra o complexo, o arquiteto falou sobre seu amor à primeira vista pelo País. Starck ressaltou a importância e o respeito necessário pelo trabalho a ser feito analisando a relevância do complexo como local de nascimento de cerca de 500 mil pessoas. "O brasileiro é o último povo do mundo para quem ainda há uma verdadeira humanidade", diz. "Vocês decidiram que haveria vida antes de qualquer coisa, e veem a carne como a materialidade do ser humano."

8 **au** NOVEMBRO 2015 CENÁRIO

Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 43 –Matéria sobre a curadoria do Pavilhão do Brasil na 19ª Mostra Internacional de Arquitetura – Bienal de Veneza 2025, Revista AU n.276, 2017

Cenário

Fundação Bienal de São Paulo anuncia curadoria do Pavilhão do Brasil na Bienal de Arquitetura de Veneza 2025




EDER ALENCAR, MATHHEUS SECO E LUCIANA SABOIA

A Fundação Bienal de São Paulo anuncia a participação brasileira na 19ª Mostra Internacional de Arquitetura – La Biennale di Venezia, com abertura em 10 de maio de 2025. O projeto curatorial e expográfico do Pavilhão do Brasil terá curadoria da arquiteta Luciana Saboia e dos arquitetos Eder Alencar e Mathheus Seco, do grupo Plano Coletivo. O projeto para a Bienal de Arquitetura de Veneza é uma curadoria de práticas e pesquisas em desenvolvimento que contará com a colaboração de pesquisadores, professores, arquitetos e artistas de várias regiões do país.

Com diferentes formações e atuações, os curadores e colaboradores compartilham uma trajetória marcada pelo comprometimento com a reflexão sobre o espaço urbano, a infraestrutura e a relação entre arquitetura e sociedade.

“Pretendemos discutir arquitetura a partir do entendimento e valorização de fenômenos naturais e de apropriações sociais. Trata-se de cartografar ações que constroem nosso legado cultural e criam formas de reciclagem e reuso. Narrar possíveis relações engenhosas entre infraestruturas humanas e não humanas”, afirma Luciana Saboia.

O projeto busca refletir sobre as complexas interações entre natureza, infraestrutura e práticas arquitetônicas no contexto brasileiro, dialogando diretamente com o tema geral dessa edição, *Intelligens. Natural. Artificial. Collective.*, proposto pelo curador geral Carlo Ratti.

“Ao olharmos para a ocupação ancestral da Amazônia Central e para a aplicação de algumas estratégias contemporâneas que conciliam sociedade, cidade e natureza, buscamos refletir sobre uma concepção de projeto mais abrangente, que implica repensar a forma de habitar o planeta coletivamente frente às crises socioambientais. Nesse contexto, o projeto busca atuar como mediador entre cultura e natureza, refletindo sobre as condições físicas e intersubjetivas para uma existência harmônica”, analisa Eder Alencar.

Para a seleção do projeto contemplado, a Fundação Bienal de São Paulo estabeleceu um comitê composto por representantes do Ministério da Cultura, Ministério das Relações Exteriores, Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e Fundação Bienal de São Paulo, que selecionaram alguns nomes de destaque no meio para apresentarem propostas expositivas e, em seguida, elegeram a vencedora. Andrea Pinheiro, presidente da Fundação Bienal de São Paulo, esclarece que “a escolha do Plano Coletivo, realizada de forma colegiada com nossos corretores e especialistas, reforça o comprometimento da Fundação Bienal de São Paulo em dialogar com questões que respondem ao nosso tempo, nesse caso a partir de um pensamento arquitetônico que dialoga profundamente com questões sociais e ambientais. Essa equipe traz uma perspectiva empenhada e capaz de representar as diversidades e complexidades do Brasil frente ao cenário global”.

A participação brasileira pretende incentivar uma nova abordagem às infraestruturas urbanas, encaradas não apenas como elementos que moldam o espaço físico, mas que também podem promover mudanças sociais e ambientais significativas. Para Mathheus Seco: “Os recentes desastres socioambientais e seus impactos no país suscitam uma reflexão sobre o papel de nossa inteligência coletiva – tanto contemporânea quanto ancestral – no aprendizado de estratégias capazes de equilibrar a relação, frequentemente desigual, entre os patrimônios natural e construído”.

A partir da natureza complexa dos problemas, a proposta brasileira apresenta, assim, uma visão de futuro em que as práticas arquitetônicas contemporâneas se tornam veículos de transformação coletiva e um meio para enfrentar os desafios climáticos e urbanos globais.

PAVILHÃO DO BRASIL NA 19ª MOSTRA INTERNACIONAL DE ARQUITETURA – LA BIENNALE DI VENEZIA

Comissária: Andrea Pinheiro,
Presidente da Fundação Bienal de São Paulo
Curadoria: Luciana Saboia, Eder Alencar e Mathheus Seco [Plano Coletivo]
Local: Pavilhão do Brasil
Endereço: Giardini Napoleonici di Castello,
Padiglione Brasile, 30122, Veneza, Itália
Data: 10 de maio a 23 de novembro de 2025
Pré-abertura: 8 e 9 de maio

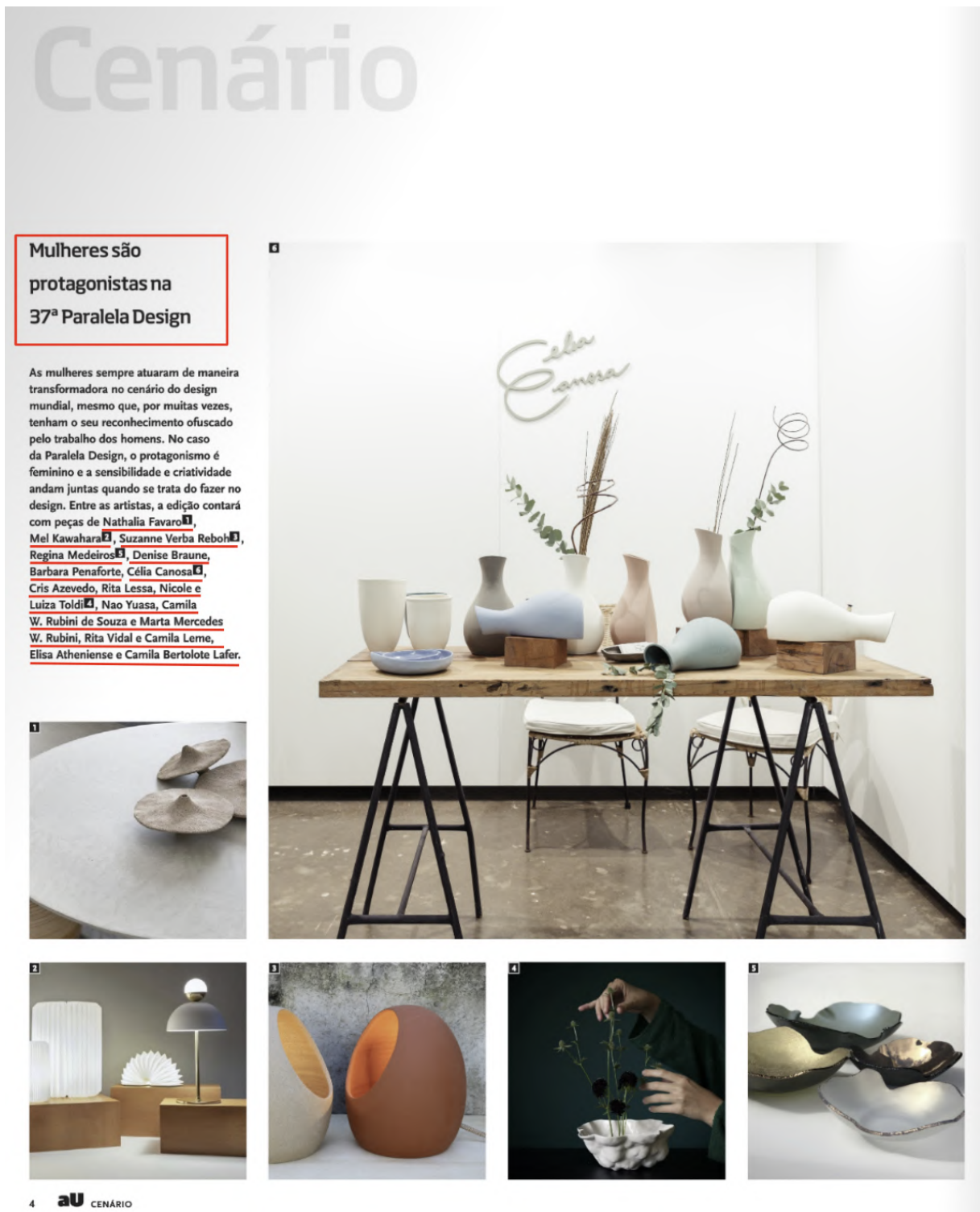
3

Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 44 – Concurso da Escola Flutuante de Artesãos e suas respectivas autorias, Revista AU n.279, 2017



Figura 45 – Representação da participação feminina na 37ª Paralela Design, Revista AU n.294, 2019



Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 46 –Premiação de arquitetas no Prêmio Pritzker 2020 , Revista AU n.295, 2019

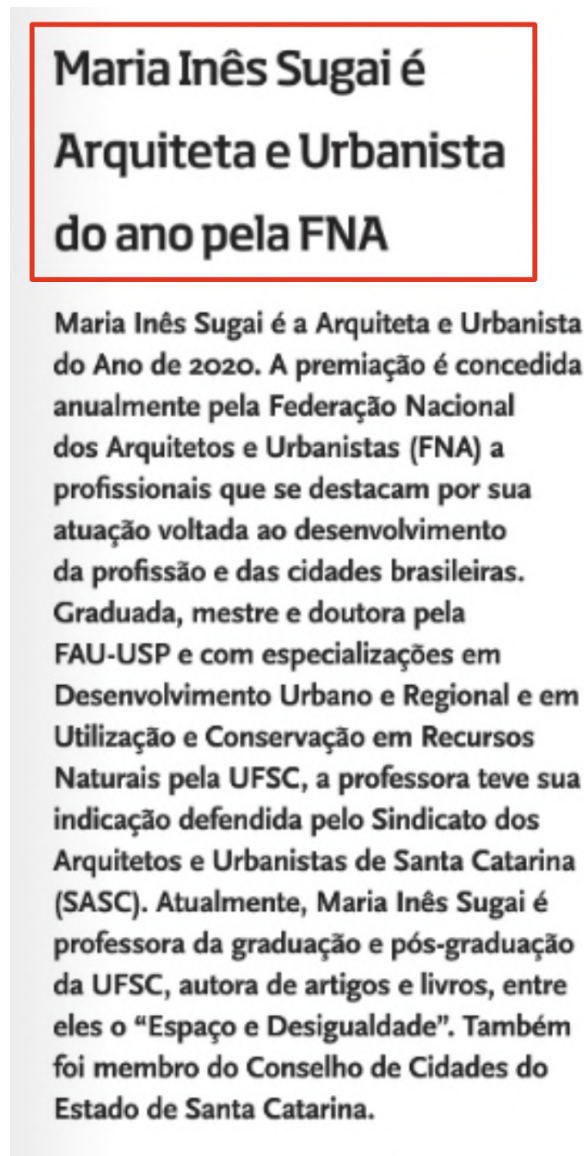
Pritzker 2020: Yvonne Farrell e Shelley McNamara recebem maior prêmio da Arquitetura

As arquitetas irlandesas Yvonne Farrell e Shelley McNamara, do Grafton Architects, são as vencedoras do Prêmio Pritzker 2020, maior honraria concedida a arquitetos de todo o mundo, considerada o “Nobel da Arquitetura”. “Yvonne e Shelley praticam arquitetura juntas há quarenta anos de uma maneira que reflete claramente os objetivos do Prêmio Pritzker: reconhecer a arte da arquitetura e o serviço consistente à humanidade, como evidenciado por um conjunto de obras construídas”, disse o júri.



Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 47 –Reconhecimento de Maria Inês Sugai como Arquiteta e Urbanista do Ano de 2020 pela FNA , Revista AU n.303, 2020



Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 48 –Consagração de Lina Bo Bardi com o Prêmio Leão de Ouro , Revista AU n.307, 2021

Reprodução



Lina Bo Bardi é consagrada com o Leão de Ouro

A arquiteta italiana naturalizada brasileira receberá o Leão de Ouro Especial pela trajetória e conjunto de sua obra durante a 17ª Mostra Internacional de Arquitetura de La Biennale di Venezia. Segundo Hashim Sarkis, Lina Bo Bardi é a arquiteta que melhor representa o tema do evento deste ano Como viveremos juntos? / How will we live together?. “Sua carreira como designer, editora, curadora e ativista nos lembra o papel do arquiteto como construtor de visões coletivas. Ela também exemplifica a perseverança da arquiteta em tempos difíceis, sejam guerras, conflitos políticos ou imigração, e sua capacidade de permanecer criativa, generosa e otimista o tempo todo”, explica o arquiteto e curador sobre algumas de suas motivações para a nomeação.

7

Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 49 –Equipe brasileira premiada em concurso internacional, Revista AU n.312, 2021



Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 50 –Premiação do projeto SESC Parque Dom Pedro II na edição 2021 do AsBEA , Revista AU n.313, 2021



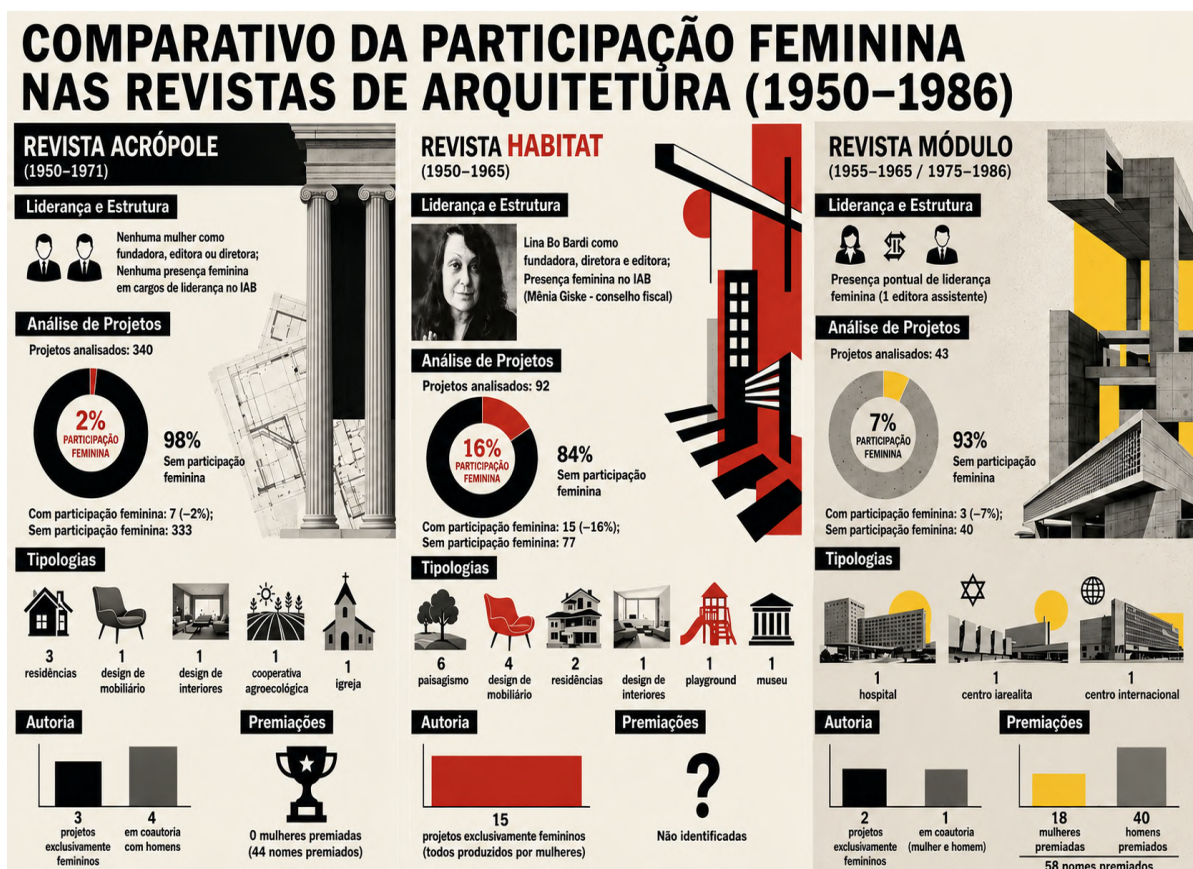
Fonte: Imagem retirada do site da revista AU.Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

6.2 Mulheres nas Revistas de Arquitetura: Uma Análise Quantitativa e Comparativa

A análise quantitativa das revistas *Acrópole*, *Habitat*, *Módulo*, *Projeto* e *AU* permite compreender de que maneira a produção arquitetônica feminina foi representada nos principais periódicos especializados brasileiros entre 1950 e 2025. A comparação entre as revistas do século XX — *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo* — e aquelas analisadas no recorte do século XXI — *Projeto* e *AU* — evidencia processos de transformação e permanência nas formas de visibilidade das mulheres na arquitetura brasileira. Embora os dados revelem um crescimento gradual da participação feminina ao longo do período analisado, essa ampliação não foi suficiente para romper com estruturas históricas de desigualdade que continuam influenciando os mecanismos de divulgação, reconhecimento e legitimação profissional.

Os resultados obtidos nas revistas *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo* revelam que a produção arquitetônica legitimada pelos principais periódicos especializados brasileiros esteve majoritariamente associada a trajetórias masculinas. Conforme demonstrado na Figura 37, a participação feminina manteve-se reduzida em todas as publicações analisadas, representando aproximadamente 2% dos projetos publicados na *Acrópole*, 7% na *Módulo* e 16% na *Habitat*. Esses percentuais evidenciam a sub-representação feminina, indicando que a presença das mulheres nos espaços de divulgação e consagração profissional permanecia limitada, contribuindo para a construção de uma narrativa historiográfica centrada predominantemente em arquitetos homens.

Figura 51- Resultados e comparação dos dados coletados com as revistas Acrópole, Habitat e Módulo



Fonte: Autora, 2026.

Contudo, a desigualdade identificada não se restringe à autoria dos projetos. Os dados demonstram que as mulheres também encontravam obstáculos para ocupar espaços de poder e tomada de decisão, permanecendo pouco representadas nas estruturas editoriais das revistas e nas entidades responsáveis pela condução da profissão. Sendo assim, pode-se observar que na Acrópole, não foram identificadas mulheres em cargos de direção, fundação ou editora da revista, tampouco em posições de liderança Institucional. Situação semelhante ocorre na *Módulo*, onde não há participação feminina na estrutura editorial e apenas uma mulher foi identificada em posição institucional de destaque: Vera Lúcia França e Leite, vice-presidente da Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura (ABEA) em 1980.

Esses resultados reforçam um aspecto central discutido ao longo desta pesquisa: a desigualdade de gênero na arquitetura não se manifesta apenas na menor participação feminina entre os projetos publicados, mas também na dificuldade de acesso das mulheres aos espaços de liderança e tomada de decisão que estruturam o campo profissional. A reduzida presença feminina nas estruturas editoriais das revistas e nas entidades representativas da profissão evidencia que as mulheres enfrentam barreiras não apenas para alcançar visibilidade por meio de sua produção arquitetônica, mas também para ocupar posições associadas à condução institucional, à representação profissional e ao exercício do poder simbólico. Nesse sentido, os dados sugerem que os mecanismos de exclusão operam em diferentes escalas, restringindo tanto a circulação quanto o reconhecimento da atuação feminina na arquitetura. Em outras palavras, a desigualdade observada não se limita à esfera da produção arquitetônica, alcançando também os espaços de poder que estruturam o campo profissional.

Nesse contexto, a principal singularidade observada entre os periódicos do século XX encontra-se na revista *Habitat*. Diferentemente da *Acrópole* e da *Módulo*, a publicação contou com Lina Bo Bardi como fundadora, diretora e editora. Tal característica torna-se relevante quando confrontada com os resultados quantitativos obtidos na análise dos projetos publicados. Ainda que a revista apresente predominância masculina entre as autorias, ela registra proporcionalmente a maior presença feminina do conjunto analisado no período.

Entretanto, uma observação mais detalhada dos dados revela que, dos 15 projetos com participação feminina identificados na revista, 7 são de autoria da própria Lina Bo Bardi². Esse resultado sugere que a maior presença feminina observada na *Habitat* não decorre necessariamente de uma ampliação da visibilidade de diferentes arquitetas, mas está diretamente relacionada à atuação de uma profissional que ocupava uma posição de destaque na estrutura editorial do periódico. Nesse sentido, a análise evidencia como o acesso a espaços de poder e tomada de decisão pode influenciar os processos de reconhecimento, legitimação e circulação da produção profissional no campo da arquitetura.

² A catalogação completa dos projetos identificados, incluindo informações sobre localização, ano de publicação e respectivas autorias, encontra-se disponível nos Apêndices deste trabalho.

Ao mesmo tempo, esse dado convida a uma reflexão sobre os limites de uma interpretação centrada exclusivamente em figuras de destaque. Embora a trajetória de Lina Bo Bardi seja fundamental para compreender a inserção das mulheres na arquitetura brasileira e nos meios de difusão especializados, a concentração da presença feminina em torno de uma única profissional nem sempre corresponde a uma efetiva ampliação da representação feminina na profissão, como observa Lima (2013, p. 11 e 12)

É importante que, neste processo, seja mantido um afastamento da “síndrome da grande mulher”, pela qual apenas figuras excepcionais, heroínas, por assim dizer, acabam participando do que se espera seja a história da mulher na arquitetura latino-americana. Isto só resultaria numa espécie de atitude compensatória, onde, em contraposição à história dos super-arquitetos criaria-se a história das super-arquitetas (Lima, 2013, p.11)

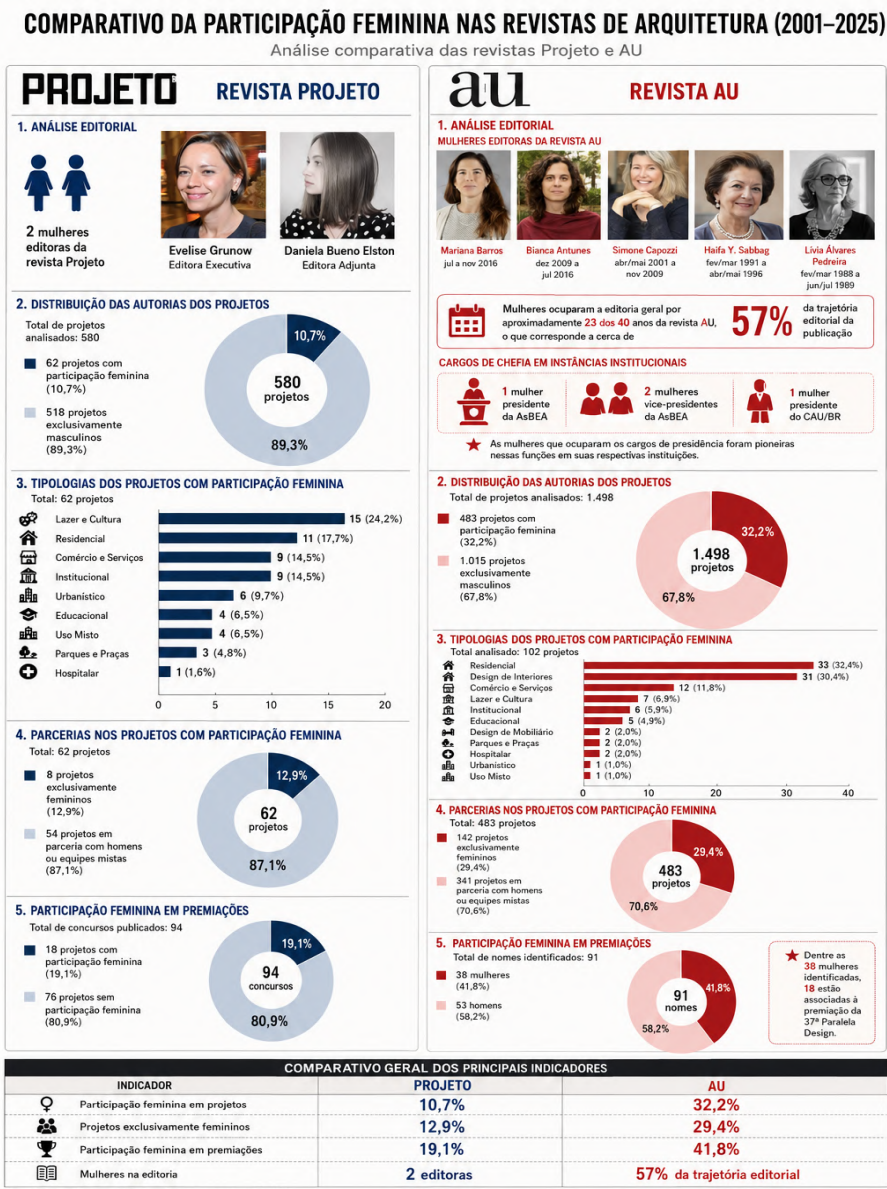
É importante que se tenha em vista que a história vai além das grandes personalidades. Neste caso, é também importante focar arquitetas que, como indivíduos normais, trabalhando no dia-a-dia de seus escritórios, ateliers e universidades, tornaram-se representativas em sua profissão e em sua sociedade (Lima, 2013, p. 12).

A análise das premiações, concursos e menções honrosas permite observar que a desigualdade de gênero não se manifesta apenas na produção e divulgação da arquitetura, mas também nos mecanismos de reconhecimento que estruturam o campo profissional. Essas instâncias possuem importância particular porque operam como instrumentos de legitimação simbólica, atribuindo visibilidade e prestígio a determinadas trajetórias profissionais. Nesse sentido, a reduzida presença feminina identificada entre os nomes premiados sugere que as mulheres encontravam obstáculos não apenas para acessar determinados espaços de atuação, mas também para obter reconhecimento público por seu trabalho. A predominância masculina nas premiações reforça, assim, a associação entre autoridade profissional, excelência técnica e protagonismo arquitetônico, contribuindo para a consolidação de referenciais majoritariamente masculinos na cultura arquitetônica brasileira.

Ao direcionar a análise para as revistas do século XXI, observa-se uma reconfiguração parcial desse cenário. Embora a desigualdade de gênero permaneça presente nos projetos publicados, identifica-se uma ampliação da participação feminina nos espaços editoriais dos periódicos analisados. Na revista *Projeto*, foram

identificadas mulheres ocupando cargos de chefia, como Evelise Grunow, editora executiva, e Daniela Bueno Elston, editora adjunta. Na AU, essa presença torna-se ainda mais consolidada ao longo da trajetória da publicação, com mulheres ocupando a editoria geral por aproximadamente 57% de sua existência. Quando comparados aos resultados observados nas revistas do século XX, esses dados indicam uma ampliação do acesso feminino a posições de liderança e mediação editorial.

Figura 52- Resultados e comparação dos dados coletados com as revistas Projeto e Arquitetura e Urbanismo



Fonte: Autora, 2026.

Embora as revistas do século XXI revelam avanços importantes na ocupação de cargos editoriais por mulheres, os dados demonstram que tais transformações não se refletem de maneira equivalente nos mecanismos de visibilidade e reconhecimento profissional. Na revista *Projeto*, a participação feminina permanece reduzida tanto entre os projetos publicados quanto nos concursos divulgados. Esse quadro torna-se ainda mais expressivo quando confrontado com a realidade contemporânea da profissão, marcada pela predominância numérica das mulheres entre os profissionais registrados. A discrepância entre a composição da categoria e sua representação na revista sugere que a ampliação do acesso feminino à profissão não foi acompanhada, na mesma medida, pela democratização dos espaços de consagração e reconhecimento profissional.

A análise das tipologias dos projetos publicados nas revistas do século XX revelam uma concentração significativa da produção feminina em áreas como paisagismo, design de mobiliário e design de interiores. Na revista *Habitat*, por exemplo, 11 dos 15 projetos com participação feminina pertencem justamente a essas categorias. Na *Acrópole*, entre os poucos exemplos identificados, também aparecem projetos relacionados ao mobiliário e aos interiores.

Esses resultados dialogam diretamente com as discussões desenvolvidas nos capítulos anteriores acerca da divisão sexual do trabalho e de seus impactos na arquitetura. Conforme demonstrado por Nanci Stancki Silva e Leda Maria Caira Gitahy (2006), a inserção das mulheres em determinadas áreas profissionais esteve historicamente associada à atribuição social de papéis vinculados ao espaço doméstico, ao cuidado e à organização dos ambientes internos. Os dados encontrados nas revistas analisadas demonstram que essas dinâmicas também se manifestaram na produção arquitetônica divulgada pelos periódicos especializados.

A concentração feminina em determinadas tipologias revela processos de hierarquização profissional. Enquanto os homens aparecem associados aos grandes edifícios institucionais, às obras monumentais e aos projetos tradicionalmente valorizados pela historiografia arquitetônica, as mulheres surgem com maior frequência em áreas que historicamente ocuparam posições periféricas na hierarquia simbólica da profissão. Dessa forma, os resultados encontrados confirmam empiricamente as discussões desenvolvidas ao longo desta pesquisa

sobre os mecanismos de separação e hierarquização que estruturam a divisão sexual do trabalho na arquitetura.

Ao comparar esses resultados com aqueles observados nas revistas *Projeto* e *AU* percebe-se algumas mudanças e continuidades em relação às revistas analisadas no século XX, há uma diversidade tipológica maior, apesar de que o maior quantitativo da presença feminina está em projetos residenciais e design de interiores. Essa predominância não deve ser compreendida apenas como resultado de escolhas individuais, mas também como reflexo de processos históricos e culturais que contribuíram para associar determinadas áreas de atuação a atributos tradicionalmente considerados femininos.

Outro aspecto relevante identificado nas revistas do século XXI refere-se às formas de autoria dos projetos publicados. Observa-se um crescimento das coautorias e das produções desenvolvidas em equipes de escritório, refletindo transformações da prática profissional, cada vez mais coletiva, interdisciplinar e colaborativa. Entretanto, essa mudança também suscita novos questionamentos. Se, por um lado, a produção coletiva desafia a imagem tradicional do arquiteto como autor individual e genial, por outro não elimina necessariamente as desigualdades relacionadas ao reconhecimento profissional. A cultura arquitetônica continua fortemente marcada pela valorização de figuras individuais e pela atribuição de prestígio a determinados sujeitos. Assim, a participação feminina em equipes não garante, por si só, visibilidade equivalente ou reconhecimento proporcional.

Essa questão torna-se ainda mais relevante quando observada à luz dos conteúdos publicados pelas próprias revistas, conforme mostra as figuras 37 e 38. Em uma edição da *AU* dedicada à trajetória de Nadia Somekh, primeira mulher eleita presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR) desde a criação da instituição, em 2010, a revista evidencia que as desigualdades de gênero permanecem como uma questão estrutural da profissão. Eleita em 2021, Somekh representa um marco na trajetória da entidade, historicamente conduzida por lideranças masculinas, ao mesmo tempo em que sua atuação traz visibilidade para debates relacionados à equidade de gênero no campo da arquitetura e do urbanismo. Na entrevista, Somekh apresenta os resultados do 1º Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo, realizado pelo CAU/BR em 2019, com a

participação de aproximadamente mil profissionais. O levantamento revelou que 82% das mulheres entrevistadas consideravam necessária a adoção de políticas voltadas à promoção da equidade de gênero na arquitetura e no urbanismo. Os dados também evidenciaram profundas desigualdades relacionadas à discriminação, ao assédio, à remuneração e à divisão das responsabilidades familiares.

Figura 53 –Nadia Somekh: a primeira mulher na presidência do CAU/BR , Revista AU n.306, 2021

entrevista

UM NOVO OLHAR

Presidente do CAU/BR relembra conquistas e fala sobre metas da sua gestão. TEXTO PEDRO ZUCCOLOTTO

Eleita em janeiro de 2021 para a gestão 2021-2023 do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), Nadia Somekh deixou uma marca na história da instituição, sendo a primeira mulher a ocupar a presidência do Conselho. "Antes de mais nada, estamos convencidos de que deixamos nosso

CAU e a Presidência, no final do ano, com a consciência de que promovemos uma gestão democrática coletiva", afirma. Com exclusividade para a AU, Somekh fala sobre seu período na presidência do CAU, equidade de gênero no setor da construção civil e arquitetura, novo plano diretor de São Paulo e mais.



PRIMEIRA MULHER A OCUPAR A PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL, NADIA SOMEKH É PROFESSORA EMÉRITA DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (SÃO PAULO), ONDE DIRIGIU O CURSO DE GRADUAÇÃO E ESTRUTUROU O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ARQUITETURA E URBANISMO. FOI CONSELHEIRA DO INSTITUTO DOS ARQUITETOS DO BRASIL E DA UNIÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETOS. É PROFESSORA CONVIDADA DO INSTITUTO DE URBANISMO DE PARIS/FRANÇA. NA CIDADE DE SÃO PAULO, PRESIDIU A EMPRESA MUNICIPAL DE URBANIZAÇÃO E FOI DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, RESPONSÁVEL PELA CRIAÇÃO DA "JORNADA DO PATRIMÔNIO". NO CAU BRASIL, COORDENOU A COMISSÃO DE EQUIDADE DE GÊNERO, RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO 1º DIAGNÓSTICO DE GÊNERO NA ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. EM 2020 LIBEROU A CHAPA VENCEDORA DA ELEIÇÃO PARA O CAU SÃO PAULO COMPOSTA POR 156 MULHERES. EM 2018 FOI AGRAÇADA COM A MEDALHA DE "CHEVALIER DES L'ORDRE DES PALMES ACADÉMIQUES" CONCEDIDA PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL DO ENSINO SUPERIOR E DA PESQUISA DA FRANÇA. EM 2022, NADIA SOMEKH RECEBEU EM CHICAGO, NOS ESTADOS UNIDOS, A MEDALHA PRESIDENCIAL E O TÍTULO DE MEMBRO HONORÁRIO DO AMERICAN INSTITUTE OF ARCHITECTS (AIA).

Há uma equidade de gênero no setor da arquitetura? E em cargos de gestão na construção civil?
Há desigualdade de gênero na sociedade brasileira e, portanto, seria difícil esperar outro cenário na arquitetura e na construção civil. Para confirmar nossa hipótese, realizamos em 2019 importante pesquisa, o 1º Diagnóstico de "Gênero na Arquitetura e Urbanismo", a partir de levantamento respondido por cerca de mil profissionais.

Do total dos entrevistados, 82% das mulheres e 65% dos homens afirmaram que o CAU/BR deve promover a equidade de gênero. Apesar de não surpreenderem, pois se assemelham ao retrato da desigualdade de gênero que caracteriza a sociedade brasileira, as respostas sinalizam a urgência de se efetivar políticas e ações que primam pela igualdade em todas as instâncias da Arquitetura e Urbanismo. Demonstra, ainda, que o debate sobre a inequidade de gênero extrapola os limites da profissão e precisa ser levado para

outras instâncias da sociedade.

O levantamento realizou um recorte racial relacionado a tipos de assédio (sexual e moral); violência sexual e discriminação de gênero no trabalho, revelando a maior inequidade de todo o diagnóstico: 59% das mulheres negras entrevistadas declararam sofrer discriminação de gênero, contra 8% dos homens brancos; 47% delas foram assediadas moralmente e 21% enfrentaram o assédio sexual, que "é qualquer ato sexual ou tentativa de obtenção de ato sexual por violência ou coerção, comentários ou investidas sexuais indesejadas".

O perfil salarial dos entrevistados foi outro dado pesquisado, mas também nesse campo as diferenças são alarmantes. Os arquitetos brancos são maioria na faixa de mais de 13 salários mínimos, ganhando pelo menos 13 vezes mais do que as arquitetas negras. Elas ainda representam o maior contingente de desempregados, entre os entrevistados.

A relação da responsabilidade da

Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 25 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

Figura 54 –Panorama das desigualdades de gênero na profissão arquitetônica:
entrevista com Nadia Somekh , Revista AU n.306, 2021

Há uma equidade de gênero no setor da arquitetura? E em cargos de gestão na construção civil?

Há desigualdade de gênero na sociedade brasileira e, portanto, seria difícil esperar outro cenário na arquitetura e na construção civil. Para confirmar nossa hipótese, realizamos em 2019 importante pesquisa, o 1º Diagnóstico de “Gênero na Arquitetura e Urbanismo”, a partir de levantamento respondido por cerca de mil profissionais.

Do total dos entrevistados, 82% das mulheres e 65% dos homens afirmaram que o CAU/BR deve promover a equidade de gênero. Apesar de não surpreenderem, pois se assemelham ao retrato da desigualdade de gênero que caracteriza a sociedade brasileira, as respostas sinalizam a urgência de se efetivar políticas e ações que primam pela igualdade em todas as instâncias da Arquitetura e Urbanismo. Demonstra, ainda, que o debate sobre a inequidade de gênero extrapola os limites da profissão e precisa ser levado para

outras instâncias da sociedade.

O levantamento realizou um recorte racial relacionado a tipos de assédio (sexual e moral); violência sexual e discriminação de gênero no trabalho, revelando a maior inequidade de todo o diagnóstico: 59% das mulheres negras entrevistadas declararam sofrer discriminação de gênero, contra 8% dos homens brancos; 47% delas foram assediadas moralmente e 21% enfrentaram o assédio sexual, que “é qualquer ato sexual ou tentativa de obtenção de ato sexual por violência ou coerção, comentários ou investidas sexuais indesejadas”.

O perfil salarial dos entrevistados foi outro dado pesquisado, mas também nesse campo as diferenças são alarmantes. Os arquitetos brancos são maioria na faixa de mais de 13 salários mínimos, ganhando pelo menos 13 vezes mais do que as arquitetas negras. Elas ainda representam o maior contingente de desempregados, entre os entrevistados.

Fonte: Imagem retirada do site da revista AU. Disponível em: revistaau.com.br. Acesso em: 27 maio 2026. Destaque realizado pela autora.

A presença dessa discussão nas páginas da *AU* possui grande relevância para esta pesquisa porque demonstra que as desigualdades identificadas na análise quantitativa dos periódicos não constituem apenas um fenômeno histórico, restrito às décadas anteriores, mas permanecem reconhecidas como um problema contemporâneo pelas próprias instituições representativas da categoria. A convergência entre os resultados encontrados nesta pesquisa e aqueles apresentados pelo CAU/BR reforça, portanto, a hipótese que orientou esta

investigação: embora as mulheres constituam atualmente a maioria dos profissionais registrados na arquitetura brasileira, essa presença numérica não se traduz automaticamente em representatividade equivalente nos espaços de protagonismo, prestígio e reconhecimento profissional.

Dessa forma, os resultados quantitativos desta pesquisa revelam que as transformações observadas entre 1950 e 2025 ocorreram de maneira gradual. Houve ampliação da participação feminina, diversificação das áreas de atuação, crescimento da presença de mulheres em cargos editoriais e expansão do número de projetos publicados com participação feminina. Entretanto, persistem desigualdades relacionadas à visibilidade profissional, ao reconhecimento da autoria, à representação em concursos e à construção dos referenciais que compõem a memória da arquitetura brasileira.

Mais do que registrar projetos, as revistas analisadas participaram ativamente da construção de uma narrativa historiográfica que, durante décadas, privilegiou determinadas figuras, obras e trajetórias. Nesse processo, a figura do arquiteto homem permaneceu associada ao protagonismo, à inovação e às grandes realizações, enquanto a contribuição das mulheres frequentemente ocupou posições periféricas ou secundárias. Como alerta Lima (2020), os discursos construídos pela historiografia arquitetônica moldam aquilo que estudantes e profissionais passam a reconhecer como a própria realidade da profissão. A repetição constante de determinados nomes e referências contribui para consolidar modelos de atuação e legitimidade que influenciam gerações sucessivas.

Portanto, a análise quantitativa permite compreender como as revistas especializadas atuaram na construção das hierarquias simbólicas da arquitetura brasileira e como essas hierarquias continuam produzindo efeitos sobre a visibilidade das mulheres. Os resultados demonstram que a invisibilidade feminina não constitui um fenômeno superado, mas um processo histórico que assume diferentes formas ao longo do tempo. Reconhecer essas permanências é um passo fundamental para a construção de uma historiografia mais plural, capaz de incorporar trajetórias que durante muito tempo permaneceram à margem das narrativas dominantes da arquitetura. A partir do questionamento que orientou esta pesquisa — como se configura a representatividade feminina na arquitetura e no

urbanismo brasileiros diante do aumento do número de mulheres atuando na área ao longo do século XXI? — , conclui-se que a ampliação quantitativa da participação feminina na profissão não foi acompanhada por transformações equivalentes nos espaços de visibilidade, reconhecimento e legitimação. Assim, confirma-se a hipótese inicial de que, apesar da crescente presença das mulheres no campo arquitetônico, ainda persistem obstáculos à sua representação nos espaços de protagonismo que estruturam a profissão e a memória da arquitetura brasileira.

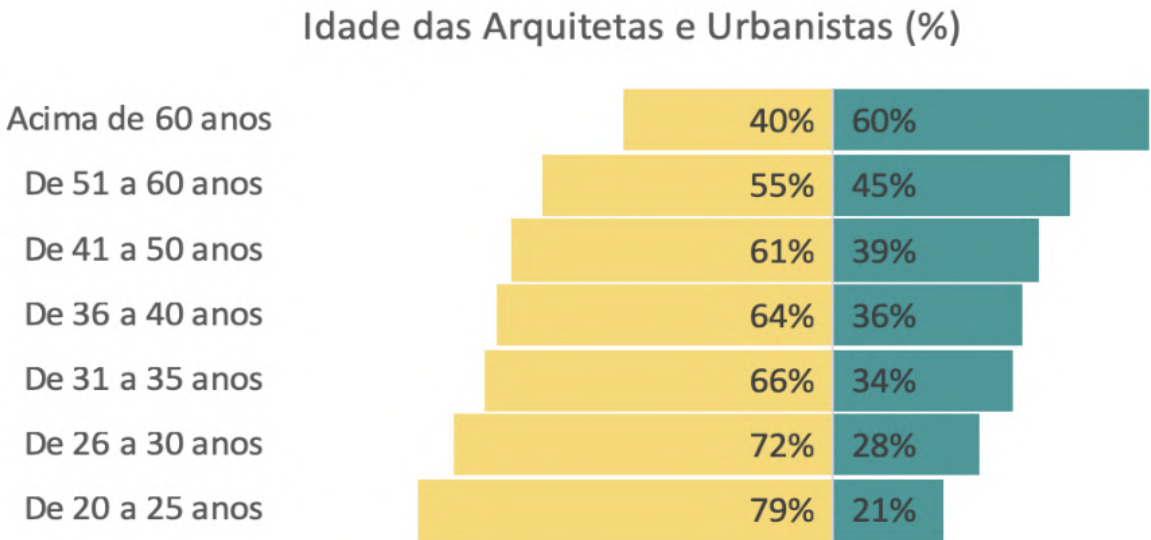
6.3 Permanências e transformações na visibilidade das arquitetas na contemporaneidade

A análise histórica desenvolvida neste trabalho evidencia que a invisibilidade das arquitetas nas revistas especializadas não foi episódica, mas constitutiva da própria formação da cultura disciplinar da arquitetura brasileira. Ao observar a contemporaneidade, contudo, percebe-se que essa condição já não se apresenta da mesma forma. Houve mudanças no acesso das mulheres à formação universitária, no ingresso profissional e na participação em debates acadêmicos e institucionais. Ainda assim, a ampliação numérica da presença feminina não eliminou os mecanismos de desigualdade que organizam o reconhecimento, a autoridade e o prestígio no campo arquitetônico.

No Brasil, os dados disponíveis revelam uma mudança estrutural no perfil da profissão. Segundo dados do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), as mulheres representam atualmente 63,10% dos arquitetos e urbanistas ativos e registrados no país, enquanto os homens correspondem a 36,90%. Esse predomínio é ainda mais acentuado entre as faixas etárias mais jovens: entre os profissionais com até 25 anos, as mulheres representam 79% do total, enquanto os homens correspondem a 21%; na faixa entre 26 e 30 anos, elas somam 72%. A predominância feminina mantém-se até aproximadamente os 60 anos de idade, sendo apenas nas faixas etárias superiores que os homens passam a ser maioria, representando cerca de 60% dos profissionais acima dessa idade. Esses dados, apresentados nas figuras 41 e 42, demonstram que a feminização da profissão não é apenas um fenômeno pontual, mas um processo geracional, ligado à ampliação do acesso feminino ao ensino superior e à consolidação de sua presença no mercado de trabalho ao longo das últimas décadas. Em 2024, o próprio CAU/BR reafirmou

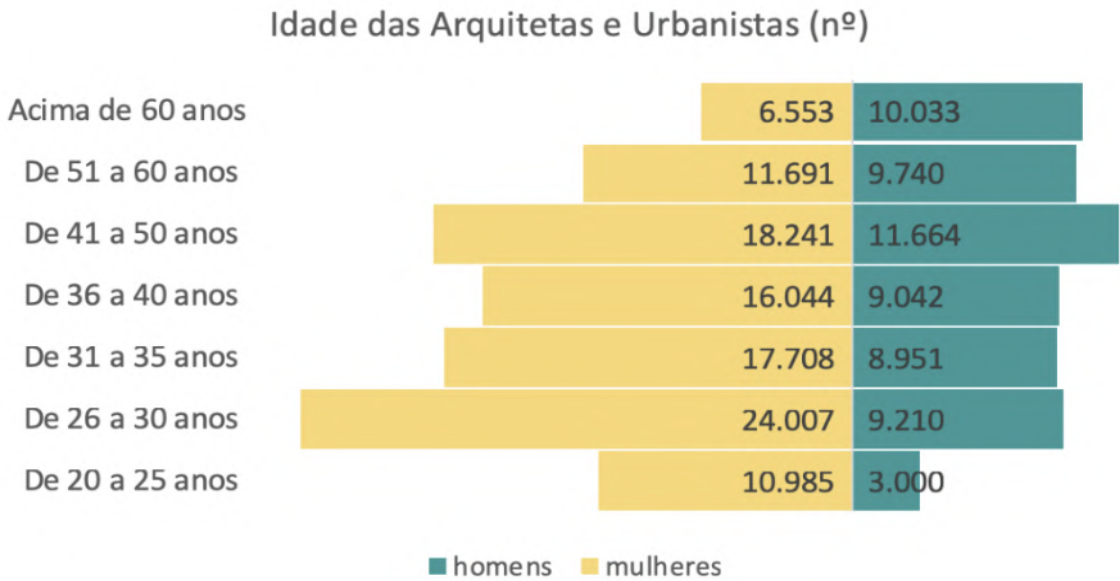
essa tendência ao informar que, dos 228.432 profissionais registrados no país, 148.344 eram mulheres, o que corresponde a 64,9% do total (CAU/BR, 2024).

Figura 55– Distribuição etária dos profissionais de Arquitetura e Urbanismo por gênero (valores absolutos)



Fonte: 1º Diagnóstico de Gênero de Arquitetura e Urbanismo, 2020.

Figura 56– Distribuição etária dos profissionais de Arquitetura e Urbanismo por gênero (valores percentuais)



Fonte: 1º Diagnóstico de Gênero de Arquitetura e Urbanismo, 2020.

Esses números, no entanto, não significam que a desigualdade tenha sido superada. Ao contrário, eles ajudam a deslocar o problema: se antes a principal barreira era o ingresso, agora a questão central passa a ser a conversão da presença numérica em reconhecimento proporcional. Um dado publicado na revista *Metropolis Mag*, desenvolvido pela *Women in Architecture* (LANGE, 2013), mostra que o Prêmio Pritzker, entre 1979 e 2013, teve apenas 4,2% de ganhadoras e, em média, apenas 20% de sua equipe julgadora era composta por mulheres. Além disso, o prêmio AIA Gold Medal, entre 1907 e 2013, teve exclusivamente vencedores homens. Esses dados evidenciam a baixa presença feminina nas instâncias de reconhecimento, indicando que a desigualdade não reside apenas na produção, mas nos critérios que orientam sua valorização e visibilidade.

A contemporaneidade revela, portanto, uma contradição importante: as mulheres já são maioria entre profissionais e estudantes, mas continuam minoria relativa nos espaços em que se decide quem terá visibilidade, quem será premiado, quem ocupará cargos de chefia e quem será tomado como referência legítima da disciplina.

Segundo os dados presentes no material do CAU/BR de 2012 a 2021, entre as candidaturas às presidências dos CAU/UF em determinado ciclo eleitoral, 13 mulheres se candidataram e apenas 6 foram eleitas. Entre os homens, 25 se candidataram e 21 foram eleitos, o que representa 84% de êxito eleitoral masculino. Sendo assim, pode-se inserir que as mulheres conseguem acessar a profissão e nela permanecer, mas encontram barreiras quando avançam em direção aos postos de maior autoridade. A desigualdade, nesse caso, não decorre da baixa participação, mas da permanência de filtros simbólicos, redes de prestígio e padrões institucionais ainda fortemente masculinizados.

No ensino de arquitetura, esse problema assume contornos particularmente profundos. As mulheres deixaram de ocupar um lugar periférico nas salas de aula; em muitos cursos, elas são maioria entre estudantes e egressas. Contudo, seus nomes continuam pouco presentes nos conteúdos curriculares, nos manuais de história da arquitetura e nas referências mobilizadas ao longo da formação. Cria-se, assim, uma dissociação entre o corpo discente real e o repertório legitimado que lhes é apresentado. As alunas ingressam em uma área na qual já são

numericamente expressivas, mas continuam aprendendo uma história narrada predominantemente por homens e sobre homens. A invisibilidade contemporânea, nesse sentido, resulta da dificuldade de transformar a presença feminina em memória disciplinar, cânone e referência pedagógica.

Apesar dessas permanências, a contemporaneidade também apresenta transformações relevantes. Nos últimos anos, o CAU/BR passou a tratar a equidade de gênero de modo mais institucionalizado. Em 2020, o plenário aprovou a Política do CAU para a Equidade de Gênero; em 2021, o conselho estruturou o 2º Ciclo de Debates “Mulheres na Arquitetura”, voltado à implementação prática dessas diretrizes; e, no triênio 2021–2023, a gestão da autarquia passou a ser composta, pela primeira vez, por 51% de mulheres. Essas ações se articulam à criação de instrumentos permanentes de debate, como o hotsite “Mulheres na Arquitetura e nas Cidades³”, além da institucionalização de mecanismos de monitoramento da desigualdade de gênero na profissão.

Em escala internacional, esse movimento dialoga com a Política de Equidade de Gênero da União Internacional dos Arquitetos, adotada em 2017. O documento reconhece explicitamente a disparidade de gênero na profissão e estabelece princípios voltados à igualdade de acesso a oportunidades, progressão de carreira, igualdade salarial, condições flexíveis de trabalho, liderança e reconhecimento das múltiplas formas de contribuição profissional. O valor desse marco reside em deslocar a questão da esfera da denúncia para a da responsabilidade institucional: a desigualdade de gênero deixa de ser tratada como efeito colateral da profissão e passa a ser assumida como problema estrutural que exige resposta organizada das entidades representativas.

³ O hotsite “Mulheres na Arquitetura e nas Cidades”, uma plataforma dedicada a promover a equidade de gênero, reunindo histórias, dados e conteúdos sobre o papel feminino na área desde 2018. A iniciativa visa destacar o protagonismo das mulheres, que compõem a maioria da profissão no Brasil (62%), e enfrentar desafios como a desigualdade.

Figura 57 –Política de Equidade de Gênero da União Internacional dos Arquitetos (UIA) , Revista Projeto n.453, 2021

UIA - Política de Equidade

A União Internacional dos Arquitetos (UIA) reconhece a disparidade de gênero na profissão de arquiteto(a) e urbanista e aponta para a necessidade de se agir seriamente contra o problema. Para isso, estabeleceu sua política de igualdade de gênero, que reúne princípios pensados para maximizar o acesso justo e equitativo a oportunidades para arquitetas mulheres, ainda hoje fortemente subrepresentadas na profissão. A Política de Equidade de Gênero na Arquitetura da UIA visa estabelecer uma estrutura geral para suas seções, relacionada a: propriedade e liderança na profissão de arquitetura, incluindo o reconhecimento de uma ampla gama de contribuições e realizações; novas estratégias de sucessão e novos modelos de progressão para funções de parceiro(a)/ proprietário(a); igualdade salarial, condições de trabalho flexíveis; programas, serviços e eventos destinados ao desenvolvimento profissional; e atividades operacionais na UIA incluindo emprego, igualdade de remuneração, liderança, gestão e sucessão. A UIA adotou a Declaração de Cartum sobre Igualdade de Gênero na Arquitetura durante reunião realizada em Cartum, Sudão, em fevereiro de 2017, e a 130ª Sessão do Conselho da UIA em Seul, Coreia, em março de 2017. Acesse a íntegra do documento (em inglês).



Fonte: Revista Projeto - Especial Mulheres na Arquitetura. Acesso em: 17 maio. 2026.

Também no âmbito das entidades de classe, houve mudanças simbólicas importantes. O Instituto de Arquitetos do Brasil registrou, em sua história recente, a eleição de Maria Elisa Baptista como primeira mulher a presidir nacionalmente a instituição, marco que expressa a ampliação do protagonismo feminino na política profissional.

Diante desse quadro, pode-se afirmar que a visibilidade das arquitetas na contemporaneidade se constrói em uma zona de tensão entre transformação e permanência. Mudou o lugar das mulheres no acesso ao curso, no ingresso profissional, na organização coletiva e na capacidade de disputar institucionalmente os rumos da profissão. No entanto, permanecem desequilíbrios nos espaços de decisão, nas faixas salariais mais elevadas, nos mecanismos de premiação, nas formas de autoria legitimada, nos currículos universitários e na distribuição do prestígio. A arquiteta contemporânea já não é invisível da mesma forma que foi no passado; sua presença é real, numericamente expressiva e politicamente articulada. Ainda assim, essa presença não se converteu plenamente em reconhecimento proporcional.

Assim, o problema da representatividade feminina na arquitetura contemporânea não pode ser reduzido à constatação de que as mulheres “já chegaram”. Elas chegaram, de fato, em número, em formação e em participação institucional. A questão decisiva é outra: **Em quais posições elas chegam? Sob quais condições permanecem? E de que maneira são reconhecidas?** A permanência dessas assimetrias mostra que o desafio atual não consiste apenas em incluir mulheres em um campo previamente dado, mas em transformar os próprios critérios pelos quais esse campo define valor, liderança, autoria e legitimidade. É justamente nesse ponto que a revisão historiográfica proposta por esta pesquisa se conecta ao presente: compreender o apagamento das arquitetas nas revistas do século XX não significa apenas explicar o passado, mas revelar as bases históricas das desigualdades que continuam, ainda hoje, moldando a visibilidade das mulheres na arquitetura brasileira.

7. CONCLUSÃO

A presente pesquisa parte do entendimento de que a história da arquitetura brasileira não foi construída de forma neutra, tampouco se constituiu como um campo imune às desigualdades sociais mais amplas que atravessam a sociedade. Ao investigar a presença, a representação e a autoria de arquitetas nas revistas especializadas brasileiras, buscou-se demonstrar que a sub-representação feminina no campo arquitetônico não pode ser explicada apenas pela participação quantitativa das mulheres na profissão, mas também por mecanismos históricos, simbólicos, editoriais e historiográficos que definem quem é legitimado e quais trajetórias passam a compor a memória disciplinar.

Ao longo do trabalho, evidenciou-se que as desigualdades de gênero na arquitetura possuem raízes profundas, relacionadas à formação patriarcal da sociedade, à divisão sexual do trabalho e à histórica separação entre esfera pública e esfera privada. Esses elementos exerceram papel decisivo na delimitação dos espaços socialmente considerados legítimos para homens e mulheres, influenciando tanto o acesso à formação profissional quanto os modos de atuação no mercado de trabalho. No caso da arquitetura, essa desigualdade se expressou não apenas na inserção tardia das mulheres nos cursos superiores e na prática profissional, mas também na hierarquização interna das atividades, que por longo tempo associou os homens aos grandes projetos, à autoria monumental e aos espaços institucionais de prestígio, enquanto relegava as mulheres a áreas consideradas secundárias, como interiores, decoração, paisagismo e atividades colaborativas pouco reconhecidas.

Nesse sentido, o que se observa é a existência de um sistema de legitimação historicamente orientado por critérios que favoreceram determinadas trajetórias em detrimento de outras. Ao articular os referenciais de Pierre Bourdieu (1989), Nanci Stancki Silva e Leda Maria Caira Gitahy (2006), Hilde Heynen (1999), Joan Scott (1989), Lima (2020) e outras autores fundamentais para os estudos de gênero e historiografia, foi possível compreender a arquitetura como um campo de produção de saber e poder, no qual a consagração profissional depende não apenas da qualidade intrínseca das obras, mas da circulação em redes de prestígio, da inserção em instituições legitimadoras e da conformidade com determinados

modelos de autoria e excelência. Esses modelos, longe de serem universais, foram historicamente constituídos a partir de referenciais masculinos.

A análise da historiografia da arquitetura mostrou-se central para essa discussão. O trabalho evidenciou que a escrita da história arquitetônica consolidou narrativas centradas em protagonistas individuais, em grandes obras e em percursos autorais heroicos. Esse modelo privilegiou a associação entre arquitetura e autoria singular, reforçando a imagem do arquiteto como gênio criador e ocultando o caráter frequentemente coletivo, colaborativo e socialmente mediado da produção arquitetônica. Tal modelo foi criticado por Colomina, ao afirmar que

“Adicionar os nomes das arquitetas à história não é só uma questão de justiça social ou precisão histórica, mas uma maneira completa de entender arquitetura e a complexidade de sua produção, pois sabe-se que o fazer arquitetônico é um ofício profundamente colaborativo não deveria desta forma ser creditado a um único autor” (COLOMINA, 2010, p. 217).

Nesse sentido, a inclusão das arquitetas na história não se configura apenas como uma questão de justiça social, mas como condição necessária para compreender a complexidade da produção arquitetônica. Ainda assim, muitas trajetórias femininas foram sub-representadas, secundarizadas ou registradas de forma periférica, o que contribuiu para a consolidação de uma memória disciplinar parcial.

É nesse ponto que a análise das revistas especializadas se mostrou decisiva. Ao longo da pesquisa, demonstrou-se que os periódicos de arquitetura não devem ser entendidos apenas como suportes de divulgação de projetos e ideias, mas como instâncias ativas de produção de valor, de mediação cultural e de construção historiográfica. Ao selecionar projetos, autores, temas e discursos, as revistas participam da definição do que será reconhecido como arquitetura relevante e, consequentemente, do que será incorporado à memória da disciplina. Assim, o estudo das revistas *Acrópole*, *Habitat*, *Módulo*, *Projeto* e *AU* permitiu deslocar a análise das desigualdades de gênero de um plano teórico para a observação concreta de como essas assimetrias se materializam nos meios de divulgação arquitetônica. A partir do levantamento e da análise dos conteúdos publicados, foi possível identificar quais arquitetas eram mencionadas, em que condições apareciam e quais tipos de projetos lhes eram atribuídos.

Ao deslocar o olhar para a contemporaneidade, o trabalho também evidenciou que, embora o cenário atual apresenta mudanças significativas, as desigualdades de gênero ainda não foram superadas. As mulheres hoje são maioria na formação e no exercício profissional da arquitetura no Brasil, o que indica uma transformação importante em relação ao quadro histórico analisado. No entanto, essa presença ampliada não se converte automaticamente em reconhecimento proporcional. Persistem assimetrias em cargos de liderança, premiações, concursos, produção bibliográfica, ensino de arquitetura e ocupação dos espaços de maior autoridade simbólica e institucional.

Essas permanências indicam que o desafio contemporâneo já não é apenas garantir a entrada das mulheres no campo, mas transformar os critérios pelos quais o próprio campo organiza o valor, a legitimidade e a memória. Isso implica reconhecer que a questão de gênero na arquitetura não diz respeito apenas às mulheres, mas ao modo como a disciplina produz seu conhecimento, narra sua história e define seus referenciais. Nesse sentido, o estudo de gênero constitui uma ferramenta crítica indispensável para revisar o ensino, a historiografia, a prática profissional e os mecanismos institucionais da arquitetura.

Assim, revisar a história da arquitetura por uma perspectiva de gênero significa questionar os próprios fundamentos que definiram o que deveria ser lembrado, valorizado e pensado. Significa reconhecer que a memória disciplinar não é um espelho fiel da realidade, mas uma construção seletiva, atravessada por relações de poder, interesses editoriais e critérios de consagração. Ao trazer à tona a participação das arquitetas nas revistas especializadas brasileiras, este trabalho busca contribuir para uma narrativa mais complexa, plural e crítica da arquitetura nacional.

Desta maneira, entende-se que a relevância desta pesquisa ultrapassa o escopo da revisão historiográfica. Ao evidenciar as formas de sub-representação feminina, o estudo contribui também para o debate contemporâneo sobre equidade no ensino e na profissão. Em um campo no qual as mulheres já são numericamente expressivas, mas ainda encontram barreiras ao reconhecimento, torna-se fundamental produzir conhecimento capaz de tensionar os padrões estabelecidos e ampliar o repertório de referências disponíveis para novas gerações de estudantes e profissionais. Nesse

sentido, visitar a história não é apenas um gesto de reparação simbólica, mas uma condição necessária para compreender criticamente o presente e abrir possibilidades de transformação para o futuro da arquitetura.

Cabe ressaltar, ainda, que a presente pesquisa não se debruçou sobre uma análise qualitativa aprofundada dos conteúdos veiculados nas revistas estudadas, tendo priorizado o levantamento e a identificação de padrões de presença, representação e autoria. Tal recorte metodológico, embora fundamental para a construção do panorama aqui apresentado, abre caminho para investigações futuras mais detalhadas, capazes de explorar em profundidade os discursos, enquadramentos e formas de representação das arquitetas nesses periódicos. Nesse sentido, pretende-se dar continuidade a esta pesquisa para além do trabalho de conclusão de curso, buscando aprofundar as análises e contribuir para o desenvolvimento de um estudo mais abrangente e consistente sobre a temática.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. F. **Revista Acrópole publica residências modernas: análise da revista Acrópole e a sua publicação de residências unifamiliares modernas entre os anos de 1952 a 1971**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, São Carlos, 2008.
- ALMEIDA, T. M.; BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, maio/ago. 2014.
- ANTUNES, Lia. **Questões de gênero em arquitetura: história(s), espaço(s) e experiências profissionais arquitetônicas**. 2016.
- AREND, S. F. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. cap. 3.
- ARQUITETAS INVISÍVEIS. **Arquitetas invisíveis apresentam 48 mulheres na arquitetura**. *ArchDaily Brasil*, 2015. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/763417/arquitetas-invisiveis-apresentam-48-mulheres-na-arquitetura-arquitetura>. Acesso em: 07 Fev. 2026.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v. 2.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. v. 1.
- BEZERRA, N. **Mulher e universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade**. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE OS SETE SABERES, 2010, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CHADWICK, W. **Mujer, arte y sociedad**. Madrid: Destino Ediciones, 1998.
- CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL (CAU/BR). **Inédito: visão completa sobre a presença da mulher na arquitetura e urbanismo**. Brasília: CAU/BR, 2020. Disponível em: <https://caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>. Acesso em: 17 fevereiro 2026.
- CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL (CAU/BR). *Sistema de Informação e Comunicação do CAU (SICCAU): dados estatísticos sobre profissionais registrados*. Brasília: CAU/BR, 2024. Disponível em: <https://siccau.caubr.gov.br/>. Acesso em: 17 fevereiro 2026.

CÔRTEZ, Aline Soares; CUNHA, Cláudia dos Reis. **A revista Módulo e sua contribuição na difusão do ideário preservacionista brasileiro nas décadas de 1950 e 1960.** In: ENANPARQ, 4., 2016, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2016.

DEDECCA, Paula Gorenstein. **Arquitetura e engajamento: o IAB, o debate profissional e suas arenas transnacionais (1920-1970).** 2018. 519 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FALCÃO, Ruhana. **Remoendo números: a divulgação da produção das arquitetas nas revistas especializadas Projeto e AU (2016–2023).** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2025.

FONTES, Marina Lima de. **Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista.** 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo.** 2000. Disponível em: [https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/862885/mod_resource/content/0/Daniele%20Kergoat%20Divis%C3%A3o%20sexual%20do%20trabalho](https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/862885/mod_resource/content/0/Daniele%20Kergoat%20Divis%C3%A3o%20sexual%20do%20trabalho.pdf) .pdf. Acesso em: 28 dez. 2025.

KOSTOF, Spiro (ed.). **The architect: chapters in the history of the profession.** Los Angeles: University of California Press, 2000.

LANGE, Alexandra. *Porque a arquitetura tem que ouvir suas mulheres esquecidas.* ArchDaily Brasil, 18 ago. 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-134611/porque-a-arquitetura-tem-que-ouvir-suas-mulheres-esquecidas>. Acesso em: 17 maio 2026.

LAUFER, Carolina de Gois; OLDONI, Sirlei Maria. **A representatividade feminina brasileira na arquitetura e urbanismo do século XXI.** *Revista Thêma et Scientia*, Cascavel, v. 10, n. 2E, p. 254-280, jul./dez. 2020. Edição Especial Arquitetura e Urbanismo.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Arquitetas e arquitetura na América Latina no século XX.** São Paulo: Altamira, 1999.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Reverendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista.** 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LIMA, Ana Gabriela Godinho et al. **Arquitetas e arquitetura na América Latina no século XX**. São Paulo: Altamira, 2014. Disponível em: https://femininoepplural.files.wordpress.com/2014/03/arquitetasalxx_final.pdf. Acesso em: 13 mar. 2026.

LIMA, Mariana da Silva Rodrigues de et al. **História das mulheres e historiografia brasileira: contextos, tendências e debates**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 85, 2025.

LIRA, José Tavares de. **Projeto moderno: historiografia e crítica (ementa)**. São Paulo: USP, 2016.

MATOS, M. I.; BORELLI, A. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MEDEIROS, A. E. A. **Arquiteturas Impressas**. Universidade de Brasília. Brasília. 2015.

NEPOMUCENO, B. Protagonismo ignorado. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PORTO, Andréa Halász Gáti. **Arquitetas no Recife: Uma leitura de gênero das parcerias entre casais de arquitetos formados na década de 1960**. 2021. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

RAGO, Luzia Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: HOLLANDA, Heloisa B. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 371-386.

RAGO, Margareth. **A Colonização da Mulher**. In: RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Cap. 2. p. 61-95.

SÁ, F. D. C. D. **Profissão: arquiteta: formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero**. 2010. Dissertação (Mestrado) – FAU-USP, São Paulo, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. *Cadernos Pagu*, n. 16, p. 115–136, 2001.

SARTI, Cynthia A. **O feminismo brasileiro desde os anos 70: revisitando uma trajetória**. *Revista Estudos Feministas*, 2004.

SCOTT, Joan. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1989.

SEGAWA, Hugo. Revista Acrópole. **Revista Acrópole**, São Paulo, 2015.

SILVA, Nanci Stancki; GITAHY, Leda Maria Caira. Gênero e divisão sexual do trabalho no Brasil. *Revista Ciências Sociais em Perspectiva*, n. 8, 2006.

SOBREIRA, Fabiano. *O fim das revistas periódicas impressas de arquitetura no Brasil*. Resenhas Online, São Paulo, ano 19, n. 221.02, maio 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/19.221/7729>. Acesso em: 16 maio 2026.

STEVENS, G. **O Círculo Privilegiado**. Fundamentos sociais da distinção arquitetônica. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

ZEIN, Ruth Verde. **Oscar Niemeyer: da crítica alheia à teoria própria**. *Arquitextos*, São Paulo, v. 151.04, 2012.

**APÊNDICE A – RELAÇÃO DE PROJETOS COM PARTICIPAÇÃO FEMININA
PUBLICADOS NA REVISTA ACRÓPOLE (1950-1971)**

ID	Revista	Nº da Edição	Ano	Tipo de Projeto	Local do Projeto	Autoria
1	Acrópole	204	1955	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de uma residência	Alagoas	LYGIA FERNANDES
2	Acrópole	229	1957	Design de Interiores – Loja Ducal	Rio de Janeiro	MARIA LAURA OSSER ; Marjan Ricardo
3	Acrópole	234	1958	Projeto arquitetônico de uma cooperativa	Cotia – SP	NATUE NAMURA
4	Acrópole	344	1967	Projeto Arquitetônico de uma residência	São Paulo	CLÁUDIA BACCARO ; Augusto Baccaro
5	Acrópole	349	1968	Projeto Arquitetônico de uma residência (Casa de Praia)	Guarujá	ODILÉA TOSCANO e João Toscano
6	Acrópole	384	1971	Design de mobiliário	Não informado	ADRIANA ADAM
7	Acrópole	384	1971	Projeto arquitetônico de uma igreja	Alto da Lapa – São Paulo	MARIA ESTELA MELÉGA ; Benedito Lima de Toledo

Fonte: Autora, 2026. Os dados também encontram-se disponíveis em planilha digital elaborada pela autora.⁴

⁴ Disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1DjSQHPYkVw-OWPHp1En3epOPdKomNh75/edit?usp=sharing&ouid=112752646482006071203&rtpof=true&sd=true>

**APÊNDICE B – RELAÇÃO DE PROJETOS COM PARTICIPAÇÃO FEMININA
PUBLICADOS NA REVISTA HABITAT (1950-1965)**

ID	Revista	Nº da Edição	Ano	Tipo de Projeto	Local do Projeto	Autoria
1	Habitat	01	1950	Design de mobiliário	Não informado	LINA BO BARDI
2	Habitat	02	1951	Design de mobiliário	Não informado	LINA BO BARDI
3	Habitat	10	1953	Projeto Residencial	Morumbi	LINA BO BARDI
4	Habitat	12	1953	Design de mobiliário	Não informado	LINA BO BARDI
5	Habitat	30	1956	Projeto de Paisagismo	São Paulo	MIRANDA MARTINELLI
6	Habitat	31	1956	Projeto Residencial	Maceió	LYGIA FERNANDES
7	Habitat	46	1958	Projeto de interiores de um consultório médico	São Paulo	LINA BO BARDI
8	Habitat	54	1959	Projeto de paisagismo	Morumbi, São Paulo	MIRANDA MARTINELLI e ROSA KLIASS
9	Habitat	62	1960	Projeto do Museu de Arte de São Paulo (MASP)	São Paulo	LINA BO BARDI
10	Habitat	65	1961	Projeto de Paisagismo	São Paulo	MIRANDA MARTINELLI
11	Habitat	70	1962	Projeto de Paisagismo	São Paulo	MIRANDA MARTINELLI
12	Habitat	76	1964	Design de mobiliário	São Paulo	LINA BO BARDI
13	Habitat	76	1964	Projeto de Paisagismo	Rio Grande do Sul	MIRANDA MARTINELLI
14	Habitat	77	1964	Projeto arquitetônico de um playground	Não informado	RACHEL ESTHER PROCHNIK
15	Habitat	80	1964	Projeto de Paisagismo	São Paulo	MIRANDA MARTINELLI

Fonte: Autora, 2026. Os dados também encontram-se disponíveis em planilha digital elaborada pela autora.⁵

⁵ Disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1NlbbkbyeF0mKW7gABxdXkWPw6jsCsaTo/edit?usp=sharing&ouid=112752646482006071203&rtpof=true&sd=true>

**APÊNDICE C – RELAÇÃO DE PROJETOS COM PARTICIPAÇÃO FEMININA
PUBLICADOS NA REVISTA MÓDULO(1955-1965 / 1975-1986)**

ID	Revista	Nº da Edição	Ano	Tipo de Projeto	Local do Projeto	Autoria
1	Módulo	45	1977	Projeto Arquitetônico de um hospital	São Paulo	ELZA DE AZÊVEDO ANTUNES
2	Módulo	81	1981	Centro Israelita de Pernambuco	Recife	NORMA LACERDA e Mário Aloísio Barreto Melo
3	Módulo	87	1983	Centro Internacional da Comunicação – Ministério de Urbanismo e Habitação /	Paris, França	ÂNGELA DE ARQUINO FONSECA

Fonte: Autora, 2026. Os dados também encontram-se disponíveis em planilha digital elaborada pela autora.⁶

⁶ Disponível em:

https://docs.google.com/spreadsheets/d/1AcCH_-Cjk7YHXxxlL0veQQdkxilaPc-6/edit?usp=sharing&ouid=112752646482006071203&rtpof=true&sd=true

APÊNDICE D – RELAÇÃO DE PROJETOS COM PARTICIPAÇÃO FEMININA
PUBLICADOS NA REVISTA PROJETO(2002-2025)

ID	Revista	Ano	Tipo de Projeto	Local do Projeto	Autoria
1	Projeto	2002	Centro de Convivência e Restaurante Universitário	Juiz de Fora, MG	André Abreu, ANNA CRISTINA ÁVILA e Gustavo Rocha
2	Projeto	2003	Conjunto Desportivo	São Paulo	LUCIENE QUEL e Hector Vigliecca
3	projeto	2006	CONCURSO - Museu	São Paulo	JULIANA CORRADINI e José Alves
4	projeto	2006	CONCURSO - Câmara Municipal de Hortolândia	São Paulo	Baldomero Navarro, BEATRIZ NACHTERGALE e André Yoshimoto
5	projeto	2007	CONCURSO - 4º lugar – Teatro Municipal de Londrina	Londrina	Paulo Henrique Paranhos, Eder de Alencar, ANA CAROLINA VAZ , Hermes Romão, Marco Campos Porto, Matheus Resende e Thiago Pimentel
6	projeto	2007	CONCURSO - 2º lugar – Teatro Municipal de Londrina	Londrina	Jaime Cupertino, Kyoshi Urazoe, TATIANA FUENES , HAILE NUNES , MARCELA NEVES , ERICA BETTIOL , Marcos Roberto Samia, Ricardo França e Décio Fleury
7	projeto	2007	unidade residencial (Oca com painéis fotovoltaicos)	Belo Horizonte	ADRIANA CUNHA , BRUNA ALMEIDA , MARINA DOMINGUES , ISABELA FURTADO , MARILIA MARA e RENATA CLÁUDIA GUIMARÃES
8	projeto	2008	Plano Urbanístico	Santa Catarina	Maximus Rumis, MARCELA LEIVA , SÍLVIA LENZI e Jaime Lerner
9	projeto	2008	Projeto Residencial	Nova York	Angelo Bucci, João Paulo Meirelles de Faria, JULIANA BRAGA e Ciro Miguel
10	projeto	2008	Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia	Mato Grosso	LETICIA DE AZEVEDO OLIVEIRA , Eduardo Oliveira França e Hernan Roberto Espinoza Rieza
11	projeto	2009	Museu do Saneamento	São Paulo	LILIAN DAL PIAN e Renato Dal Pian
12	projeto	2010	Projeto arquitetônico de um hotel	Bahia	Olivier Raffaelli, Greg Bousquet, CAROLINA BUENO e Guillaume Sibaud
13	projeto	2010	CONCURSO -Projeto arquitetônico de um Museu	São Paulo	Daniel Corsi, Dani Hirano e Reinaldo Nishimura (autores), André Biselli Sauaia e LAURA PAES BARRETO PARDO (colaboradores), ANDREA KEY ABE , JENNIFER A. DOS REIS , LIDIA NEVES MARTELLO , AMANDA NASCIMENTO HIGUTI e TATIANA HUMMEL
14	projeto	2010	Projeto arquitetônico de uma Arena	Mato Grosso	Sérgio Coelho (autor), ADRIANA OLIVEIRA e Mauricio Reverendo (coautores)
15	projeto	2011	Projeto arquitetônico de um Museu	Rio de Janeiro	Diller Scofidio, Renfro, ELIZABETH DILLER e Ricardo Scofidio
16	projeto	2012	CONCURSO - Parque Tamarineira	Pernambuco	Celso Vinicius Sales, LUCIANA RAPOSO , CARMEN CAVALCANTI , MANUELA MAIA , MARIANA RIBAS e Christoph Jung
17	projeto	2012	Projeto arquitetônico de um Museu	São Paulo	ADRIANA LEVISKY (autora), RENATA GOMES , José Eduardo Borba, VIVIAN HAWTHORNE , TATIANA ANTONELLI e Flávio Castro (colaboradores)
18	projeto	2012	Plano Urbanístico Parque D. Pedro	São Paulo	ANNA HELENA VILLELA , Eduardo Ferroni e Pablo Hereñú
19	projeto	2013	Parque Científico e Tecnológico de Itaipubá	Minas Gerais	Bruno Campos, Marcelo Fontes, Silvio Todeschi, Fernando Maculan e MARIZA MACHADO COELHO
20	projeto	2013	Projeto arquitetônico de um Auditório	São Paulo	Gustavo Cedroni, Martin Corillon e ANNA FERRARI
21	projeto	2014	Projeto Sesc Ribeirão Preto	São Paulo	César Shundi Iwamizu, Eduardo Gurian, Bruno Salvador e HELENA AYOUB SILVA
22	projeto	2014	Projeto arquitetônico de um hotel	Acre	Ivo Mareines e Rafael Patalano (autores), Bruno D'Acri, Matthieu van Beneden e JÚLIA QUEIMA (colaboradores)
23	projeto	2014	CONCURSO- (1 LUGAR) Anexo da Biblioteca Nacional no Rio	Rio de Janeiro	Autor: Hector Ernesto Vigliecca Gani / Co-autores: LUCIENE QUEL , Ronald Werner Fiedler e NELI YUMI SHIMIZU
24	projeto	2014	CONCURSO- (2 LUGAR) Anexo da Biblioteca Nacional no Rio	Rio de Janeiro	Autora: HELENA APARECIDA AYOUB SILVA / Co-autores: Bruno Valdetaro Salvador, Cesar Shundi Iwamizu, Eduardo de Almeida e Eduardo Pereira
25	projeto	2014	CONCURSO- (3 LUGAR) Anexo da Biblioteca Nacional no Rio	Rio de Janeiro	Autor: Renato Dal Pian. / Co-autora: LILIAN DAL PIAN
26	projeto	2015	Projeto arquitetônico de um Aeorporto	Pequim, China	ZAHA HADID
27	projeto	2015	Complexo Habitacional	México	ZAHA HADID
28	projeto	2015	Complexo Habitacional	Milão, Itália	ZAHA HADID
29	projeto	2015	Casas de acolhimento para mulheres	São Paulo	Marcelo Pontes, Raul Höffiger e VALÉRIA LAVAL
30	projeto	2015	Projeto arquitetônico de um hotel	Itália	PATRICIA URQUIOLA
31	projeto	2016	Projeto de uma ponte	Paraná	MIRNA CORTOPASSI
32	projeto	2016	Conjunto Multiuso (apartamentos, um hotel, escritórios e lojas)	São Paulo	Guillaume Sibaud, Olivier Raffaelli, Greg Bousset, CAROLINA BUENO ; BIANCA COELHO
33	projeto	2016	Projeto arquitetônico de um bar/Restaurante	São Paulo	Marcos Paulo Caldeira e MILA STRAUSS
34	projeto	2017	Centro Cultural	Rio de Janeiro	André Nune, Pedro Freire, ANNA JUNI , Enk te Winkel e Gustavo Delonero
35	projeto	2017	Complexo de uso misto	São Paulo	Mario Figueroa, LETICIA TAMISARI , Luciano Margotto, CRISTINA TOSTA e Carlos E. B. Garcia
36	projeto	2017	Complexo Habitacional	São Paulo	CRISTIANE MUNIZ , Fábio Valentim, FERNANDA BARBARA e Fernando Viégas
37	projeto	2017	CONCURSO - Conjunto Multiuso	França	CAROLINA BUENO , Grégory Bousquet, Guillaume Sibaud e Olivier Raffaelli (Sócios do Triptyque)
38	projeto	2019	Projeto Residencial (Condomínio de casas)	Rio Grande do Sul	CAROLINA FLACH SOUZA PINTO , Lucas Obino, Cristiano Selbach Carneiro, Franco Miotto, Augusto Tubelero e Rodrigo Rocha
39	projeto	2019	Projeto arquitetônico de uma escola	São Paulo	Leonardo Shieh, Shieh Shueh Yau, Ricardo Azevedo, NATHÁLIA GRIPPA , Karen Minoda e Rodrigo Chedid (autores) e CAROLINA RIBEIRO (co-autora)
40	projeto	2020	Projeto arquitetônico de uma escola	São Paulo	CAROLINA BUENO , Grégory Bousquet, Guillaume Sibaud e Olivier Raffaelli (Sócios do Triptyque)
41	projeto	2020	Projeto para novos espaços para Feira Livre e Esporte	Goiás	JACIRA ROSA PIRES e NARCISA DE ABREU CORDEIRO
42	projeto	2020	Complexo Habitacional	Rio de Janeiro	Sérgio Magalhães, ANA LUÍZA MAGALHÃES , SÍLVIA DE BARROS , Clóvis de Barros e Rui Velloso
43	projeto	2020	Complexo Habitacional	São Paulo	ODILÉA TOSCANO , João Walter Toscano e Massayoshi Kamimura
44	projeto	2020	Projeto de Habitação Social	São Paulo	Danilo Terra, FERNANDA SAKANO , JULIANA TERRA , Pedro Tuma, Cassio Oba, Eugenio Conte e Gabriel Cesar
45	projeto	2020	Projeto de uma agência Bancária	Paraná	MARIA LOURDES MARTINS e Murilo Viana
46	projeto	2020	Paróquia de Nossa Senhora da Anunciação	Rio de Janeiro	Ovidio Pascual Maestre, GERMANA SILVA PASCUAL e Luiz Fernando Menezes Salgado
47	projeto	2020	CONCURSO - Projeto de Revitalização Urbana	Rio Grande do Norte	Benedito Tadeu de Oliveira, DIANA MEIRELLES DA MOTTA , Márcio Vianna e Joaquim Vieira da Silva Filho
48	projeto	2020	CONCURSO -Projeto Passos: Estudo de reabilitação de uma área do centro no Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Oswaldo Eduardo Lioi, Marco Antonio Pereira da Silva, TANIA J. N. MEIRELLES , João Carlos Calafate, FRANCISCA DE ASSIS CRUZ e Eduardo C. de
49	projeto	2020	Projeto arquitetônico de uma escola	São Paulo	Bernardo Bianco, MARIA HAIDEE RINALD e Athos Grandisoli
50	projeto	2020	Projeto Residencial	Minas Gerais	REGINA TEIXEIRA e Carlos Alberto Borges
51	projeto	2020	CONCURSO - Projeto de Santa Casa	Minas Gerais	Alfredo Brito e CLÉIA BRAGA
52	projeto	2020	CONCURSO -recuperação da comunidade Jardim Santos Andrade	Paraná	DAYSE VASCONCELLOS , LIZ JOHNSSON e SOLANGE BONILAURE
53	projeto	2020	CONCURSO -proposta de reconstrução do Teatro Galli	Itália	arquitetos Raffaello Cecchi, Vincenza Lima, Lorenzo Bergomi, Gianluigi Pieruzzi; colaboradores, Luigi Bertazzoni Pozzi, SARA PROTASONI , Alberto Vincire.
54	projeto	2021	CONCURSO- (1 LUGAR) Mercado popular	Rio de Janeiro	Demetre Anastassakis e CHRISTIANE LEMOS AMMON
55	projeto	2021	CONCURSO- (2 LUGAR) Mercado popular	Rio de Janeiro	Hélio Novak, RUTE TOBAL BARRETO , Walter Maciel de Figueiredo Filho
56	projeto	2021	Projeto arquitetônico de um hotel	Distrito Federal	Augusto Mário Boccara, MARIA CLÁUDIA REPETTO BOCCARA Colaboradora: SUSETE TABORDA
57	projeto	2021	Complexo de uso misto	Itália	Autores: Raffaello Cecchi e Vincenza Lima / Colaboradores: MARISA BARDA , Lorenzo Bergomi, Luigi Bertazzoni, Umberto Pozzi, SARA PROTASONI
58	projeto	2021	CONCURSO- Pavilhão do Brasil	Espanha	Fernando de Mello Franco, MARTA MOREIRA , Milton Braga, Vinicius Gorgati.
59	projeto	2023	Projeto de um parque	Minas Gerais	MARIZA MACHADO COELHO e Fernando Maculan
60	projeto	2023	Projeto arquitetônico de uma escola	São Paulo	Fernando Viégas e CRISTIANE MUNIZ
61	projeto	2023	Projeto arquitetônico de uma escola	São Paulo	Ângelo Ceceo Júnior e EDNA NAGLE
62	projeto	2023	Projeto de residências unifamiliares	Minas Gerais	FERNANDA BARBARA e Fábio Valentim

Fonte: Autora, 2026.Os dados também encontram-se disponíveis em planilha digital elaborada pela autora.⁷

⁷ Disponível em:
<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1ewCfbqw5Bfcxbw1y2USr475OIW2Fph-6/edit?usp=sharing&ouid=112752646482006071203&rtpof=true&sd=true>

APÊNDICE E – RELAÇÃO DE PROJETOS COM PARTICIPAÇÃO FEMININA
PUBLICADOS NA REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO (AU) (2015-2025)

ID	Revista	Edição	Ano	Tipo de Projeto	Local do Projeto	Autoria
1	AU	358	2025	Projeto Arquitetônico de uma casa	Itália	SARAH BECCHIO, Paolo Borghino, Andrea Loi , Francesco Sordo, ILARIA BOGGIATTO , EMMA COLELLA e MARGHERITA RANDAZZO
2	AU	357	2025	Projeto Arquitetônico e design de interiores de uma casa	São Paulo	CLAÚDIA PASSARINI e VANESSA PAIVA
3	AU	357	2025	Stand de Vendas	São Paulo	Thiago Rodrigues, Antonio Carlos, Figueira de Mello, Lula Gouveia, MARÍLIA VICENTINI , LÍVIA KANNEBLEY , ANA GALANTE , GIOVANNA SARNELLI , GABRIELLA LAMANNA , ANA CAROLINA HIDALGO , LETÍCIA REIS , KARINA GODOIS , Vinícius Mizobuti, MARCELA LACERDA , Luca MARI MILANI
4	AU	356	2025	Design de Interiores	São Paulo	LARISSA BATISTA
5	AU	355	2025	Design de mobiliários	Rio Grande do Sul	MILA RODRIGUES
6	AU	355	2025	Design de mobiliários	Rio Grande do Sul	VANESSA PAIVA e CLAÚDIA PASSARINI
7	AU	352	2024	Projeto Arquitetônico e design de interiores de uma casa	São Paulo	LUCIANA SAGIOIA , Eder Alencar e Matheus Seco
8	AU	351	2024	Pavilhão do Brasil	Itália	Franco Miotto, BRUNA IBRAHIM , BRUNNA KRONBAUER , Augusto Tumelero e LAURA AURVALLE
9	AU	350	2024	Edifício Residencial Multifamiliar	Rio Grande do Sul	ARQUITETÔNICO: Frederico Sabella /Colaboradores: Gustavo Ramos e ISADORA MAIA . INTERIORES: LAURA ROCHA
10	AU	349	2024	Projeto Arquitetônico e design de interiores de uma casa	São Paulo	CRISTINA VAZ SANTOS
11	AU	347	2024	Unidade Industrial	Portugal	VICTÓRIA DREBES , DAYANE SCHMITZ , GIULIANA CROSA
12	AU	345	2024	Projeto de um restaurante	São Paulo	AMANDA CASTRO e GIOVANA GIOSA
13	AU	339	2023	Projeto de um espaço cultural	São Paulo	BRUNA DE LUCCA e GIOVANA GIOSA
14	AU	339	2023	Projeto Arquitetônico e design de interiores de uma casa	São Paulo	Elias Souza, Alexandre Ferraz, LEILA LEMOS , SABRINA BOROTTO , Guilherme Alonso Souza, Alexandre Nascimento
15	AU	338	2023	Projeto de um espaço multifuncional	São Paulo	FERNANDA MARQUES
16	AU	337	2023	Projeto Arquitetônico de uma casa	Rio Grande do Sul	Ivo Kieling, Pedro Ramieri, LUÍZA LIMA , FERNANADA BRUM , Alex Pedretti, GEORGIA CAUDURO , MARIANA ALBUQUERQUE , VICTORIA DREBES , FERNANDA MARQUES
17	AU	337	2023	CONCURSO (1 LUGAR) Projeto Arquitetônico de uma casa	São Paulo	AMANDA CASTRO e GIOVANA GIOSA
18	AU	336	2023	Design de Interiores de um escritório	São Paulo	BRUNA DE LUCCA e GIOVANA GIOSA
19	AU	335	2023	Projeto Arquitetônico de uma casa	Minas Gerais	Carla Maia, DEBORA MENDES e Igor Macedo
20	AU	334	2023	CONCURSO (1 LUGAR) Projeto de um hotel	São Paulo	MARIA MAGALHÃES
21	AU	334	2023	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de um escritório	São Paulo	CISTHIANNE MIDLEJ
22	AU	333	2023	Projeto de Reforma e Restauração do Palácio del Diamanti	Itália	MARIA CLÁUDIA CLEMENTE e Francesco Isidori
23	AU	332	2023	Projeto de Restauro do Museu da Vacina	São Paulo	CAROLINE TONACCI , CARINA RODRIGUES MARQUES , Filipe do Carmo Souza, João Tadeu Foa, Lucas Marcondes Filho
24	AU	329	2023	Projeto de um design de interiores de um apartamento	São Paulo	MARINA CARVALHO
25	AU	328	2022	Projeto Arquitetônico e design de interiores de uma casa	São Paulo	GABRIELA MENDES
26	AU	322	2022	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de um escritório	São Paulo	Lula Gouveia, Thiago Rodrigues, Antônio Carlos Figueira de Mello, MARÍLIA VICCENTINI , MARIA FERNANDA BELLODI , GIOVANNA SARNELLI , FERNANDA MARQUES
27	AU	321	2022	CONCURSO (1 LUGAR) Cessacar: Módulos habitacionais	Minas Gerais	CRISTINA MENEZES
28	AU	318	2022	Projeto Arquitetônico e design de interiores de uma casa	São Paulo	Raphael Wittman, FERNANDA ROCHA , Mathews Fernandes e Peterson Olegário
29	AU	317	2022	Design de Interiores de um apartamento	São Paulo	ANA ROZENBLIT
30	AU	314	2021	Projeto Arquitetônico de uma casa	Minas Gerais	Carlos Maia, DEBORA MENDES e Igor Macedo
31	AU	312	2021	CONCURSO (3 LUGAR) Habitação social	Toronto	ANA LUÍSA ROLIM , ISABELLA TRINDADE , BEATRIZ BUENO e LARISSA FALAVIGNA
32	AU	311	2021	Projeto Arquitetônico de um Empresarial	São Paulo	Jorge Munif Abussamra e KELLY PINHA
33	AU	310	2021	Projeto de interiores de um empresarial	São Paulo	MARIA MAGALHÃES , CAMILA ROSSI , TANIA WERNECL , LARISSA REIS
34	AU	308	2021	Projeto de um espaço multifuncional	Rio Grande do Sul	Mathews Ramos de Godoy Diniz, Hélio Mítica e TATIANA VICENTINI
35	AU	307	2021	Design de interiores de um apartamento	São Paulo	JULIANA CAMARGO
36	AU	307	2021	Projeto Arquitetônico de uma escola	São Paulo	MARIA CECÍLIA BARBIERI e Michel Todet Gorski
37	AU	306	2021	Design de Interiores de um restaurante	Santa Catarina	VANESSA LARRÉ
38	AU	302	2020	Design de Interiores de um escritório	São Paulo	PATRICIA MARTINEZ
39	AU	302	2020	Projeto Arquitetônico de uma casa	Rio Grande do Sul	LETIANE BENINCA e Paulo Iglesias
40	AU	301	2020	Design de interiores de um apartamento	São Paulo	ALESSANDRA CAS TELBARCO ALBANI , Marcos Di Nallo, CHIARA GIROLAMI e Giuseppe Giussani
41	AU	300	2020	Design de interiores de um apartamento	São Paulo	PATRICIA MARTINEZ
42	AU	298	2020	Projeto Arquitetônico e design de interiores de uma casa	Distrito Federal	GABRIELLA CHIARELLI e MARIANNA RESENDE
43	AU	298	2020	Design de interiores de uma casa	São Paulo	MÔNICA DRUCKE
44	AU	297	2020	Edifício Residencial Multifamiliar	São Paulo	Jorge Munif Abussamra, ALICE MAYUMI NAGAO e SAMIRA COLLA
45	AU	296	2020	CONCURSO (1 LUGAR) SESC Guarulhos	São Paulo	LIAN DAL PIAN e Renato Dal Pian
46	AU	294	2019	Design de interiores de um apartamento	São Paulo	ERIKA MELLO e Renato Andrade
47	AU	294	2019	Design de interiores de um apartamento	São Paulo	CRISTIANE SCHIAVONI
48	AU	291	2019	Design de interiores de um Consultório	São Paulo	KARINA KORN , JULIANA CARON e CAMILA WRO
49	AU	289	2019	Design de interiores de um apartamento	Paraná	LISA ZIMMERLIN e CAROLINA DANYLCZUK
50	AU	288	2019	Design de interiores de um apartamento	São Paulo	Renato Mello e ERIKA MELLO
51	AU	288	2019	Projeto Arquitetônico de uma casa	São Paulo	Beto Magalhães, Renato Misumi e PATRICIA MEGUMI
52	AU	286	2018	CONCURSO (1LUGAR) Projeto Arquitetônico de um Museu	França	ELIZABETH DE PORTZAMPARC
53	AU	285	2018	Design de interiores de um escritório	Minas Gerais	PATRICIA MARTINEZ
54	AU	284	2018	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de uma Corporativa	São Paulo	FLAVIA CANCIAN
55	AU	284	2018	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de um escritório	São Paulo	CARMEM AVILA
56	AU	282	2017	Projeto Arquitetônico de uma casa	São Paulo	CRISTINA PASQUINI
57	AU	281	2017	Design de interiores de um restaurante	São Paulo	VIVIANE GOBBATO
58	AU	279	2017	CONCURSO (1LUGAR) Projeto Arquitetônico de uma Escola	Itália	DJULY DUARTE VALDO , LETÍCIA SITTA , MARINA NALLIN VIOLIN , RAÍSSA GATTERA e THAÍS FREITAS
59	AU	278	2017	CONCURSO (1LUGAR) Projeto Arquitetônico de um Teatro	Espanha	Ricardo Flores e EVA PRAIS
60	AU	278	2017	Projeto Arquitetônico de uma escola infantil	São Paulo	Gabriel Grinspum, ISABEL SPERRY , GISELA PORTO , Tomas Faria, Carlos Arrelano
61	AU	278	2017	Design de interiores de uma Corporativa	Rio de Janeiro	Sérgio Casanpao, SARAH GIROTTO e Daniel Chun
62	AU	278	2017	Projeto Arquitetônico Hospitalar	São Paulo	CÁSSIA CAVANI , RENATA BARBOSA , CAROLINA NOBRE , Guilherme Idda, Daniel Prahos, Felipe Aratanha
63	AU	277	2017	Projeto Arquitetônico de um condomínio de casas	São Paulo	Jorge Pessoa, CATHERINE OTONDO , MARINA GRINOVER
64	AU	276	2017	Projeto Arquitetônico de um escritório	São Paulo	Fábio Martis, MÔNICA PINA , SÔNIA PATO VILA
65	AU	276	2017	Projeto Arquitetônico de um escritório	Minas Gerais	Alexandre Aguirre e CAMILA PORTO
66	AU	276	2017	Projeto Arquitetônico de um escritório	Pernambuco	JULIANA SANTOS e ANA LUÍSA ROLIM
67	AU	275	2017	Projeto Arquitetônico de uma casa	Santa Catarina	Marcos Jobim, SILVANA CARLEVARO , Fedele Jobim, TALITA BROERING , KALLA BISSOLOTTI
68	AU	273	2016	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de uma casa	Paraná	BÁRBARA BECKER
69	AU	273	2016	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de um teatro	São Paulo	Thiago Bernardes, Dante Furlan, Rafael Oliveira, MARIA VITTORIA OLIVEIRA , Marcelo Dondo, ANA PAULA ENDO , MARY HELLE MODA e Flávio
70	AU	272	2016	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de um escritório	São Paulo	DANTE DELLA MANNA
71	AU	272	2016	Projeto Arquitetônico de uma casa	São Paulo	SUZANA BARBOZA , CAROLINA BUENO , MARIA CRISTINA MARTINI , Pedro Nitsche e LUA NITSCHKE
72	AU	272	2016	Design de Mobiliários	Minas Gerais	JULIANA VASCONCELLOS e Matheus Barreto
73	AU	271	2016	Projeto Arquitetônico de uma casa	Rio Grande do Norte	Alexandre Brasil, PAULA ZASNICOFF e RAQUEL ARAÚJO
74	AU	270	2016	Design de interiores de um Escritório	São Paulo	Sammer Haddad e ANA ONO
75	AU	269	2016	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de uma casa	Rio Grande do Sul	Eduardo Maumann, ELEN BALVEDI MAURMANN , PAULA OTTO , LUÍZA OTTO
76	AU	268	2016	Design de interiores de uma Corporativa	São Paulo	Jean François Imparato, Enrico Bnedetti e MARIANA GUEDES
77	AU	267	2016	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de uma casa	São Paulo	Daniilo Terra, Pedro Tuma e FERNANDA SAKANO
78	AU	267	2016	Projeto Arquitetônico de um Edifício	São Paulo	CRISTIANE MUNIZ , Fábio Valentim, FERNANDA BÁRBARA , Fernando Viégas
79	AU	266	2016	Projeto Arquitetônico de uma residência	Santa Catarina	CRISTIANE MUNIZ , Fábio Valentim, FERNANDA BÁRBARA , Fernando Viégas
80	AU	264	2016	Projeto de um playground	Libano	Ricardo Luca Confi, JOANA DABAJ e Luca Astorri
81	AU	264	2016	Projeto Arquitetônico de uma casa	Rio de Janeiro	FLÁVIA QUINTANILHA e Rodrigo Fernandes
82	AU	264	2016	Design de interiores de uma Corporativa	São Paulo	DANTE DELLA MANNA e Antônio Mantovani
83	AU	262	2016	Projeto Arquitetônico de um condomínio de casas	São Paulo	MÔNICA DRUCKER , Rubem Otero, Fausto Chino, Christian Teshirogiu, MICHELE FIUZA
84	AU	262	2016	Design de interiores de um Escritório	São Paulo	Luiz Fernando Rocco, Fernando Vidal, Douglas Tolaine, Douglas Enoki, PAULA CAÇADOR , CLARIANE NOGUEIRA , ALICE UEMOTO , Lucas Pelin
85	AU	261	2015	Projeto Arquitetônico de um Empresarial	São Paulo	Roberto Aflalo Filho, Luiz Felipe Aflalo, José Luiz Lemos e GRAZIELLI GOMES
86	AU	261	2015	CONCURSO (1 LUGAR) Projeto Arquitetônico de um Museu	Colômbia	César Becerra, Manuel de Riveiro, Fernando Puente, CATALINA PATNÓ , VIVIANA PENÁ
87	AU	259	2015	Projeto Arquitetônico de uma casa	São Paulo	Daniilo Terra, FERNANDA LIE SAKANO e Pedro Tuma
88	AU	257	2015	Projeto Arquitetônico de uma casa	São Paulo	Carlo Costa e PRISCILLA PINOTTI
89	AU	257	2015	Projeto Arquitetônico de um Complexo Multiuso	Bahia	MANUELA NUNES , LILIAN COLAVOIOPE , Francisco Aguiar e André Oliveira
90	AU	254	2015	Projeto Arquitetônico de uma igreja	Rio de Janeiro	Thiago Bernardes, CAMILA TARIKI , Francisco Abreu, Daniel Vannuchi, Thaigo Moretti, MARIA VITTORIA OLIVEIRA e ANA PAULA ENDO
91	AU	253	2015	Projeto Arquitetônico de uma residência multiuso	São Paulo	Marcio Orsi e ROBERTA GONTIJO
92	AU	253	2015	Projeto Arquitetônico de uma escola	São Paulo	Cesar Shudi Iwamizu, HELENA AYOUB , MARINA COLONELLI , Julio Checchini e Moracy Amaral
93	AU	253	2015	CONCURSO (1 LUGAR) Projeto paisagístico e Arquitetônico de uma praça	São Paulo	ROSA KLIASS , MARIA CECÍLIA BARBIERI GORSKI , Michel Tadel Gorski
94	AU	252	2015	Projeto Arquitetônico de um condomínio de casas	São Paulo	Leonardo Chen e PAULA BARTORELLI
95	AU	252	2015	Projeto Arquitetônico de um escritório	São Paulo	FERNANDA NEIVA e FERNANDA PALMIERI
96	AU	251	2015	Projeto Arquitetônico de uma casa	Rio Grande do Norte	MARIANA VILELA , Daniel Fernández, Rolf Turme
97	AU	251	2015	Projeto Arquitetônico e Design de Interiores de uma residência multiuso	São Paulo	MARIA INÉS JABUR ZERNELLA , Luciano Soares de Oliveira, KELLY FLORESTE
98	AU	251	2015	Projeto Arquitetônico de um edifício	São Paulo	Autor: Marcio Kogan / Coautora: CAROLINA CASTROVIEJO
99	AU	251	2015	CONCURSO (1 LUGAR) Projeto de residências estudantis	Panamá	Eduardo Cragli, Fábio Kassal, GABRIELA GURGEL , JULIANA GARCÍAS , Marcio Henrique Guarnieri
100	AU	251	2015	Design de interiores de um Escritório	São Paulo	FLÁVIA SUEMI e MARINA TERRA VIEL
101	AU	250	2015	Projeto Arquitetônico de uma casa	São Paulo	Greg Bousquet, CAROLINA BUENO , Guillaume Sibaud e Olivier Raffaeli
102	AU	250	2015	Design de interiores de um Escritório	São Paulo	SIMONE MEIRELLES

Fonte: Autora, 2026.Os dados também encontram-se disponíveis em planilha digital

elaborada pela autora.⁸

⁸ Disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1aFMGx3sP8YrKbTzn9dYYMDij1y2dIqla/edit?usp=sharing&ouid=112752646482006071203&rtpof=true&sd=true>